

Um Outro Olhar
Volume II

Coletânea de Homilias de J.B. Libânio, S.J.

Organização:

Marta Martins de Aguiar

Patrícia Ferreira Del-Fraro

Maria Alice de Moraes Fonseca

Capa e ilustração: Márcia Viana

Execução Gráfica:
BIG Editora Gráfica
(31) 3416.7896

3ª Edição
Maior / 2007

Contato:
Marta Martins
(31) 9611.2186
martatins@yahoo.com.br

Valéria
(31) 3461.1079
(31) 3461.5446

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida mãe, não pelo fato de ela já não estar mais entre nós, pois a sinto junto a mim mais do que nunca.

É uma forma de immortalizar a sua participação neste trabalho, que ela nem sempre entendia. Sei o quanto lhe era difícil aceitar a minha obsessão por essas homilias, que ela ouviu, às vezes, até mais do que eu. Sei também o quanto lhe foi difícil compreender as minhas constantes e prolongadas ausências.

Mas, mesmo sem entender, ela participou, na acolhida, na simplicidade do seu sorriso doce, na preocupação em dar o melhor de si, sempre.

Que junto de Deus, no grande “já” que hoje vive, ela olhe por todos nós e participe da plenitude do verdadeiro e único Amor.

Marta Martins de Aguiar

AGRADECIMENTOS

Continuamos tendo muito a agradecer. Tantos nos ajudaram, nos incentivaram, nos aplaudiram.

Alguns mais visivelmente, outros, através do apoio, da oração, do reconhecimento. A todos o nosso muito obrigado.

Cada palavra de elogio, de incentivo, de expectativa por este novo volume nos deu a certeza de que a nossa idéia teve acolhida e valeria a pena continuar investindo e acreditando.

O trabalho se torna, a cada dia, mais prazeroso, mais estimulante, principalmente pela certeza de estarmos divulgando uma nova forma de encontrar sentido na Palavra de Deus diante dos desafios que a vida nos coloca a cada dia.

Aqui deixamos um agradecimento especial à Margarida Drummond, à Nilce de Oliveira Prado Marques e Clenilce Prado Marques e, de modo muito especial e carinhoso, ao Pe. Libânio, pela sua receptividade, acolhida e disponibilidade ao nos esclarecer as dúvidas que surgiram no decorrer do nosso trabalho. Uma vez que já não existia mais o elemento surpresa, pudemos contar com a sua preciosa colaboração.

Com este novo volume, esperamos partilhar, com todos os que nos lerem, palavras de vida e sabedoria, que certamente a todos enriquecerão.

SABOREANDO O SABER

O teólogo tem muito em comum com o profeta. Não a imagem de profeta que freqüentemente é veiculada pela mídia, esse desfile de gurus e adivinhos preocupados em prever o futuro, garantir amores e afastar dores. Não. O profeta bíblico era um leitor atento da realidade. Nela percebia os sinais da presença (e da ausência) de Deus. Na caminhada do povo ele denunciava os erros, os abusos e anunciava o desejo, a vontade de Deus.

O profeta estava constantemente conclamando o povo à conversão, no sentido mais profundo. Uma mudança de rumo que levasse a todos para mais perto de Deus e, conseqüentemente, de uma vida mais feliz, porque, afinal, é para isso que fomos criados.

O Pe. Libânio é um teólogo e um profeta. Construiu a sua visão teológica fazendo a leitura atenta do cotidiano de uma América Latina explorada e oprimida em meados do século passado. Por isso a sua Teologia tem a marca da libertação.

Os fracassos e decepções (tão presentes hoje) nem por isso o fizeram amargo. Muito ao contrário. Uma de suas marcas é o bom humor que partilha, em especial nas palestras e homilias por esse mundo afora.

Esse bom humor, que não abre mão da visão crítica e da inquietude por mudanças, talvez seja fruto do seu contato permanente com o nosso povo, que sabe também fazer a sua teologia, que tem seus olhares e suas inspirações proféticas.

Há anos Pe. Libânio caminha com a comunidade de Vespasiano, na região metropolitana de Belo Horizonte. Há anos colabora na formação das pessoas e da comunidade. Há anos observa os sinais na caminhada, no jeito de caminhar e concretiza tudo isso sobre o altar, na partilha do Pão e da Palavra, na Eucaristia.

Nessas celebrações, Marta, ao contrário da outra, a de Betânia, deixa seus afazeres e está sempre atenta, ouvindo o mestre. Não se contenta em ouvir. Num pequeno gravador registra tudo o que ouve. Maria Alice e Patrícia completam essa tarefa trinitária: são companheiras dedicadas que ajudam na transcrição dos textos, na montagem final, nos ajustes necessários. Depois, podem se debruçar sobre frases e palavras, saboreando intimamente a riqueza que lhes foi oferecida.

Mas Marta e suas amigas não ficaram nisso. Logo perceberam que na dinâmica cristã, dividir é multiplicar. E as homilias do Pe. Libânio viraram livro, esse já o segundo volume, através dos quais dividem o que lhes foi generosamente oferecido.

Marta, antes de repartir seu tesouro, tem que digitar cada palavra e transformá-las em texto. Ato contínuo, muitas vezes, envia para mim, quando tenho o privilégio de ler em primeira mão. Às vezes me arrisco a mover uma palavra ou outra no desejo de adaptá-la à linguagem impressa. Há pouco o que

fazer. A rigor, o saber do mestre Libânio não perde o brilho, seja ao microfone, seja no texto.

E o saber, aqui, tem mais a ver com ‘sabor’ A nós, pois, cabe saborear.

Assim apresento a vocês o segundo volume das homilias do Pe. João Batista Libânio na Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes.

À Marta e suas companheiras, nossa gratidão. Ao mestre Libânio nossas orações. Que Deus continue a iluminá-lo e abençoa-lo em sua missão de teólogo e profeta sempre atento às páginas do cotidiano, aqui tão bem registradas.

Eduardo Machado

ÍNDICE

| | <i>Pág.</i> | | <i>Pág.</i> |
|---------------------------------------|-------------|---------------------------------------|-------------|
| 01-As três fogueiras | 13 | 32-Joio e trigo coexistem | |
| 02-Magos: diálogo inter-religioso... | 15 | dentro de nós..... | 88 |
| 03-Os batismos na vida de Jesus..... | 17 | 33-Multiplicando por palavras..... | 90 |
| 04-O chamado que desacomoda | 20 | 34-O nada se veste | 94 |
| 05-Reino de Deus: já e ainda não ... | 23 | 35-Pais da transcendência | 96 |
| 06-Sinais do Reino de Deus em | | 36-Assunção: a festa da esperança.. | 98 |
| nossa realidade..... | 25 | 37-Tu és pedra! | 100 |
| 07-Pérolas de eternidade | 28 | 38-Respeito à individualidade..... | 102 |
| 08-Sabedoria é saber com sabor | 30 | 39-A busca da interioridade | 104 |
| 09-Três dimensões de abertura | 32 | 40-A lógica de Deus..... | 106 |
| 10-Nossa tentação em ver um | | 41-A parábola dos inversos | 108 |
| Jesus diferente..... | 35 | 42-O horizonte do amor é o | |
| 11-Razão se faz com lama e luz | | infinito..... | 110 |
| na medida certa | 37 | 43-Uma matemática diferente..... | 112 |
| 12-Sinais de morte e ressurreição | | 44-A pergunta que nos move | 114 |
| no amor | 39 | 45-Deus está presente em | |
| 13-Transfigurações no nosso | | todos os amores..... | 116 |
| dia-a-dia | 42 | 46-A ação de Deus depende de | |
| 14-O sagrado é inegociável..... | 45 | nossa liberdade..... | 118 |
| 15-Somente o ser humano é | | 47-A dimensão da verdadeira glória | 120 |
| instrumento de paz..... | 47 | 48-A caminhada de Zaqueu | 123 |
| 16-Somos pastores na igualdade..... | 49 | 49-O noivo é a realidade | 125 |
| 17-A identidade do ressuscitado | 52 | 50-A felicidade de repartir | 127 |
| 18-Mães para todas as estações..... | 54 | 51-Só restará o que for construído | |
| 19-Locomotiva, trilho e destino..... | 57 | por dentro..... | 129 |
| 20-Nó de relações | 60 | 52-A originalidade da realeza | |
| 21-Amar é o verbo de Deus | 63 | de Jesus | 131 |
| 22-Nossa alegria é a alegria | | 53-Consciência e liberdade | 133 |
| de Deus | 66 | 54-Antes da ternura de Belém, | |
| 23-Transparências e limites | 68 | a aspereza de João Batista..... | 134 |
| 24-Deus age nas coincidências | 71 | 55-A força da mulher na | |
| 25-Medos | 73 | transformação do mundo | 136 |
| 26-João Batista: tradição e | | 56-Uma fé aberta para a história..... | 138 |
| profecia | 75 | 57-Natal é mergulhar no mistério | |
| 27-A Igreja precisa de Pedros | | de Deus | 140 |
| e Paulos..... | 77 | 58-Coragem para buscar | |
| 28-Abba: um Deus próximo..... | 79 | libertação..... | 142 |
| 29-A quem iremos?..... | 81 | 59-A família precisa de ritos | 144 |
| 30-Ser terra para acolher e produzir | | 60-Um dia diferente | 146 |
| frutos | 84 | 61-A grande e total presença..... | 148 |
| 31-Autoridade X Poder | 86 | 62-Deus é, Deus ama | 150 |



de alguém,
Antes que a palavra de
nossa palavra Deus já está
cheque ao presente.
ouvido (Pe. Libânio)

AS TRÊS FOGUEIRAS (Lc 2, 16-21)

Nesta última noite deste ano de 2001, já anunciando o próximo ano, quisera acender três fogueiras. Os povos antigos, quando queriam comunicar-se, acendiam no alto da montanha, alguma fogueira. Era sinal de que estavam vivos, que ali havia gente. Portanto, outros povos podiam aproximar-se.

Neste último dia do ano, gostaria de acender uma fogueira enorme, em cima de uma montanha e chamá-la esperança. Porque precisamos dessa luz que se projeta sobre todo o mundo, que ilumina todos os sinais, todas as presenças do Senhor na nossa história. Que ilumina todos os sonhos, para que possamos ver e que nunca seja noite, que nunca seja escuridão. Durante o dia, o sol, durante a noite, o fogo, acesos sempre. Iria iluminar os trezentos e sessenta e cinco dias que vamos iniciar. Que a esperança seja sempre maior, sobretudo quando estivermos em algum vale escuro da existência, num momento difícil, pesado. Que possamos erguer os olhos e ver lá em cima aquela fogueira queimando e dizendo: Deus está presente! Para os povos primitivos eram outros povos que estavam lá, para a nossa fé, é Deus que está sempre presente. Assim, nunca ficaremos abatidos, nunca ficaremos afundados na tristeza, no desânimo, no tédio, na angústia, no aborrecimento, porque neste momento bastará levantar os olhos e ler esta palavra belíssima – esperança! Dom Serafim (*) disse, repetindo uma mensagem, que a esperança é a paciência que devemos ter com nós mesmos. Essa esperança vai sempre dizer-nos: não desanimem nunca, seja qual for a situação!

Quero acender a segunda fogueira ao lado do caminho. O Senhor disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Essa fogueira vai iluminar o caminho que é Cristo. No dia em que tivermos perdido o rumo da existência, e como no momento atual está tão fácil perder - tantos jovens perdem-se e nem sabem para onde vão! – essa fogueira vai arder o ano todo para mostrar um caminho sempre novo. Se entrarmos em alguma brenha escura, poderemos olhar e ali estará a fogueira, ali estará o caminho. Voltaremos ao caminho e continuaremos a seguir. Se entrarmos em algum desvio e não virmos mais a fogueira, procuraremos com o olhar e saberemos em que lado está o caminho. O Senhor é o caminho!

Uma terceira fogueira quero acender e reacender na praça. Na praça onde as pessoas se reúnem. Talvez possam cantar, bailar, alegrar-se e jogar nesta fogueira todas as tristezas, todas as mágoas, todos os ódios. Vamos arrancar tudo de mal que tivermos em nós e é sobre a paz que vamos construir o futuro. O Papa diz que a paz, a alegria, a esperança são virtudes fundamentais de nossa existência. Ele diz que a paz é fruto da justiça e do perdão. Que ela é fruto da justiça nós já sabemos há muito tempo. E ele acrescentou essa palavrinha – perdão. Talvez porque essa palavrinha se refira diretamente a Israel. Dói-me o coração ver tanto ódio, tanta raiva, tanta perseguição, tanta morte, tanto assassinato, tanto crime na

terra em que nasceu Jesus. Essas são as fogueiras que iremos acender - a fogueira da esperança, a fogueira da paz e a fogueira da alegria. De repente vão iluminar todo esse mundo, para que, nas horas de tristeza, saibamos que existe uma praça. Lá arde a fogueira, lá também há calor e também há luz, para que nunca caia sobre nós a total escuridão, sobretudo a escuridão do desespero.

Que o ano de 2002 seja iluminado pela esperança, pela paz e pela alegria. Mas não é uma esperança fácil, não é uma paz fácil, não é uma alegria fácil. Não é essa alegria dos vinhos e bebidas. É a alegria que brota da interioridade do coração, que brota da esperança e da paz. Só quando há esperança no coração, quando há paz no coração é que pode brotar a verdadeira alegria. É essa alegria que nós temos que irradiar. É essa alegria dos pastores. A alegria de Maria, cuja festa celebramos hoje e que, no sofrimento e na angústia, na preocupação de não saber onde nasceria seu Filho, acolhia em seus braços o Filho de Deus. E essa alegria ninguém pode tirar. Nem Herodes, nem a sentença de morte, nem a crucifixão de seu Filho arrancaram-lhe essa alegria profunda que a transformou na Mãe da Alegria. É a nossa alegria!

Com essa certeza profunda, podemos começar o ano. Amém! (31.12.01)

(*) Cardeal arcebispo emérito de Belo Horizonte – MG

MAGOS: DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

(Mt 2, 1-12)

Vocês sabem que os Evangelhos da infância, isto é, os primeiros capítulos de São Mateus e de São Lucas, foram escritos depois que todo o Evangelho estava pronto. O Evangelho não começou na ordem cronológica da vida de Jesus. Houve uma inversão. Começaram pelo fim: a morte e ressurreição, depois a vida pública e só depois a infância. Por que isto é importante? Porque o Evangelho da infância é mais do que uma narração. É uma teologia, uma reflexão sobre o significado da mensagem, da missão, da pessoa de Jesus.

Neste Evangelho tão simples, nesta história que acabamos de narrar, o evangelista quer nos passar realidades mais profundas que a descrição. Ele não quer nos contar que vieram reis magos e trouxeram presentes. Isto está escrito. O que será, então, que ele quer nos dizer de mais profundo?

De onde vieram os Magos? Essa é a primeira pergunta. Vieram de um lugar onde a religião era diferente. Não era a religião monoteísta judaica. Era outra religião, de outra região. Da Pérsia ou da Ásia. Já começa na infância de Jesus o que hoje chamamos de diálogo inter-religioso. Só que agora é o inverso. Aqui são os não-judeus, os da outra religião que vêm a Jesus, ainda pequenino. É o movimento das grandes religiões em direção ao Cristo. A grande idéia que o povo judeu tinha é que o povo de Israel estaria no alto da montanha e todos os povos – diz-se camelos e dromedários – convergiriam para Jerusalém, que era o centro da fé monoteísta. O evangelista toma toda essa perspectiva do Antigo Testamento, trazendo-a para Jesus.

Hoje somos provocados ao inverso. Temos a revelação de Jesus, enquanto outras religiões estão aí nos cercando. E o Brasil cada vez mais se torna um país plural de tantas religiões, a começar pelas religiões afro-brasileiras, que são pré-cristãs, religiões indígenas e agora, as que vêm do oriente, como o budismo, zen-budismo. Enfim, hoje vivemos num universo enorme de religiões.

Então nossos braços devem ser como os braços do Menino Jesus, que busca um diálogo com essas religiões. E todo diálogo supõe duas coisas importantes. Se apagarmos a nossa identidade, não haverá diálogo. Se destrirmos a identidade do outro, não haverá diálogo. O diálogo supõe que tenhamos clareza sobre a nossa fé cristã. Mas por outro lado, tenhamos o ouvido e o coração abertos para captar, nas outras religiões, belezas e riquezas que elas podem nos dar. Temos que aprender também dos outros. Talvez nós, cristãos, católicos, nos julguemos tão auto-suficientes, que não tenhamos que aprender nada de ninguém, porque já temos a plenitude da Revelação. Nós temos Cristo, que é a plenitude, mas a nossa compreensão de Cristo não é plena. É incompleta, é histórica, está a

caminho, é defeituosa e pode ser enriquecida. Outras religiões podem nos ajudar – aí o paradoxo – a compreender melhor o próprio Cristo.

Os Magos para nós, hoje, são uma lição maravilhosa. Estão dizendo que as religiões que se aproximam de Jesus até ajudam Maria a compreender melhor o seu Filho. Depois que os Magos foram embora, na versão de Mateus, Maria conservava todas essas coisas em seu coração. Quer dizer que Maria aprendeu com a visita dos Magos. Se Maria aprendeu com a visita dos Magos, que nem eram judeus, nem da mesma religião monoteísta – provavelmente astrólogos, que acreditavam que os astros eram deuses, que comandavam o destino da humanidade – que dirá nós? Esses homens estavam longe do monoteísmo e trouxeram uma riqueza para entender o próprio Jesus.

Com essa clareza sobre a nossa identidade, podemos estar tranquilos e dialogar com todas as religiões, que elas não vão nos empobrecer. Antes, vão nos enriquecer. Para mim, esta é a grande lição da festa de hoje. Amém. (05.01.02)

OS BATISMOS NA VIDA DE JESUS ***(Mc 3, 13-17)***

Nós podemos ver, analisar e contemplar a vida de Jesus, a partir de quatro grandes batismos que Ele recebeu ou, até mesmo, sofreu. Nossa vida também é marcada por vários batismos. A vida de Jesus começa com um batismo: o batismo da água e termina com outro batismo: o batismo de sangue, morrendo na cruz. No meio, dois outros batismos: o batismo da solidão do deserto e o batismo de mergulhar-se no povo. Vamos entender um pouco esse mistério de Jesus?!

Primeiro batismo: o batismo da água. Parece tão simples dizer que Jesus foi batizado. Mas vamos olhar mais detidamente o contexto. Jesus deixou Nazaré e foi para onde João estava. São mais de cem quilômetros! E Ele não os fez em automóvel, em ônibus. São mais de cem quilômetros que Jesus percorreu a pé. Vocês podem imaginar o que significa uma pessoa andar dias e dias na solidão, no silêncio? Jesus ia trabalhando, em seu coração, a experiência que o esperava. Mas Ele deixava atrás de si alguma coisa. Diz o Evangelho: “Deixou Nazaré!”. Uma palavrinha pequenininha – Nazaré. Mas o que quer dizer Nazaré? Nazaré são trinta anos de vida. Nazaré é Maria. Nazaré são suas amigas. Nazaré é onde Ele passara a infância, a adolescência e juventude. Ele deixava o passado, deixava uma vida para trás. Não é fácil romper com a vida. Ele rompe com essa vida. E nós dizemos essa frase – deixou Nazaré – como se fosse a coisa mais simples do mundo. Eu fico pensando, por exemplo, em tantos brasileiros que conhecemos, que deixaram suas cidades e estão agora nos Estados Unidos, estão em Portugal trabalhando. É duro arrancar-se da sua terra, arrancar-se das suas relações, dos seus afetos, dos seus amores e ir para um lugar desconhecido, diferente, estranho. É realmente o início do batismo. Para sermos batizados, precisamos romper com o passado que, muitas vezes, é aconchegante. Muitas vezes deixamos nosso bairro para passarmos um ano na Inglaterra. É diferente – outra língua, outro país, outros costumes. É como o batismo de Jesus. E dizemos esta frase – deixou Nazaré – como a coisa mais ingênua do mundo. A mesma coisa quando alguém vai casar-se. Fulano casou-se – ponto final. Mas o que significa casar? É deixar família, deixar a casa, deixar irmãos, começar um trabalho, começar uma casa, arriscar uma vida com outra pessoa diferente, que antes se achava tão bonitinho, engraçadinho, e depois nunca será a mesma. De repente, leva-se um susto e, pouco tempo depois, já enjoou.

Batismo é esse romper e lançar-se a uma vida nova, diferente. Jesus vai, enfrenta. Não sabia o que iria acontecer. Deixaria uma casa e nunca mais teria outra. É diferente. Não é simplesmente a casa da sogra ou do sogro. Jesus não teria mais casa – já pensaram nisso? Quando ia a Cafarnaum, a Betânia, hospedava-

se na casa de alguém, mas não tinha casa. Em geral, dormia nas estradas, ao relento, nos desertos, nas ruas, acolhido por alguém. Vai passar vários anos sem ter casa. Não foi fácil para Ele. “Deixou Nazaré”, como se fosse uma coisinha de nada. Deixara sua segurança, a estabilidade, a vida tranqüila, serena, previsível. Poderia passar toda a vida ali e morrer com oitenta e nove anos – Jesus velhinho, morrendo de velhice. Mas não morreu de velhice. Morreu de esgotamento total de sua vida, esvaindo todo o seu sangue numa cruz aos trinta e poucos anos. Não é brincadeira! Ele já começou ali a sua morte.

Segundo batismo. Diz o Evangelho que, logo depois, Ele foi para o deserto. E deserto, naquela época, não era uma coisa bonitinha, um *ralli*, onde se pegava um carro e saía. Não foi nenhum *ralli* que Ele fez. Era deserto selvagem, com feras, cobras. Perguntem aos americanos que lutaram nos desertos iraquianos, como foram mordidos por serpentes que ficam escondidas nas areias. São víboras mortais. É a solidão, o silêncio das noites intermináveis, daquelas estrelas maravilhosas. Jesus mergulha no mistério da contemplação, do silêncio. Será que já fizemos o batismo do silêncio? Será que já fizemos o batismo da ruptura das seguranças? Será?

Ele faz um terceiro batismo: o batismo no meio do povo. Jesus viveu no meio das multidões, mas fugia muito para o silêncio, porque nunca mais deixaria de ficar tocado pelo batismo do deserto. O deserto calou fundo no coração de Jesus, de tal maneira que Ele nunca mais deixará de passar noites no silêncio. Fugirá, de vez em quando, para o silêncio, para o recôndito, para aqueles lugares onde nenhuma voz o tocava, a não ser a voz do Pai. Mas, durante o dia, mergulhava no meio do povo, pregando, falando, curando, vendo a dor, o sofrimento, as tristezas, as doenças. E os doentes vêm. Aquela quantidade enorme de doentes, como um grande hospital, como os postos de saúde de nossas cidades. Está lá Jesus, passeando nos pronto-socorros daquela época, entre leprosos, cegos, paráliticos. Parece que os homens proféticos atraem os povos miseráveis. E lá vai Jesus carregando essa multidão imensa, sendo dilacerado. Uma hora Ele se queixa que o tocaram. E diz Pedro: “Como pode se queixar que alguém o tocou, se está sendo apertado por todos os lados?” Claro que Ele falava daquela mulher que o tocara com um desejo enorme de curar-se. Ele percebe uma força sair de si. Ele sabia que era dilacerado pelas multidões e, às vezes, tinha que empurrar a barca e fugir para o mar. É o terceiro batismo de Jesus. E nós estamos cada vez mais fugindo das pessoas. Ficamos na *internet* em quartinhos fechados, tranqüilos, silenciosos, assépticos, limpos, com batas de médicos e enfermeiros, branquinhos, sem nenhum contato, nenhum cheiro. Não disse um presidente desse país (*) – que Deus o tenha na glória – que preferia o cheiro dos cavalos ao cheiro das pessoas? Será que preferimos o cheiro da *internet*, que não tem cheiro? Será que preferimos o cheiro das novelas, que não têm cheiro, mas têm

cores tentadoras? Jesus, não. Teve que ser batizado, vivendo no meio do povo, nos asilos, nas creches, nos lugares onde as pessoas sofrem, para entender este sofrimento e carregá-lo na sua carne.

E tudo isso o levou ao quarto batismo, o mais terrível de todos. Ele chega a dizer que estava desejando este batismo. Mas quando chega o momento, Ele diz: “Pai, afasta de mim este cálice!”, porque é pesado demais morrer aos trinta e poucos anos. Mas o Pai não afastou, e Ele vai morrer ensangüentado, experimentando seu último batismo, que é o batismo de sangue. Seu quarto batismo terminava na cruz.

O primeiro batismo terminara naquela grande revelação que deu coragem a Jesus para a sua missão. O segundo batismo do deserto lhe deu a experiência profunda de Deus, superando todas as tentações, que eram os messianismos falsos do seu tempo. O messianismo do povo fez com que nunca mais esquecesse as pessoas, e as carregasse no seu coração. E o último batismo, este sim, termina na esplendorosa ressurreição. Amém.(09.01.05)

(*)alusão ao presidente João Batista Figueiredo

O CHAMADO QUE DESACOMODA ***(1Sm 3,3-10,19/Jo 1, 35-42)***

A primeira leitura e o Evangelho são duas belas parábolas da vocação. São duas maneiras que a Escritura encontra para mostrar como descobrimos nossas vocações. Escolhe uma criança, a primeira palavra de uma criança, e depois de um adulto.

Na primeira parábola, a iniciativa aparece claramente na Palavra de Deus. É Ele que chama, mas a criança ainda não sabe discernir as vozes que falam dentro dela. Crianças e adolescentes têm muita dificuldade em descobrir que vozes estão falando dentro delas. O que faz uma criança, um adolescente, quando ouvem vozes interiores e não sabem quem fala? Vai procurar o sábio, o mestre, aquele que tem experiência mais profunda, aquele que está mais perto de Deus. Samuel corre para Eli – o sacerdote, o homem que morava no Templo, aquele que vivia lendo as Escrituras, aquele que entrava uma vez por ano no *sanctum sanctorum*(*), aquele que tinha acesso aos mistérios mais profundos de Deus. É aí que o menino Samuel se dirige para discernir aquilo que fala dentro dele. À primeira vista, nem Eli percebeu – isto é bonito. Não é na primeira conversa que a gente *acerta os ponteiros*. A gente pede uma orientação, vai a uma pessoa mais sábia e a primeira conversa não dá certo. Não conseguimos nos entender. Eli não entende o menino: “Vai dormir, eu não te chamei”. Duas, três vezes.

A sucessão mostra que nos construímos nos fatos. Não nascemos feitos, como um bloco de mármore esculpido por Michelangelo (**). Somos lavrados a cada dia, quebrados, cinzelados, para pouco a pouco surgir essa imagem que somos até o último minuto de nossa vida. O processo pelo qual passamos é lento. Pode chegar a anos o tempo que alguém tem para ouvir uma voz: Eli, Antônio, José, qualquer nome, que é o nosso próprio nome. Interessante é que é o nome próprio que a gente ouve. E nome para o judeu não é uma denominação extrínseca. Nome é a própria essência da pessoa. Cada um é singular. Ninguém tem o nome do outro. Mesmo que chamem exatamente José de Oliveira. Mas cada José de Oliveira é diferente, porque cada nome é a pessoa.

Portanto, nome não é uma denominação externa. Samuel é a vocação daquele menino. *El* é o nome de Deus que está escondido aí dentro. Ele percebe esse chamado interior, e naquele momento começa a responder. Samuel, é Deus que te chama! Que momento bonito quando alguém ouve de fora essa voz: “segue este caminho. É Deus que te chama! Continua neste tipo de vida, porque Deus está te falando dessa maneira. Por aí é que caminhas em direção à felicidade. Por aí encontras o que procuras”.

O Evangelho é outra parábola. Já é diferente. Não são mais adolescentes

que ouvem vozes confusas que precisam discernir. É o adulto que está seguindo o Mestre. É João Batista, é João, é André. João e André seguem João Batista. Querem ser batizados por Ele. E João Batista indica: “estão vendo aquele Homem, aquele jovem, um pouquinho mais jovem que eu? Pois bem, Ele é o Messias. Ele é o Senhor. Ele é aquele para o qual eu vim preparar o caminho. Eu vim anunciá-lo, anunciar a maneira como Ele vai iniciar a sua vocação messiânica”. E qual o ponto de partida da vocação messiânica? Olhem que bonito! É a curiosidade. Curiosidade não é vício de mulher. É o princípio da sabedoria, do avanço científico, do progresso. Quem não tem nenhuma curiosidade é quase defunto. Todos nós somos curiosos. Só que a nossa curiosidade, muitas vezes, é superficial. A curiosidade dos dois discípulos é diferente. “Onde moras?”. Olhem que pergunta bonita! Isto é: onde está com a sua totalidade, com a sua doutrina, com o seu ensinamento, com a sua mensagem, com a sua proposta, com o Reino que anuncia? Onde eu vou encontrá-lo? É a mesma pergunta de Samuel. Só que Samuel vai perguntar para Eli, e os dois discípulos perguntam a Jesus.

Se não sabemos onde Deus mora, se não sabemos onde Jesus mora, como vamos encontrá-lo? É como se chegássemos em Tóquio sem conhecer ninguém. E olhem a resposta de Jesus. Ele usa três verbos: ir, ver e ficar. Nós temos que ir. Temos que sair. Não dá para ficar parado. Se não saírem como poderão ver? Parados, não vemos nada. Sem esse movimento interior de buscar Deus, nunca veremos. Por que muitas pessoas não vêem Deus? Porque não saem do comodismo. Estão plantadas nelas mesmas. São como árvores, cujas raízes vão longe. Muitas pessoas estão plantadas, acomodadas. Como poderão ver? “Vinde ver!”. É necessário sair, caminhar em direção ao Mestre e depois permanecer. Outro verbo bonito – *permanere!* Não é apenas *manere*, um simples ficar, como os adolescentes hoje ficam. É *permanere* – ficar na perfeição, na constância, na perpetuidade. Esse *per* quer dizer plenitude, completude. Portanto, temos que ficar no Senhor, na calma, na tranquilidade, no tempo. E não ficar rapidinho. Chegar aqui na igreja, despachar um Pai-Nosso, uma meia genuflexão e disparar porta a fora. Se não permanece, não descobre e se não descobre, não vê. Se não vê, não caminha; se não caminha, fica parado.

Novamente, temos que fazer o processo de João. E termino, como já disse tantas vezes, porque gosto muito dessa frase. Encanta-me saber que esse trecho de João é algo lembrado. Ele escreve com noventa anos e ainda se lembrava da hora – quatro horas da tarde – quando encontrou Jesus pela primeira vez. Será que ainda lembramos da hora em que vimos pela primeira vez as pessoas importantes em nossa vida? João guardou o olhar de Jesus quando Ele se voltou e perguntou: “o que você está procurando?” Aqueles dois olhos de Jesus cravaram tão fundo naquele adolescente, que deveria ter dezessete, dezoito anos, que com noventa anos ainda dizia: “às quatro horas eu vi aquelas duas luzes, aquelas duas

lâmpadas dos seus olhos e nunca mais esqueci”. Amém.(18.01.03)

(*) lugar sagrado nos templos judaicos, reservados aos sumos sacerdotes

(**) grande artista italiano, que se destacou no Renascimento

REINO DE DEUS: JÁ E AINDA NÃO **(Is 8,23-9,3/Mt 4, 12-17)**

Esse pequenino trecho de Mateus, há dois mil anos de distância, tem vários *segredozinhos* que nos escapam à primeira vista. São nomes que não soam muito para nossos ouvidos, porque não são da nossa geografia de hoje. O que será que o nosso evangelista quer nos contar? O Evangelho nunca é para ontem. Ele não quer contar o que aconteceu ontem, mas quer falar para a comunidade, que somos nós. Essa é a grande perspectiva da leitura da Escritura. A pergunta é sempre essa: qual a mensagem que ele quer nos passar? E são várias. Ele joga com muitas pequenas coisas.

Ele diz que Jesus deixou Nazaré e foi para Cafarnaum. É uma mudança inocente, como se nós fôssemos de Vespasiano para Lagoa Santa? É isso? O profeta que Mateus recorda - por isso coloca o texto de Isaías - quer dizer duas coisas muito importantes. Primeiro: Jesus deixa Nazaré, uma cidade tranqüila, pacata, onde vivia a sua família para ir para o lugar mais difícil – uma espécie de corredor comercial, cultural, religioso. Jesus deixa o seu lugar de tranqüilidade para assumir uma missão mais difícil. Segundo: isso ocorreu na época em que João Batista foi preso. O que significa isso? Significa que Jesus vai para um lugar tenso, mas Ele não é covarde e nem medroso. É um momento de decisão difícil. Não é fácil para Jesus deixar a comodidade, a tranqüilidade de Nazaré para começar uma nova missão. E como Ele começa? Nessas duas *frasezinhas* – em Marcos são três, mas em Mateus são somente duas – “Convertei-vos, o Reino dos Céus está próximo”.

Jesus exige de nós uma transformação de vida, que não é mais uma coisa igual. Ele pede àqueles que vão conviver com Ele, que comecem a pensar a vida de forma diferente. Jesus não veio para que continuássemos na mesma. Para isso Ele não precisava vir. Ele veio para que houvesse uma mudança mais profunda na vida de cada um, na vida da comunidade, na vida do mundo. Esse “convertei-vos”, nós imaginamos como pecado, ir para confissão, mas não é isso! É muito mais profundo. É uma mudança que atinge todos os setores: econômico, político, cultural. É uma visão nova. Mas qual o paradigma que essa visão nova oferece? Claro que para nós não soa nada ouvir “Reino dos Céus”. A gente fala tanto em céu, anjos da guarda, acendemos velas para Santa Terezinha. Pensávamos que isso era Reino dos Céus? Primeiro, é “dos céus”, não “do céu” – aí o problema.

Os judeus - e Mateus escreve para os judeus convertidos – não pronunciavam o nome de Deus. Até hoje não pronunciam, tal o respeito. Mateus nunca iria falar Reino de Deus. Ele usa um circunlóquio para falar de Deus. Reino dos Céus não é coisa lá do céu, não. É Reino de Deus e não um Reino que está fora da

realidade. É a presença de Deus atuando na história e levando essa história à plenitude que vai para além do céu. São três coisas: é Deus atuando na história humana, fazendo com que ela caminhe como história e vá para além da história humana. A conversão é para que nos engajemos na história de nossa vida, de nosso compromisso, de tal maneira que o transformemos aqui. Portanto, não é Reino dos Céus abstraído, fugindo da realidade terrestre. É assumindo-a, não como se ela fosse a plenitude de tudo, mas uma realidade já agora, mas ainda não.

Ela já é o Reino de Deus, que está acontecendo a cada minuto, mas ainda não se revelou na sua plenitude. Essa dupla dimensão de Reino de Deus é que Jesus veio trazer para nós. Em qualquer momento de nossa vida, nós, cristãos, vivemos sempre na dupla realidade. Uma realidade que é aqui e agora, ocupando tempo e espaço e neste aqui e agora atingimos o último e definitivo, que ultrapassa esse aqui e agora. Isso é Reino de Deus. Amém. (26.01.02)

SINAIS DO REINO DE DEUS EM NOSSA REALIDADE (Jn 3, 1-5. 10/1Cor 7,29-31/Mc 1,14-20)

As leituras de hoje são muito bonitas e muito concretas, históricas para nós.

Olhando lá atrás, no Antigo Testamento, quando estudamos História, a gente ouve falar na cidade de Nínive. Diz o escritor, na linguagem popular daquela época, que era uma cidade tão grande, que era necessário três dias e meio para ser atravessada. É claro que são símbolos, números, para dizer de uma grandeza. Mas qual o ponto fundamental dessa passagem? Eles ouvem uma voz diferente. Não são religiosos, não são como o povo de Israel, que está esperando o Messias. Chega um intruso, um personagem inesperado, chamado Jonas, começa a falar e o povo ouve. Interessante, o povo ouve! Ouve porque esse homem sacode a consciência nacional e diz para eles: “Por esse caminho vocês não serão felizes!” Nessa vida desregrada, nessa vida sem ordem, sem disciplina, com drogas, criminalidade, corrupção, assassinatos de jovens, vocês não podem ir longe. Vão destruir a si mesmos. Não é Deus que vai destruir. Esse deus somos nós mesmos que nos destruímos. Quarenta dias também não são quarenta dias. Quem sabe alguns anos? Por quê? Porque nós não ouvimos a voz de alguém que diz: “Vespasiano, convertei-vos! Mudai de vida, mudai de organização social! Acordai para alguma coisa diferente, nova, com olhos que vêem o futuro. Não fiquéis aí parados, à toa, sem fazer nada, olhando o dia todo essas imagens que se sucedem, nessa pequena caixa de mentiras que chamamos de televisão. Acordai para isso!” Isso disse Jonas. Se ele viesse a Vespasiano, falaria algo parecido.

Na segunda leitura, Paulo imaginava que o fim do mundo aconteceria em breve. Com Bush (*) aí é possível que seja em breve mesmo. Se ele soltar as bombas atômicas, vamos ter o inferno nuclear e o fim do mundo virá em breve. Mas vamos imaginar que terão bom senso, irão segurá-lo e colocar alguma coisa na sua cabeça. Paulo não conhecia nada disso e imaginava que o fim do mundo ia ser próximo. E o que seria do povo se o fim do mundo estivesse próximo? Quando uma realidade muito importante está próxima, nós mesmos esquecemos o cotidiano, não é verdade? Se vocês têm um parente próximo morrendo, esquecem tudo. A urgência nos obriga a escolher o mais importante naquele momento. Toda vez que somos colocados diante de uma situação de emergência, de grande urgência, nós tomamos a decisão mais rápida e mais importante. Pois é isso que Paulo diz. Quando as situações são graves, nós temos que nos prender ao mais fundamental, ao mais importante. Nós não estamos dando conta que a situação atual é mais grave do que imaginamos. O Brasil caminha para uma

sociedade de irreconciliação, de inviabilidade social, tal o índice de criminalidade, de violência, de gravidade. Nós estamos dormindo diante disso. Não estamos percebendo. Daqui a pouco os lugares não serão nossos, não saberemos onde poderemos andar, a que horas poderemos sair. O cerco da nossa liberdade está sendo fechado. É dessa situação que diz Paulo. Vamos realmente investir no que é fundamental: crianças, adolescentes e jovens. É neles que temos que investir forte, para que não entrem no caminho da criminalidade. Nós estamos dormindo diante de tantos jovens e adolescentes que estão entrando no caminho da marginalização. Por isso Paulo vai dizer que quem está alegre fica triste, quem está triste, fica alegre. É hora de arregaçar as mangas e pensar seriamente em como criar uma juventude diferente. Como vocês – pais, mães, professores, mestres da cultura – podem educar os filhos. Vamos levar a sério este problema.

Jesus hoje abre a porta do Novo Testamento. João foi preso, fechou-se o Antigo Testamento. O *profetinha* fica na prisão, daqui a pouco vão cortar-lhe a cabeça e começa Jesus. Três frases - em grego é bonito, pois diz: “O tempo chegou em sua plenitude”. É como se o tempo tivesse amadurecido. É como se tivéssemos uma árvore cheia de caquis. Todos os caquis maduros. É hora de colhê-los. Chegou o tempo da maturidade, da plenitude. O mundo está maduro para receber o quê? “O Reino de Deus está próximo”. Em português, próximo tem dois sentidos – de espaço e de tempo. Temos dois sentidos: espacial e temporal. Pois o Reino de Deus está próximo nos dois sentidos. Espacial porque está aí. Mas o que é Reino de Deus? Qualquer judeu sabia. Mas não somos judeus. Quando Jesus disse que o Reino de Deus está próximo, todos entenderam. Claro, que de maneira diferente. Mas quando eu digo isso quase ninguém entende. São dois mil anos de diferença. O que quer dizer que o Reino de Deus está próximo? Antes eram as eleições, que acabaram. Agora é o Fórum Mundial, lá em Porto Alegre e em Davos (**). Então o Reino de Deus vai se sucedendo. É cada fato fundamental que vai chegando. Para quem está no Sul, para quem está acordado neste país, o Fórum Mundial está acontecendo. Está acontecendo alguma coisa nova. Lá está sendo gestada uma sociedade nova. Está se criando algo novo, diferente dessa rotina anódina, repetitiva. Em Davos talvez algo de novo esteja acontecendo, porque um torneiro-mecânico vai falar para a maior elite econômica do mundo. A nata da nata da economia mundial. Está sendo esperado como uma grande surpresa. Rockefeller, Bill Gates e... Lula. Veio do interior do interior em pau-de-arara. É ou não é algo espantoso? Que um torneiro-mecânico, que não fez sequer curso secundário completo, enfrente uma elite é algo surpreendente. Estão curiosos para ouvi-lo. Isto se chama sinais do Reino de Deus, porque de onde menos se espera é que brota o futuro. Está próximo.

Mas o Evangelho diz uma última coisa: “Convertei-vos!” O nosso Presidente vai defender a paz contra a guerra, vai enfrentar o grande Golias (*), que está

preparando a invasão contra o Iraque, com um maquinário que nós nem podemos imaginar. Um general americano disse que eles têm as armas mais poderosas, mais sofisticadas, que nunca foram vistas em nenhum arsenal da história humana. Vai ser aquele cenário lindo nas televisões. Matarão sem esforço nenhum, sem sequer ver. Quando a gente vê a vítima, fica com medo de matar. Mas quando não se vê a vítima e apenas apertam-se teclas num computador, a morte é muito mais fácil. É disso que temos que ter medo. A guerra não faz nada. A guerra não constrói. A morte não constrói. A destruição não constrói. É isso que Lula quer falar, ao enfrentar os *bushes* da vida. Estão querendo matar porque há dólar, há petróleo, há dinheiro, vão vender armas, a indústria armamentista vai crescer. Milhões e milhões de dólares vão ser gerados, para que se mate mais gente. Não interessa a vida. O que interessa são os dólares. Triste humanidade!

Por isso Jesus disse: “Crede na boa nova!” Eu vim trazer a boa nova, a notícia diferente. Eu vim trazer o Evangelho. Eu vim trazer a paz. Eu vim trazer o amor às pessoas. Eu vim trazer o respeito, a acolhida. Eu vim para que vocês se conheçam, se amem, se abracem e procurem um ao outro. Vivam mais tempo juntos. Não cultivem a solidão. A solidão deprime. É o inferno. Nós estamos aqui para viver juntos, para poder nos olhar sem medo do outro. Caminhar pelas ruas de nossas cidades com os olhos abertos, calmamente, olhando as pessoas, amando e sendo amados. Tão diferente o Evangelho dessa nossa realidade! Amém. (25.01.03)

(*) referência a George W. Bush, Presidente norte-americano, às vésperas da invasão do Iraque.

(**) cidade da Suíça, onde se realizava o Fórum Econômico Mundial.

(***) alusão ao governo norte-americano

PÉROLAS DE ETERNIDADE (Mt 5, 1-12)

Sem dúvida, dos temas mais falados, mais pensados, dos quais mais se escreveu são amor e felicidade. Não há um filósofo sequer, que se preze de ser filósofo, que não tenha falado do amor, que não tenha falado da felicidade. Jesus também foi um grande filósofo, um grande pensador. Também fala do amor, também fala da felicidade. Hoje nos fala da felicidade.

Jesus, para falar da felicidade, olhou e perguntou: “Será que preciso falar para os seres humanos que eles são felizes quando têm uma boa refeição, uma mesa farta com boa comida? Não. Já Epicuro (*) falou disso. Deixe, pois que os epicuristas falem disso”. Jesus continua se perguntando: “Será que preciso falar que a pessoa é feliz quando entra gloriosa num grande momento de sua vida?”. Imaginem Lula no dia de sua eleição, de sua posse. Aquele torneiro, de repente, desfilando num *Rolls-Royce*, entrando no Palácio do Planalto, aclamado?! Será preciso dizer que esse homem está feliz? Não preciso dizer porque já disseram tantos que a glória nos traz felicidade. Talvez fosse preciso dizer que é feliz uma pessoa que recebe um prêmio. Não. Isso Silvío Santos já diz, até criou o Baú da Felicidade. Será que é preciso dizer que os jovens são felizes no dia em que passam num vestibular? Não é preciso dizer, porque Pitágoras (*) vai dizer para eles, mesmo que depois de alguns meses voltem a se sentir infelizes na Universidade.

Enfim, Jesus foi olhando, se perguntando e ouviu o que tantos falaram. Talvez Ele devesse dizer que é feliz aquele que é inteligente, que chega à verdade, que faz a segunda navegação – a navegação para o Espírito, para o conhecimento, para as idéias puras. Quem sabe? Mas, não. Platão (*) já falara isso cinco séculos antes. Não era preciso que Jesus falasse. Talvez felizes fossem os cientistas que fazem pesquisas, que gostam de examinar as coisas concretas. Mas não, logo depois de Platão, Aristóteles (*) já dizia. Para que então falar que são felizes essas pessoas? Todos sabem que elas são felizes.

Jesus quer falar algo que ninguém nunca falou. Pelo contrário: achavam que eram infelizes. Aquela pessoa que, de repente, se sente despojada, é um pobre de espírito. Tantas vezes usamos essa expressão: “É um pobre de espírito, medíocre, pequenino!”. Pois bem, este é feliz, porque Jesus, o Filho de Deus, sabe que o Pai vai estar bem próximo. Ninguém vai saber disso. É uma felicidade que transcende e atravessa todas as coisas.

Há também aquela pessoa que, em certo momento, está afligida, está acabrunhada. Caiu-se-lhe uma dor, um sofrimento, uma morte. Todos dizem: “Ela é infeliz!” Não. Felizes aqueles que sofrem, porque serão consolados. “Eu – Deus – o consolarei. Eu enxugarei as suas lágrimas”. É tão lindo quando uma mãe enxuga as lágrimas do seu filho. Parece que o filho se ilumina e fica feliz,

porque a mãe enxuga as suas lágrimas. Imaginem vocês que não será o pai ou a mãe que enxugarão nossas lágrimas. Será Deus, será o Infinito, a Trindade. É o amor sem limite que vai nos abraçar e essas lágrimas nunca mais rolarão das nossas faces, porque se transformarão em pérolas de eternidade.

Lembremos agora aquele homem violento que consegue o que quer, que quando derrota o Iraque aparece feliz na televisão (**). “Felizes os pacíficos, os que constroem a paz, os que não sabem o que é uma vitória numa guerra. Eles, sim, possuirão o Reino de Deus”. Nós imaginamos que são felizes os grandes generais, os grandes vitoriosos nas guerras. O Senhor diz que não são eles os felizes. Os felizes são os que vão colocando uma *pedrazinha* de paz nesse Reino pelo mundo inteiro.

E aquele juiz severo que vai punir o criminoso? Aquele advogado que sorri de alegria porque vai ganhar uma causa, porque colocou na cadeia aquela pessoa, talvez um criminoso, talvez não? O Senhor diz: “Não é felicidade que sente aquele juiz, aquele advogado que vence uma causa. Bem-aventurados os misericordiosos porque eles alcançarão misericórdia”. Quanta diferença!

Felizes são estes jovenzinhos que vão pela vida, folheando todas as “*Playboys*”, vendo essas mulheres mais bonitas do mundo, bebendo. Que maravilha! Vivem rindo, gargalhando com seus colegas pelas ruas. O Senhor diz: “Este não é feliz! Felizes são os puros de coração, porque não verão obras bonitas, verão a Deus!” É diferente!

Agora sim, vale a pena falar de bem-aventuranças e talvez a mais difícil de todas. Todos nós queremos ser louvados, acolhidos. É importante. É a felicidade do mundo. Qualquer *Freud* sabe, qualquer psicólogo sabe que precisamos ser acolhidos, estimados, ter auto-estima. Isso, em qualquer *divãzinho* de setenta reais, lhe dirão. Chega o Senhor e diz: “Bem-aventurados os perseguidos, quando disserem contra vós mentiras, quando o caluniarem. Aí sim, exultai-vos, que grande será a vossa recompensa no Reino de Deus!”.

Valeu a pena que Jesus fizesse esse Sermão, porque as nossas bem-aventuranças são bem diferentes. Amém. (30.01.05)

(*) referências a filósofos gregos

(**) referência ao presidente americano George W.Bush

SABEDORIA É SABER COM SABOR

(Mt 5, 13-16)

Hoje o Senhor nos brinda com duas metáforas, tão simples que atravessam praticamente todas as culturas. Muito antes que Jesus falasse que o sal dá gosto, que o sal preserva, os humanos já sabiam disso. Muito antes que Jesus dissesse que a luz ilumina e que as trevas são perigosas, os humanos também já sabiam. A metáfora de Jesus tem uma ancoragem, por assim dizer, cósmica e antropológica. Cósmica porque se apóia na natureza. Qualquer pessoa que conheça o que é sal vai entender logo a expressão “Vocês são sal da terra”. Qualquer pessoa que tenha uma idéia de luz, que não é totalmente cega, vai entender essa metáfora. Portanto, ela não tem nenhuma novidade. É uma metáfora cosmológica e antropológica, isto é, da nossa experiência humana. Mas Jesus não se contentou com isso. Ele foi mais longe. Há aí a sagacidade, a inteligência, a profundidade do nosso Cristo.

Quando Jesus fala que somos sal da terra, vai além do sabor, da preservação. Se formos consultar essa linguagem, em bom português, o verbo saber tem dois sentidos. Saber pode ser conhecer. Eu sei, por exemplo, onde fica Vespasiano. Eu sei, eu conheço. É o verbo saber no sentido mais comum. Mas saber também se aplica à comida. Se você for convidado para um jantar e quiser gastar um português bonito, até mesmo num exame vestibular, numa redação, poderá dizer que aquele jantar soube bem. Esta comida sabe bem, isto é, tem gosto. Saber e sabor têm a mesma etimologia. Por aí vai o caminho de Jesus. Saber/conhecer e sabor/gosto têm a mesma origem: o verbo latino *sabere*. Isto quer dizer que o saber deve ter gosto. Não deve ser insosso. O saber, não a comida, mas o conhecimento, deve ter sentido para nossa vida. Daí vem a palavra sabedoria. Sabedoria não é qualquer conhecimento. Não são essas aritméticas, matemáticas que vocês estudam para o vestibular ou para tirarem o segundo grau. Isso é importante, mas não tem sabor. Passam o dia inteiro trabalhando e depois ainda têm que estudar. Ficam cansados. Esse saber cansa. Faz porque precisa. É importante, mas não tem sabor.

O saber tem sabor quando é fruto de uma experiência refletida, trabalhada e transmitida. Por isso qualquer pai, qualquer mãe é sal, no sentido que passa para o filho uma experiência que se trabalhou no seu interior, tornando-a saborosa. Para que o filho, ao comê-la, sinta o sabor daquele conhecimento. Aí há sabedoria. Não é qualquer conhecimento. O Senhor diz que nós somos sal da terra porque espera que aquilo que vamos transmitir às pessoas seja algo que, de fato, dê gosto à sua existência, dê sabor, ajude e dê sentido à sua maneira de viver, que dê prazer de existir. Todo conhecimento que dá prazer para existir é

um conhecimento saboroso. Isto é ser sal.

Mas o Senhor não se contentou com o sal. Ele foi mais longe. Escolheu outra imagem. A imagem, a metáfora da luz – “Vós sois a luz do mundo!”. Claro que a primeira idéia que imaginamos de luz é a oposição às trevas. João diz que as trevas não conheceram a luz que é o Senhor. As trevas nunca vão conhecer essa luz interior que temos da nossa fé. Trevas são as pessoas fechadas, trancafiadas, por onde não entra luz nenhuma. Essa pessoa, claro, não vai estar aberta à luz nenhuma. Ela mesma se fecha numa sala escura.

Vou de novo para a etimologia. Os seres humanos, quando escolhem palavras, não escolhem arbitrariamente. Quando criamos metáforas, não criamos arbitrariamente. Ninguém vai dizer que uma pessoa tem a ternura de um espinheiro. Nunca vi um espinho terno. Só usamos metáforas que permitam serem usadas. Quando os seres humanos criaram a palavra Deus, até mesmo antes de Jesus, onde vocês acham que se inspiraram? Quantas vezes a pronunciamos: vai com Deus, fica com Deus, graças a Deus! Será que algum dia pensamos qual é a experiência fundante desta palavra? Qual é a matriz? Qual é o grito primal que fez com que as pessoas dissessem Deus? Deus vem de *dies* – é luz do dia. Isto quer dizer que um povo, uma cultura – não sabemos quem – de repente, na escuridão de sua existência, encontrou alguma coisa mais profunda e viu uma luz maior e disse: Deus! Daí em diante, vamos todos, em cascata, repetindo esta palavra.

Quando Jesus diz: “Vós sois a luz do mundo!”, está dizendo para nós “Vós sois Deus para o outro!” Olhem que beleza! Somos deuses para o outro. Somos aquele que aponta para uma Transcendência, para uma luz maior. Não é essa luz comum que acendemos, que um ladrão pode roubar. Nem mesmo o sol, que todo dia se levanta, mas muitas vezes as nuvens o cobrem. Não. É uma luz que não há nuvem que consiga cobrir. Não há CEMIG (*) que consiga desligar. É a luz que reflete, que brota de nossa interioridade, que brota de nossa experiência de Deus, do nosso conhecimento profundo dele, brota de todo esse Mistério que celebramos. Brota dessa celebração que estamos fazendo aqui.

Quando formos luz para as crianças, luz para os filhos, luz para os catequizandos, luz para os adultos, luz para as pessoas com quem convivemos, seremos Deus para essas pessoas. Amém (06.02.05)

(*) Companhia Energética de Minas Gerais.

TRÊS DIMENSÕES DE ABERTURA (Mt 6, 1-6.16-18)

Ouvindo essa narração vocês até acham graça, não é verdade? Hoje ninguém tem coragem de rezar em público. Mas deixemos como Jesus falou, porque Ele falava para a sua época. Era uma época religiosa, uma época de cultura, em que a religião era a maneira de as pessoas se auto valorizarem. Por isso o Senhor falou assim. Vamos traduzir para nós.

Vou inverter um pouco a ordem e começar pelo jejum. O que é o jejum? Evidentemente tantas pessoas jejuam atualmente, sobretudo as jovencinhas, as mocinhas bonitas, para poderem ficar *giselamente*(*) bonitas. Guardam o seu jejum, comem pouco. Claro que não é desse jejum que Jesus fala. Nem desse fenômeno que acontece com muitos adolescentes, que ficam anoréxicos, isto é, perdem a fome, não têm vontade de comer, ficam mascando chicletes. Claro que também não é desse jejum que Jesus nos fala. E nem a fome do pobre. Então o que é jejum? Se não é anorexia, se não é malhação para ficar bonito, se não é a fome, o que é jejum? Olhem irmãos, o que nós temos mais próximos de nós! O corpo, já repararam? Nada é mais próximo de nós do que o corpo. A roupa já é menos, mas ajuda o corpo. Nós carregamos o corpo por todos os lados. Você se levanta e o corpo também se levanta, você se deita e o corpo se deita, você caminha e o corpo caminha. Se caminhássemos sem o corpo, seríamos lobisomem, fantasma. Jesus fala dessa realidade que carregamos sempre conosco. Quando fala de jejum, Ele quer que sejamos senhores dos nossos corpos. Não que o corpo nos leve, mas que nós levemos o corpo. Olha que inversão bonita! Muitas vezes parece que o corpo nos leva. Nós corremos atrás do corpo, ao invés do corpo correr atrás de nós. Quando é que corremos atrás do corpo e quando o corpo corre atrás de nós? Nós corremos atrás do corpo quando o corpo é atraído rapidamente. Coloca-se a comida e voamos sobre ela. É o corpo que corre. Quem só olha o corpo, não sabe jejuar. Se vemos qualquer coisa que nos fascina, logo saímos correndo atrás. Corremos atrás da droga, do sexo desvairado. É o corpo que corre. Não aprendemos a jejuar.

Jejum é o domínio, é a serenidade. É dizer: eu quero entregar esse meu corpo para as pessoas, para ajudá-las a crescerem. Como o pai, como a mãe que se colocam ao lado do filho para que ele cresça. É isso que é jejuar. Jejuar no tempo, jejuar dos nossos caprichos, jejuar de tudo aquilo que impede que nós sejamos para o outro. Outro dia eu li um fato, desses corriqueiros, mas que me tocou muito. Uma mãe, como tantas de vocês, tinha um filhinho pequeno. Ela passava pela rua, esbarrou numa pessoa. Desculpou-se gentilmente e continuou seguindo. Era fina, bem educada, pediu logo desculpas. Chegou em casa e vem o

filho, trazendo-lhe uma surpresa. Ela o rejeita, empurra-o. A criança sai chorando. Ela começa a pensar e reflete que a um estranho tratara bem e ao filho empurrou. Tratou mal o filho, que tinha preparado um ramo de flores para recebê-la. Quando ela vê o filho chorar ao lado das flores, cai em si e aprende que não era senhora de seu corpo. Isso é jejuar. É tratar bem as pessoas mais próximas, o que às vezes é o mais difícil. Para que tanta irritação? É que não sabemos jejuar. Não esse jejum de deixar a barriga vazia, roncando. Jesus não gosta dessa fome, mas Ele ama quando o nosso corpo serve ao outro.

Pegando um exemplo bem próximo de nossa comunidade, ontem eu visitava uma enferma que infelizmente está nos seus últimos dias de vida. Essa mulher, jovem ainda, próxima da morte, tem como única preocupação as pessoas que irá deixar, os velhos que eram assistidos por ela. Não se preocupa um minuto sequer consigo, com a sua saúde, com a sua partida. O seu corpo parte para o Senhor, porque ela tem liberdade de se entregar. Porque, em sua vida, só pensou em ajudar aquelas pessoas desprezadas. Alguém, na hora da morte, pensar naquelas pessoas que estão largadas e não pensar em si é muita pureza, é muita riqueza espiritual. É isso que é jejuar. Esse é o grande jejum que Deus espera de todos nós. Que esse corpo se gaste pelos outros. Que não poupemos a nossa beleza que irá desfazer-se num caixão. Que nos façamos através do amor, do carinho, do abraço, da acolhida, da ajuda às pessoas. Aí sim valerá a pena adquirir rugas no rosto. Agora, as pessoas que poupam a saúde só para si, gastam a saúde nos desvarios da existência, na falta de sentido, no vazio, nunca aprenderam a jejuar.

Orar, isto eu já sei: “Ave Maria, cheia de graça...” Para isso Jesus não precisava vir à Terra. Orar é muito mais. “Fecha a porta do teu quarto, entra no teu interior”. Será que algum dia já fechamos a porta do nosso coração para mergulhar no seu interior, no mistério que nós somos? Se não, nunca rezamos. Rezar é entrar na profundidade de si mesmo. É encontrar Deus lá no fundo. Ele é. Ele não está. Ele é. Ele faz com que eu seja. Ele faz com que meu ser exista. Quando eu esbarro com a causa última da minha existência, com o Mistério maior, eu mergulho no silêncio, na serenidade, na tranquilidade. Por isso jejum e oração se somam. Quem não reza, dificilmente tem paciência, tem serenidade, enfrenta a vida, enfrenta os problemas, enfrenta a morte de uma mãe, que chega antes da hora, enfrenta todas as dificuldades.

Mas não basta rezar *papagaiamente*. É preciso mergulhar no silêncio de Deus. Quando eu imagino Deus, imagino um oceano gigantesco no qual mergulhamos e bebemos do azul profundo. Esse é o mistério maior de Deus, é o grande Mistério. Rezar é tocar as fímbrias de Deus.

Esmola, já sei: puxar a carteira, abri-la. É fácil. Bill Gates (**) dá milhões, que nenhum de nós pode dar. Ele sozinho dá mais esmola que nós todos a vida

toda. Mas não é isso o que Jesus quer. Esmola é abrir o coração para os pobres de Deus. Sempre a mesma jogada. Eu dou esmola quando eu paro e olho para a pessoa. A maior esmola que posso dar é o meu tempo, é a minha acolhida, é o meu amor. Porque a coisa que mais vale para nós é o tempo. *Time is money* – tempo é dinheiro. Tempo: eu quero gozar, eu quero viver. Dispor de tempo é sinal de muita coragem.

É isso que o Senhor pede. Que jejuemos os nossos corpos, a oração do Mistério e a esmola da abertura do coração para o outro. Assim passaremos uma Quaresma bonita e vamos passar dos folguedos carnavalescos para as propostas maiores que o Senhor nos coloca. Amém. (09.02.05)

(*) referência a modelo gaúcha, Gisele Bündchen

(**) milionário americano, proprietário da Microsoft

NOSSA TENTAÇÃO EM VER UM JESUS DIFERENTE (Mt 4, 1-11)

Essas foram as tentações de Jesus que nos disse Mateus. Eu gostaria de interpretar de outra maneira, creio que coerentemente.

Se vocês repararem bem, este Evangelho é colocado no início, logo depois da infância. Parece que vamos ter essa tentação, ao ler os Evangelhos: de ver Jesus de uma maneira que não é aquela como Ele quer ser visto.

Tentação, no fundo, no sentido mais simples, é testar, provar alguém. Aqui está cheio de jovens que são tentados continuamente: provas para o vestibular, provas nas escolas, nas universidades, entrevistas, exames, perguntas na aula. Essas são as tentações. Somos provados no modo de falar: você pronuncia mal, comete erros de português, atropela a sintaxe, a gramática. Somos testados continuamente. Tentação é condição humana. Não precisa diabo, *capetinhas* para tentar. É próprio da condição humana sermos tentados, provados, testados continuamente. Até para viajar. Chegamos no aeroporto e vemos *check-in*, traduzindo em português: teste. Vêm se a passagem é verdadeira, se o rosto é o mesmo do passaporte, carteira de identidade. Conferem a assinatura. Somos testados o dia todo e nenhum de nós protesta.

Somos testados para quê? Aí vem o problema sério. Somos testados para mostrar e provar o melhor de nós. É o Espírito Santo que nos testa e nos prova na nossa verdade. É para isso que somos testados. Vocês são testados nos exames para a verdade do conhecimento, são testados no emprego para mostrar o melhor do que têm para o desempenho do seu cargo, da sua profissão. É isso que nós mostramos.

Há também uma tentação no sentido meio antigo: quando falseamos a nossa verdade. Quando mentimos, primeiro para nós mesmos, e quando mentimos para os outros. Quando é que mentimos para os outros? Quando vestimos o nosso ser com aquilo que não é dele. As coisas não são o nosso ser. As coisas não são para vestir o nosso ser. Para isso só precisamos da pureza, da transparência. Quando eu não tenho coragem de mostrar o meu ser, eu preciso das coisas. Preciso de um carro grande para mostrar minha importância. Preciso de um andar solene. Aí sim, está a mentira de mim mesmo. Quando eu preciso do triunfo para mostrar quem eu sou, descendo do pináculo do templo, qual *batman*, atravessando a história, todos vão aplaudir e me aclamar. Eu não sou isso. Sou o cotidiano, o dia-a-dia. Sou esse serviço mínimo. Ou será que preciso mostrar que sou uma coisa tão grande? “Eu te darei todas as coisas, se me adorares!”. Vou fazer uma festa, onde todo mundo vai olhar para mim. Vou ser o centro do mundo. O meu eu, na sua pequenez, essa é a minha verdade. É isso que aconteceu e acontece

conosco a respeito de Jesus.

Queríamos um Jesus *fazedor* de milagres. Ele fez. Lendo o Evangelho, posso pensar que a verdade de Jesus é fazer milagres, muitos milagres. Satanás aproveita isso e joga no rosto de Jesus: “a tua verdade, Jesus, é transformar pedra em pão”. Jesus diz: “Não, Satanás. Essa não é a minha verdade. Isso é mentira. Vai-te, Satanás! A minha verdade é a palavra que sai da boca de Deus. Eu vim dizer para vocês qual o caminho da salvação, qual o caminho da verdadeira felicidade, qual o caminho do bem, da justiça, da beleza, do amor, da fraternidade, da paz, da solidariedade. É para isso que eu vim. Eu não sou um mago, não sou feiticeiro. Você queria que eu fosse, mas eu não sou. A minha verdade é outra”.

Satanás volta a tentar: “Você, Jesus, andou sobre os mares, não é verdade? Parecia até um fantasma. Os apóstolos tiveram medo. Seria lindo se você descesse do alto do Templo e todo mundo o aclamasse. Essa é a tua verdade! Vieste para aparecer na mídia, para ser glorificado e aplaudido”. “Não, Satanás. Não é essa a minha verdade. Minha verdade é o serviço simples. É acolher a grande pecadora, é conversar com a samaritana, é receber Nicodemos numa noite escura, bater um papo com ele, é repousar na casa de Marta e Maria, é conversar com os apóstolos, ignorantes, analfabetos. Não frequentei Atenas, não falo grego direito, não posso dar uma aula, não posso ir a Roma. Quem sou eu para falar com o imperador? Se alguém for investigar, pelos documentos da história profana, não vão saber sequer que eu nasci. Diocleciano, sim. Marco Antônio, sim. César Augusto, sim. Os imperadores todos. A mim, ninguém conhecerá pelos anais da história. Saberão aqueles que me amarão, crerão em mim, escreverão o Evangelho. Por isso, Satanás, não vou descer do pináculo do Templo”.

Essa a nossa tentação: querer um Jesus mago, vaidoso. Mais ainda, queríamos um Jesus que dominasse todas as coisas. “Eu te darei todas as coisas”... Tudo é teu, Jesus! “Não. A única coisa que eu quero são as pessoas. Nem a liberdade delas eu vou tirar. Se Judas não quiser a minha amizade, não a terá. Depende da liberdade dele. Não forçarei. Não obrigarei ninguém a fazer nada por mim. Este sou eu. É esse Jesus que eu quero ser, Satanás! Vai-te embora, porque eu quero que as pessoas me conheçam de um modo diferente”. Amém. (13.02.05)

RAZÃO SE FAZ COM LAMA E LUZ NA MEDIDA CERTA (Jo 9, 1-41)

Este Evangelho de João é uma grande parábola da nossa história pessoal e da história da humanidade. Uma grande diferença entre os evangelistas é que os outros, que chamamos sinóticos – Marcos, Mateus e Lucas – se aproximam mais da descrição do que acontece. João conta os fatos olhando para uma reflexão mais longínqua, mais profunda, como uma grande história. Os pormenores para João não são descritivos, mas simbólicos. Não descrevem o que aconteceu, apontam para o que significam. O que quer apontar essa parábola tão bonita? É a nossa caminhada na história. Cada um de nós pode se reconhecer nesta história.

É interessante o contraste entre a cegueira e a visão. Podemos ser cegos por duas razões. Cegos, como diz o Evangelho, de nascença. Portanto, nunca vimos. Eu acho que somos cegos de nascença, quando somos muito próximos do animal. Toda vez que nos aproximamos mais do animal, ficamos mais cegos. Quanto mais formos animais, mais cegos seremos. Por que cegos? Porque a luz da razão foi bruxuleando e apagando e deixou entrar a força motriz do instinto. O que faz com que passemos da cegueira do instinto para a luz da razão? São os símbolos, as verdades, as belezas. Cego é quem não sabe ver símbolo, quem não sabe apreciar a beleza da vida. Cego é aquele que não sabe reconhecer que, na história humana, há uma quantidade enorme de sinais da presença de Deus entre nós.

Mas, interessante, é que João brinca conosco. Ele é inteligente demais. Quando quer nos fazer ver, portanto, nos arrancar desse mundo do animal, ele pega o barro, a lama e tapa os nossos olhos, como, se tapando os nossos olhos com a lama, pudéssemos ver melhor. Como é possível o barro fazer ver? Essa é a pergunta que eu me fazia hoje. Sabem como? Quantas vezes são situações dolorosas, situações de barro que nos levam a encontrar a verdade! Vamos pegar o caso que nos chocou tanto e que já repeti tantas vezes aqui: a queda das torres (*). Já viram tanto barro como naquele dia? Tanta poeira, tanta terra, tanta sujeira, que dizem até que a poeira pairou sobre Nova York por vários dias. Foi essa areia, essa sujeira que abriu os olhos de muitos americanos. Quando olharam para aqueles milhões de dólares desaparecendo em minutos, eles se perguntaram: de que vale toda essa riqueza, se não sabemos amar? Quando eles não viram nada naquela poeira, aí sim, eles viram. Vários de nossos irmãos que foram seqüestrados, também eles não viram nada. Tiveram os olhos vendados muitas vezes, estiveram metidos em calabouços. E aí viram muito mais. Viram a pequenez de sua vida. Vejam aquele grande empresário das comunicações – Washington Olivetto – saiu do cativo, dizendo: “Agora vou cultivar minhas afeições, minhas amizades, minha família, meus amores maiores”. Por que ele

precisou ficar cego para ver? É isso que João nos diz: a lama que cai sobre os nossos olhos é que nos faz ver. Não é essa poluição de lama, de corrupção que cai sobre o Brasil que está abrindo os nossos olhos? Não é ela que vai nos ajudar a ver mais claro a campanha política deste ano? Exatamente tudo isto está acontecendo: aquela montanha de dinheiro escondida (**), toda essa corrupção, essa sujeira imensa. Não é isso que está abrindo os nossos olhos?

E o Siloé? Onde está a fonte para lavarmos a sujeira e podermos ver? É a fé, é o lugar da comunidade, com os nossos encontros, as nossas reflexões, a nossa consciência crítica. Há muita sujeira que nos obriga a ver.

Mas há outro lado. Sabem quando também ficamos cegos? Quando há luz demais. Quando, por exemplo, saímos de um lugar escuro e encontramos um holofote fortíssimo, ficamos totalmente cegos. A luz, em excesso, cega. O barro faz ver, a luz cega. É impressionante este contraste. Qual é a luz que cega? A luz da nossa razão, quando perde o sentido profundo da totalidade do ser humano, da totalidade da história e sua relação mais profunda com a fé. Quando a razão se mete a pensar que é onipotente, absoluta, que conhece todas as coisas, que é capaz de reduzir todas as realidades às suas luzes, neste momento a razão cega.

Certa vez um colega fazia uma palestra, quando uma jovem, estudante de biologia, com aquela razão, aquela luz maravilhosa das pesquisas biológicas, levanta-se e diz: “Professor, o senhor tem fé e fala em religião. Nós sabemos, pela Biologia, que vamos conseguir vencer a morte. Vamos criar pessoas imortais, porque iremos descobrir os genes da morte. Então para que serve a fé e a religião?” Tanta luz, tanta pesquisa que só serviu para cegar essa pobre estudante, jovem pesquisadora. Ela ignora o mais fundamental do ser humano: que a razão é uma parte do nosso ser. Nós somos muito mais que essa razão. Somos busca, somos afeto, somos Espírito, somos pontes para a eternidade, pontes para o Infinito. Não somos apenas essa razão agarrada aos microscópios. Para que tanto olhar sobre esse quase nada que somos nós? Os microscópios e telescópios não vêem a beleza de uma criança, o esplendor de uma consciência, não conseguem definir o que é o amor, não vêem a maravilha de uma liberdade. A razão onipotente, o excesso de luz nos cega, não nos deixa ver. É a razão humilde, a razão que conjuga com as outras realidades do ser humano, é essa a razão que nos faz ver.

Os dois extremos: excesso de animalidade cega, excesso de razão cega. A razão do ser humano não nos faz sair da realidade, mas nos abre também para outras paragens diferentes, que só a razão não consegue ver. Existe uma realidade maior que a razão nunca vai desvendar totalmente, que é o Mistério Absoluto, é o Senhor da história e de todas as coisas. Amém. (10.03.02)

(*) referência ao atentado de 11.09.01, em Nova York (Estados Unidos).

(**) referência ao episódio ocorrido no Maranhão na pré-campanha eleitoral de 2002.

SINAIS DE MORTE E RESSURREIÇÃO

NO AMOR (Jo, 11, 1-45)

É um milagre cheio de pormenores. Agora vem a grande metáfora deste milagre. Para mim, é uma metáfora da vida humana, é uma parábola do nosso existir.

Quem foi que morreu? Morreu o amor. Por que o amor? Porque Lázaro era amado por Jesus. Maria e Marta eram amadas por Jesus. Eles também amavam a Jesus. Morreu o amor. Mas antes de morrer, ficou doente e disso avisaram-no: “Aquele a quem tu amas, está doente”. É como se alguém dissesse ao esposo, à esposa, ao namorado ou à namorada, ao amigo: “Aquele que tu amas está doente de falta de amor. Aquele que tu amas começa a vacilar, está doente. Parece que o amor está titubeando”. Passados alguns dias, o amor morreu. Mas Jesus não recuou, esse o grande problema. Porque não tem volta - o amor morreu. E segue aquela frase bonita de Marta: “Se tu tivesses estado aqui, ele não teria morrido”. Quem é esse tu, que se tivesse estado lá, não teria deixado morrer o amor? No milagre, é Jesus. E na parábola de nossa vida, quem é esse tu que, se tivesse estado lá, naquele momento em que o amor estava bruxuleando, estava falhando, ele não teria morrido? Quem é esse tu? Ele é o símbolo, é o mistério, é a transparência, é a gratuidade. Vamos passar um por um.

É o símbolo. Se na relação entre os dois, o símbolo estivesse presente, o amor teria vencido, não teria morrido. A morte do símbolo é a primeira doença do amor. E, logo em seguida, ele morre também. Por que o nosso amor precisa de símbolos? Porque o símbolo faz o nosso amor ser bonito. É o símbolo que colore o amor, que o arranca da vulgaridade, da sua materialidade, do seu egoísmo, da busca sôfrega de prazer, do agarrar e pegar o outro, do segurar e possuir o outro. O símbolo é divino, é delicado. O símbolo é a ponte para a Transcendência. Que diferença quando um namorado chega perto da namorada e traz uma rosa e quando simplesmente a agarra como se fosse uma coisa! Percebam a diferença! O símbolo quer nos lembrar que somos seres simbólicos, vestimos tudo de símbolos. Como a nossa roupa. Esse símbolo roxo da minha túnica quer dizer que nos aproximamos da dor. O símbolo das toalhas, das velas acesas, que às vezes bruxuleiam e até apagam para dizer que a nossa fé pode ser levada pelo vento e desaparecer. Vivemos cercados de símbolos para que lancemos pontes para o Transcendente. Arranquemos os símbolos e seremos animais! Vocês já viram uma vaca simbólica? Já viram um cachorro ter símbolo? Nós, não. Precisamos de símbolos, porque quando morre o símbolo, morre o amor.

E quando morre o mistério? Mais profundo ainda. Quando morre o mistério, aí morre tudo. “Senhor, aquele que tu amas, está enfermo”. Senhor, aquele que

tinha amor, agora já não acha graça no amor, não acha nenhuma beleza em nada. Perdeu o encanto. Ficou plano, como uma quadra de basquete, onde todos pisam, sujam, não tem profundidade nenhuma. Não tem a profundidade das águas dos oceanos, não tem a beleza de um mar, a grandeza de uma montanha, mas tem a planura das coxilhas gaúchas, onde os olhos se perdem na monotonia. Quando o mistério acaba, acaba o amor. “Senhor, aquele que tu amas, está enfermo. Aquele que tu amas, morreu. Se tu tivesses estado aqui, ele não teria morrido!” Se o mistério estivesse nas nossas relações, se o mistério permeasse os nossos olhares, se o mistério guardasse os nossos encontros, nossos amores não morreriam tão facilmente. Não nos separaríamos tão facilmente. Depois de um, dois anos de casados, vem uma moça chorando, me dizer que no namoro era tão diferente, no noivado era tão diferente. Acabou o mistério, porque não havia mistério. O mistério é eternidade. Não acaba. O mistério, eu dizia hoje na aula de Teologia, é aquela realidade que quanto mais conhecemos, mais queremos conhecer, porque nos seduz, nos atrai. Por isso queremos sempre conhecer mais. Quando alguém não quer mais conhecer outra pessoa, quando cansa daquela pessoa, é porque morreu-lhe o mistério. Uma pessoa é sempre novidade para nós. Um filho pequeno é sempre surpresa para a mãe. Quando uma criancinha pequena já é enjoada para a mãe, quando ela já não suporta o seu choro, a criança cessou de ser mistério para essa mãe. Morreu o amor. Também de mãe, também de pai, morre o amor. Todos os amores humanos morrem quando o mistério não os atravessa, não os perpassa, não os envolve, não os alimenta, não os fertiliza.

Morreu a transparência. Outra morte terrível. A transparência é a possibilidade de eu falar a verdade. Não ter que esconder nada. Quando dois se amam não precisam medir as palavras. Se não podem dizer certas coisas, porque senão o amor morre, já morreu há muito tempo. Não precisam esperar, porque a morte já veio. Falta só aquilo que Marta disse: “Já cheira mal”. Só falta o fedor, porque a morte já aconteceu. Há muitos amores que ainda não cheiram mal, porque ainda não passaram os quatro dias da corrupção. Quando passarem, sentirão o cheiro desse amor morto. Por isso as pessoas se separam, passam do amor ao ódio. Quantos casais, depois de poucos anos, não podem nem se ver? Amaram-se, geraram vidas e, de repente, não se olham mais. É exatamente isso: ninguém quer ficar com um cadáver em casa, porque cheira mal. Como Marta é inteligente! Ela percebeu que o amor morto cheira mal.

Mas Jesus vai mais longe. Ele sabe que o amor, o mistério, a transparência, a transcendência podem ser ressuscitados. “Se creres, Marta, teu irmão viverá!” O que é crer? Na etimologia, crer é dar o coração – *cor-dare* – entregar o coração. O amor só ressuscita quando os dois, de novo, se amam transparentemente, *mistericamente*, não misteriosamente. *Mistericamente*, se olham nos olhos e aí se entregam de novo. Renasce o amor. Soa a voz de Jesus: “*Lazare, veni foras!*”

– Lázaro, saia para fora! Saia, amor morto! Saia pelo olhar, pelo gesto, pelo toque, pela palavra, pelo carinho, pelo abraço. Saia, volte, reapareça! Essa voz de Jesus é capaz de arrancar o morto do túmulo. Aí diz Marta: “Senhor, eu creio que tu és a ressurreição e a vida!”.

Que vocês se encontrem com o Senhor, quando o amor morrer, porque Ele é a ressurreição gratuita. Amém. (12.03.05)

TRANSFIGURAÇÕES NO NOSSO DIA-A-DIA (Lc 9, 29-36)

Depois de tantos anos de pregação, eu sempre insisto muito: o Novo Testamento não é história. Histórias são temas de Joaquim Silva, destes livros de escola, destas apostilas de vestibular: “... era uma vez Napoleão, César, os ditadores todos, talvez o próprio Bush, o presidente de um país chamado Estados Unidos da América”. Não precisa vir o Filho de Deus para nos contar isso.

A Bíblia está cheia de símbolos e o símbolo é a coisa mais linda que existe. Não é imagem. A imagem destrói o símbolo. Por isso quanto mais vocês virem televisão, menos sensibilidade terão para o símbolo. Guardem essa frase de um velho teólogo! Quanto mais imagens vocês virem, menos capacidade simbólica vocês terão. Mais tontos e bobos vocês se tornarão. Por quê? Porque a imagem rompe, coloca diante de nós a realidade e achamos que a realidade está aí e não se tem nada mais em que pensar. Por isso ela nos faz tontos e bobos. Porque nos veda pensar. O símbolo produz o pensar, produz reflexão, produz caminhar para a frente. O símbolo lança um pedacinho para que a gente descubra outras coisas.

Vou dar dois exemplos bem simples. Vocês vão andando de automóvel, vêem o sinal vermelho. Não precisam pensar nada. Param o carro porque senão serão multados. Isso não é símbolo porque não é preciso pensar nada. Agora se, de repente, vocês andassem de carro e encontrassem um buquê de flores, poderiam pensar: será que é alguém que foi atropelado aqui – uma mocinha – e o namorado trouxe flores? Será que algum pacifista entusiasmado com a paz trouxe flores para que até o asfalto tivesse flores? Teriam que pensar, porque não é um sinal, mas símbolo. Diante de uma imagem que vocês vêem na televisão, não têm que pensar nada. Vêem bombas, tiros e mais tiros. Pensar o quê? Só precisa olhar, porque não é símbolo.

Agora vocês olham para esse altar, esse conjunto todo. É simbólico. Olhem agora para a transfiguração. Não é imagem, é símbolo. É símbolo daquele Homem que está conversando com Moisés e Elias. Está falando de quê? Está falando da morte. E quando fala da morte, Ele brilha. Olha que símbolo este: na hora em que fala da morte, Ele brilha! Quando Deus fala de morte, não fala de cadáveres, caixão. Pelo contrário, quando Ele fala da morte, Ele está esplendoroso. É possível que existam na nossa vida experiências de morte e, de repente, de dentro dessas experiências, brota uma alegria, brota vida. Transfiguração!

Vou pegar um fato simples do Evangelho: aquele pai com sua menina de doze anos esticada na cama, morta. Ele chama Jesus, apressadamente. Ele vem, toma a menina pela mão e diz: “Menina, levanta-te!”. A menina abre os olhos e

começa a andar. O que acontece com aqueles pais? Morte/Vida. Jesus naquele momento transfigurou-se pra eles. Era o mesmo. A transfiguração foi toda aquela cena com aquele casal triste porque perdera a sua filha. De repente a filha está viva e eles ficam fascinados com esse Homem.

Ontem falava também em outro exemplo tão lindo da transfiguração de Jesus, porque é muito atual. É aquele rapaz, Zaqueu. Era ladrão, como existem tantos nos Tribunais, nas Câmaras, nos Ministérios. Pequenininho, coitadinho. Sobe na árvore para ver Jesus, porque é claro que sabia que Jesus nunca iria olhar para ele. Jesus vira-se, olha para cima e diz: “Zaqueu, desce depressa porque eu vou comer na tua casa!” Imagino o que aconteceu para Zaqueu: a transfiguração de Jesus. Aquele Jesus que ele esperava que fosse acusá-lo, de repente diz: “Vou jantar na tua casa!” Mudou o corpo de Jesus? Não. É o mesmo Jesus. Essa, a verdadeira transfiguração.

Outro fato lindo, que para mim também é uma transfiguração de Jesus, foi quando Pedro traiu Jesus. Pedro devia estar *na pior*, na maior depressão, como diria a psicologia moderna, embora naquela época ninguém conhecesse Freud (*). Pedro estava lá embaixo. Tinha traído o Mestre diante de uma *funcionariuzinha* que estava na portaria do palácio de Herodes. Já não merecia nem olhar para Jesus, pois estava certo que seria desprezado. Estava morto. Jesus passa de um lugar para outro, já machucado, cuspidado, em chagas. Mas os olhos de Jesus ainda estavam brilhantes. Jesus volta-se para Pedro e olha. Só olha. Diz o Evangelho que Pedro sai e chora amargamente. Transfigurou-se Pedro, transfigurou-se Jesus. É isso a transfiguração.

Querem outra mais bonita que essa? Querem ver transfiguração na vida de vocês? Quantas vezes vocês estão lá embaixo, de repente chega alguém e tudo muda. Imaginem um casal. O esposo teve um dia difícil. Está *na pior, azedíssimo*. Chega em casa, encontra aquela esposa, sorridente, perfumada que olha para ele, dá um abraço. O que aconteceu, senão uma transfiguração? Não é outra coisa. E vice-versa. Haverá a vez dela estar abatida, aborrecida. Chega em casa, encontra o filho pequeno que a recebe com uma flor. É a vez do filho ressuscitar a mãe. Transfiguração!

Posso falar infinitos exemplos. Apenas um mais para terminar. Ontem houve uma cena bonita aqui na nossa igreja. Eu estava sentado ali e aí estava um menininho de sete, oito anos. Levantou-se e sentou-se do meu lado, na cadeira que estava vazia, porque faltara um coroinha. Mostrou pra mim um desenho que trazia. Na hora da leitura do Evangelho, pedi que ele carregasse a vela. O *meninozinho* postou-se circunspecto, como um adulto de quarenta anos. Mas o mais lindo é que na hora da consagração, ele sai sozinho, chega aqui em frente do altar, ajoelha, coloca-se de mãos postas e mergulha no Mistério de Deus.

Querem transfiguração mais bonita? Como essa criança, com um coração tão

pequeno, consegue lançar uma ponte para o grande Mistério? As nossas crianças estão mais perto do Mistério de Deus do que as nossas fantasias poluídas de televisão. Amém. (16.03.03)

(*) fundador da Psicanálise

O SAGRADO É INEGOCIÁVEL (Jo 2, 13-22)

Ouvindo esta leitura, vocês não podem dar-se conta em qual parte do Evangelho está narrado este fato. Isso para mostrar, exatamente, que o Evangelho trabalha sempre em dois níveis: o nível do fato e o nível do significado.

Esta cena é narrada pelos sinóticos – Marcos, Mateus e Lucas – imediatamente antes da morte de Jesus, portanto, no final de sua vida pública, praticamente na semana em que Ele vai morrer. João coloca no capítulo segundo, portanto no começo. E daí? Por quê? Ou foi no fim ou no começo. Não dá para ser no fim e no começo. Temos um fato e temos um horizonte, uma espécie de panorama de toda a vida de Jesus.

O fato, provavelmente, aconteceu no final da vida de Jesus. Foi um gesto profético e que acelerou a sua condenação. Poucos dias depois, Ele é condenado à morte. Foi um gesto de tal força, que tal impacto causou nos fariseus, que eles não suportaram mais a presença de Jesus e o condenaram à morte. Isso se chama gesto profético. Aquele gesto que não anuncia o futuro, mas fala do presente, analisa-o, denuncia. E diz aos homens que o presente não pode continuar assim. Isto é que é profecia. É olhar para uma coisa velha e dizer: “Não pode continuar assim!” Ou como disse João Paulo II: “Presidente Bush, não fale mais em nome de Deus! Não invoque Deus para aprovar a guerra. Não blasfeme!” (*). Isso é ser profeta. É pegar um fato presente e denunciá-lo.

Profeta não é aquele que vai adivinhar o que vai acontecer daqui a vinte, quinhentos anos. Isso é para os videntes. Vocês sempre vêem na TV Globo, em todo 31 de dezembro. Está sempre cheio de videntes jogando aquelas pedrinhas, descobrindo o que vai acontecer. O profeta não. Ele olha a realidade. Jesus olhou para a Jerusalém do seu tempo, do seu dia e viu aquela comercialização do sagrado e denunciou de uma maneira rigorosa. E por que João colocou no começo? Essa é a pergunta. Porque este não foi um gesto único na vida de Jesus. Foi uma maneira de compreendermos o mistério da sua própria vida.

O que quer dizer “expulsar os vendilhões”? É um ato físico de pegar realmente umas cordas e colocar as pessoas para fora? Certamente foi, mas não é isso o mais importante. Olhem a frase mais importante: “Não façam comércio do sagrado!” Vamos pegar esta frase e pensar um pouco sobre ela.

O que é o sagrado em nossa vida? Todo valor, toda realidade que vale por ela mesma – justiça, paz, amor, benevolência, convivência - são sagrados e não podem ser objetos de comércio. É muito profundo. Nós vivemos comercializando, fazendo negócio com essas coisas, como se pudéssemos negociar a paz. Paz não se negocia, paz se realiza, porque tem que ser realizada. Paz vale por ela mesma. Não se vende uma paz, não se compra uma paz, não se troca uma paz. Um esposo entra em conflito com a esposa, e aí começam as barganhas. Eu lhe dou

isso, você me dá aquilo. O sagrado não se negocia! Não comercializem com o sagrado! Amor, paz, justiça não são objetos de comércio. São dados gratuitos. Valem por eles mesmos.

Quando Jesus diz isso, faz com tal força que é como se tomasse um chicote e dissesse para todos nós: “Quanto comércio vocês fazem com as coisas sagradas! Quantas vezes barganham!” Quantas vezes, espontaneamente, a mãe diz ao filho: “se você estudar, eu lhe dou uma bicicleta no fim do ano”? Quanto comércio vocês fazem com seus filhos! É o momento do chicote de Jesus.

Não se faz comércio com as experiências, não se faz comércio com o carinho das crianças. Não se faz comércio com a namorada. É sério o chicote de Jesus. Nós vivemos numa sociedade que quer comercializar tudo – a beleza, o amor, a gratidão, o carinho, o cuidado com os anciãos - e dizemos: vamos comercializar, porque esse ancião vai deixar uma boa herança. Cuidemos bem dele, para depois *rapar o tacho*. Não é por aí que vai.

Jesus pega o chicote e expulsa todos os vendilhões do Templo. Em geral, os templos estão cheios de vendilhões. Nenhum de nós escapa dessa tentação de comercializar afetos, comercializar as crianças, os amores e qualquer realidade que vale por ela mesma. Isto se chama valor autônomo, porque não vem de fora. Nós só podemos fazer comércio daquelas realidades que recebem seu valor de fora – são as coisas. Só coisa recebe de fora o seu valor. Pessoa, não. Essa é a grande diferença. A pessoa vale pelo que ela é. Não depende da idade, nem da beleza, nem da cor do cabelo. Nada de material consubstancia ou realiza o que uma pessoa é.

Essa é a lição desse Evangelho de hoje, e ficamos só pensando em Jesus expulsando os vendilhões do Templo. Isso é muito secundário, se entendermos a verdadeira mensagem do Evangelho. Amém. (22.03.03)

(*) referência à invasão do Iraque pelos Estados Unidos.

SOMENTE O SER HUMANO É INSTRUMENTO DE PAZ (SI 137/136)

Uma palavrinha sobre o salmo. Eu nunca faço reflexão sobre os Salmos, mas este é belíssimo.

Talvez muitos de vocês não tiveram experiência semelhante. Temos que imaginar que o salmo foi escrito quando os judeus estavam no exílio. Eles foram arrancados de Jerusalém e levados para a Babilônia. Sabem onde é a Babilônia? No Iraque. Para lá foram levados – para o Iraque de hoje. Que coincidência, não? De lá, eles olhavam com uma saudade imensa para Jerusalém e diziam: “Deus, é preferível que a língua se cole ao céu da boca, a que eu me esqueça da minha cidade de Jerusalém!” Olhem que beleza! E, de fato, tantos anos depois, eles voltam e constroem o grande Templo, que depois foi destruído pelos romanos e do qual, até hoje, só existem ruínas. Essa foi a triste história daquele povo.

E agora são outros povos que vivem a mesma tristeza. Quem sabe alguns iraquianos estejam rezando este salmo: “Que a língua me cole na boca, Bagdá, se eu me esquecer de ti!”? Os iraquianos, espalhados pelo mundo inteiro, têm os seus olhos voltados para a sua cidade, que está sendo esfaqueada pelas bombas e, agora, pela anunciada, famosa, fatídica bomba-mãe – mãe da morte e não da vida. Vocês, mães, deveriam organizar um protesto, pois chamar uma bomba de mãe é uma ofensa a todas as mães. Vocês deram a luz foi à vida e ela dá a luz à morte. É a maior ironia, é a maior zombaria, o maior sarcasmo contra vocês, mães, chamarem uma bomba de mãe. Mereceria um protesto mundial: “Arranquem este nome, porque somos mães a vida e não da morte!”.(*)

Não podemos deixar de falar da guerra. É impossível. Não podemos ficar alienados, pensando em jogos, que a seleção perdeu ou ganhou de Portugal. Que isso tem a ver com o que está acontecendo neste mundo? Não sei se vocês leram um artigo muito bonito que foi publicado no “Estado de Minas”, de autoria de Antônio Roberto (**). Ele diz que a guerra já está fazendo males, alguns irreparáveis, sejam aos iraquianos, sejam aos soldados americanos. Mesmo os soldados americanos não são maus. São crianças iludidas, enganadas, que pensam que vão salvar o Iraque. Vão para lá como salvadores. Foram iludidos, tal é a alienação do povo, tal é o engano que a televisão americana passa. Estão convencidos de que vão para uma missão salvadora. É como os nossos missionários, quando vão para a África anunciar o Evangelho. São capazes de morrer pelo Evangelho. Só que esses soldados não vão anunciar o Evangelho da vida, vão anunciar a morte e a destruição. São pobrezinhos. Um deles disse: “Eu não sei porque o povo não nos acolhe com alegria!” Perguntaram a um jovem iraquiano o que ele acha dos soldados e ele responde: “Eu os odeio”. E eles

pensam que são os grandes benfeitores, que irão salvar o Iraque. Pobrezinhos, também merecem a nossa misericórdia, também merecem o nosso abraço, porque nos braços de Deus todos viverão. Mas merecem muito mais o nosso abraço as vítimas civis, que não têm nada a ver com a guerra. Essa guerra, como dizia esse articulista, já está fazendo o seu mal.

Agora vem a coisa mais profunda. Há um mal maior que não vai atingir só o Iraque. Vai atingir a todos nós que estamos aqui. Não é o dólar, não é o petróleo que vai ficar caro, não é o custo de vida. O mal é muito mais profundo. O mal maior que nos assola é descrermos do ser humano. É não termos mais esperança, é não acreditarmos mais, é acharmos que o ser humano é isto que está aí: planejando bombas, sofisticando a tecnologia para matar. Nós imaginamos que todos os seres humanos estão nos laboratórios americanos planejando a morte, ganhando e enriquecendo-se pela morte. Pensamos que são todos assim, como os *beiramares*(***) da vida.

Guardem essa *frasezinha*, de quem tem cabelos brancos: nas fases difíceis da vida, os acontecimentos acordam em nós o que há de melhor. Precisamos ter olhos, ouvidos, corações atentos, para descobrirmos a ação de Deus. E, percebendo a ação de Deus nos acontecimentos, poderemos ser instrumentos de paz, de misericórdia para quem sofre ao nosso lado. Amém. (29.03.03)

(*) referência à recente invasão do Iraque pelos Estados Unidos

(**) Antônio Roberto Soares, colunista mineiro do jornal “Estado de Minas”.

(***) referência ao traficante carioca, Fernandinho Beira-Mar

SOMOS PASTORES NA IGUALDADE (Jo 10, 1-10)

As imagens e os símbolos nos levam a pensar. As imagens nunca são transparentes, e todas as vezes que as entendemos ao pé da letra, elas nos induzem a equívocos. A imagem do pastor é bonita, mas é perigosa. Ela é bonita, é romântica, é rural, e as pessoas se identificam sempre com algum pastor que as conduz, que as dirige. Mas ela é perigosa. Por que é perigosa? Porque nos coloca sempre numa situação de inferioridade e não é isso que Jesus nos quer passar. Porque a ovelha, em relação ao pastor, é quem só obedece, só segue. O pastor é que vai à frente com o cajado, que dá as ordens. Temos a impressão de que há um pastor a nos comandar.

Isso ainda é mais grave em relação ao povo brasileiro e vou basear-me num dos maiores e mais conceituados antropólogos do Brasil – Roberto Da Matta. Ele diz que um dos traços marcantes do brasileiro é que ele não sabe ver ninguém como igual. Guardem isso, pois é muito sério e nos leva a pensar. Nós não somos capazes de ver as pessoas no mesmo nível que a gente. Ou as vemos como inferiores, ou como superiores, mas nunca como iguais. Isso ficará ainda mais forte agora, uma vez que vamos viver um ano eleitoral.

Isso nos leva a duas atitudes muito perigosas. Primeiro a atitude de dependência, atitude de quem espera dos outros a solução, atitude de quem, passivamente, aguarda o correr da história. A história não se constrói passivamente. Outro lado também ruim é o dos que se sentem donos da história. Julgam que criam, que fazem a história. E nós falamos assim, o que é pior. Quando perguntamos quem construiu Brasília, todos respondem: Juscelino Kubistchek. Ah, sim, ele era pedreiro? Ele trabalhava com asfalto? Ele construiu casas? Não sabia que Juscelino fosse uma pessoa capaz de fazer de tudo. Os operários não fizeram nada? Só dormiram? É assim que pensamos. Que coisa terrível! E a mesma coisa com o tal pastor. O padre é pastor, o ministro é pastor, o pai é pastor. Que tristeza! Olhem bem o que diz o Evangelho: “O pastor é aquele que conhece a sua ovelha pela voz”. Portanto, supõe-se uma igualdade radical. Usando uma expressão de Leonardo Boff: “o pastor é aquele que sabe cuidar e todos somos pastores em relação ao outro”. Se começarmos a pensar assim, vamos mudar as nossas relações. Sabe quando somos pastores? Quando sabemos cuidar da outra pessoa. Quando o nosso olhar se volta para o outro, não como superior que quer dominar, governar, orientar, dirigir, mas como aquele que quer captar o sentimento, o afeto, a necessidade, o problema do outro. Para fazer dele o nosso problema, e nós dois juntos, como iguais, de mãos dadas, caminharemos pela história.

O grande símbolo para mim de pastor é a mãe. A mãe é a primeira pastora. Não porque ela é superior ao filho. Ela se coloca na igualdade, até mais: é aquela que cerca, aquela que dá de mamar. Ela está passando a sua substância para o filho. Portanto, não é superiora, pois ela coloca a sua vida dentro da vida do filho. Este é o grande modelo de pastor. Não aquele que está com o bastão, batendo, empurrando as ovelhas para dentro do redil. Essa imagem pode modificar profundamente as nossas relações. Diria mais. Todo encontro humano é uma relação pedagógica. Todo encontro, sem exceção. Positivo ou negativo. Vocês entram num ônibus, passam pelo cobrador. Essa relação é pedagógica. É pedagógica negativa, porque pagam e vão embora como se ele fosse simplesmente uma máquina trocadora de dinheiro. Nós reduzimos o cobrador a uma máquina trocadora de dinheiro. Essa relação de desprezo faz mal, pois mantém a inferioridade. Agora, se você dá o dinheiro, volta-se para ele, agradece, você constrói uma relação. Você é pastor. Vocês saem do ônibus, depois de uma viagem enorme, pegam a mala com pressa, passam pelo motorista e nem olham. Vão embora. Essa relação é pedagógica de desprezo, de não-reconhecimento em ver alguém que, por oito, dez horas, nos conduziu através das estradas. Mas se você se volta para ele, lança-lhe um olhar de gentil agradecimento, você é pastor. Se pensarmos e passarmos a considerar toda relação como pedagógica, vamos mudar profundamente a nossa vida. Toda relação pode nos fazer bem ou mal. Aí vamos repetir o que dizia Roberto Da Matta: olhamos de cima ou olhamos de baixo.

Ainda ontem fui dar uma palestra em Teresina. Cheguei ao aeroporto e lá estava uma multidão esperando um senhor deputado qualquer que, provavelmente, não conhecia nenhuma daquelas pessoas que o ovacionavam. Eu olhei aquilo e me lembrei de Roberto Da Matta. Como essa multidão toda veio aqui para aplaudir um homem que nem sabe de onde vem nem para onde vai?! Onde estaria o olhar de igualdade? Não havia nenhum. Nenhum político, nenhum presidente é mais do que nós. Somos iguais na radicalidade. Somos criaturas, somos filhos de Deus. Somos destinatários da salvação, somos seres que carregam a dignidade imensa da existência. Ninguém nos deu a existência e ninguém pode no-la tirar. O maior dom é dado por Deus, esse dom infinito da existência. Não dependemos de ninguém no sentido do existir. Dependemos sim para crescer, para nutrir. Não uma dependência servil, que pode abater e destruir, mas uma dependência do olhar que completa, que cria, que constrói. Se começarmos a nos ver, começando pelo olhar, seremos pastores uns dos outros. A começar pelas crianças que, com seus braços pequenos, com seus sorrisos, nos humanizam. Elas nos constroem, elas nos civilizam, elas nos convertem. Elas são pastoras. Que o digam as mães, como suas vidas mudaram depois que se tornaram mães.

É isso que Jesus quer nos dizer. Vamos tirar de nossa cabeça esse complexo terrível de submissão ou de superioridade. *Ambos os dois, conjuntamente juntos*

– guardemos o pleonasma – destroem a nossa humanidade. Só a igualdade, só o pastoreio mútuo, só o saber cuidar um do outro é que nos faz humanos. Amém.
(21.04.02)

A IDENTIDADE DO RESSUSCITADO (Jo 20, 19-31)

Lendo este Evangelho vocês pensaram que eu estivesse fazendo uma descrição, vendo os apóstolos tocando Jesus, não é verdade? É fácil crer assim. Será que os apóstolos, para verem Jesus, o fizeram porque os sentidos viram ou porque o coração da fé viu?

Quando é que vemos Jesus? Também nós tocamos Jesus, também nós tocamos as chagas de Jesus, também nós apalpamos Jesus, vemos seus pés, suas mãos. Claro que vemos. Então somos iguais aos apóstolos. A nossa fé tem o mesmo fundamento, a mesma certeza, a mesma clareza que a fé dos apóstolos. Eles não foram mais nem menos privilegiados do que nós na experiência da ressurreição. Todos nós aqui experimentamos.

Vocês não estão vendo Jesus aqui no nosso meio? Por que vieram aqui? Vieram para um *shopping-center*? Vieram fazer compras? Vieram assistir a algum filme? Não. Vieram porque acreditam e se acreditam é porque Ele está vivo. É a nossa experiência da ressurreição. Por isso os apóstolos estavam reunidos. Porque acreditavam. Quando acreditamos, nós vemos. Claro que não é com os olhos dos sentidos, não com a mão dos sentidos. Não com o tato, não com o olhar. Vemos é com o olhar mais profundo. Muito mais profundo, muito mais penetrante, que vai muito mais longe - é o olhar da fé e do amor.

Se eu olho alguém com o olhar dos sentidos, não vejo nada. Só vejo um rosto. Vocês acham que a gente vê alguma coisa com os olhos? Eu olho vocês e vejo alguma coisa? Vejo corpos e nada mais. Mas com o olhar da fé, com o olhar do conhecimento, com o olhar do amor, eu vejo uma vida, eu vejo uma mãe que luta pelos seus filhos, eu vejo a pessoa. Eu começo ver as pessoas. É assim que a gente vê. Imaginamos que vemos com os olhos, é a grande ilusão que temos. Os apóstolos também não viram Jesus ressuscitado com os olhos da carne, porque não adiantava nada vê-lo com os olhos da carne. Os soldados estiveram diante do sepulcro e não viram nada. Os fariseus não viram nada. Os saduceus não viram nada. Herodes não viu nada. Pilatos não viu nada. E nunca veriam nada. Milhares de pessoas nunca verão nada.

Jesus pode estar aqui, com seus braços abertos, que não o veremos. Jogaríamos até pedras, mandaríamos que fosse embora porque não são estes olhos que vêem Jesus. É isso que temos que colocar na nossa cabeça. É a fé que ilumina os olhos. Com os olhos iluminados pela fé, perceberemos experiências cada vez mais bonitas. Todo esse conjunto de símbolos que percebemos.

Por que as chagas? Por que Jesus mostrou a sua mão? Para dizer que Ele é o mesmo que sofreu e morreu. Não é outro. É isso que significam as chagas. As

chagas não são materiais, não são físicas. Elas são simbólicas. É a identidade da pessoa. É como se cada um de nós tivesse uma marca bem profunda e aí encontrássemos alguém que duvidasse que éramos nós. Poderíamos dizer: “Olhem esta marca!” Por isso, quando vamos fazer um documento, procuram a nossa digital. Porque pela digital somos reconhecidos. Cada um de nós tem a sua digital e a digital não é física. É a digital de nossa história, de nossos sentimentos, de nossos afetos, de nossas experiências, de nossas relações, de tudo que construímos. Essa é a nossa grande impressão digital. É essa que o Senhor leva de nós e é por essa que vai nos reconhecer. Não haverá nenhum passaporte físico para entrar no céu. Passaporte é o Batismo, é a Eucaristia, são os atos de justiça, de fraternidade, de caridade que praticarmos ao longo de nossa vida. Essa é a nossa impressão digital, a nossa identidade.

Assim, da mesma maneira, quando Jesus disse: “Olhai as minhas chagas!”, Ele queria dizer: “Eu sou o mesmo que nasci de Maria, trabalhei, lutei, cresci e morri numa cruz!”. É a identidade de Jesus que este símbolo da chaga quer nos mostrar e não a fisicidade. Não vamos colocar nenhuma mão na chaga de Jesus, mas vamos reconhecer nele o mesmo que morreu por nós. Na sua identidade única, como nós temos uma identidade única. Nós somos absolutamente insubstituíveis.

É por isso que o Cristianismo não consegue, de forma alguma, entender a reencarnação. Nós temos uma identidade tão profunda que não podemos voltar, não podemos ser outro, não podemos encarnar em outro corpo. Nós somos a nossa história, tudo que construímos de amor na nossa vida, todas as relações que fizemos, que estamos fazendo e que faremos, com as quais constituiremos o nosso próprio ser. Como então, eu posso ser substituído por outro? Como podemos encarnar em outra coisa se somos tecidos pelo Pai como teia de relações?

Assim também é Jesus. Só o crucificado é o ressuscitado, só o ressuscitado é o crucificado. Ninguém tem a chaga. A sua chaga era única, porque era a chaga de quem amou, de quem entregou a sua vida, de quem dedicou-se totalmente ao serviço. É isso que Ele mostrou aos apóstolos e pede que nós sejamos testemunhas de que Ele entregou a vida por nós e nós entregaremos a vida pelos outros. Amém. (03.05.03)

MÃES PARA TODAS AS ESTAÇÕES (Jo 10, 11-21)

Naturalmente quando planejaram o ano litúrgico não podiam saber que esse domingo seria o domingo das mães. Isso não é critério litúrgico. Prepararam as leituras conforme o ritmo normal. Interessante coincidir a leitura do bom pastor com a festa das mães. Coincidência. Mas toda coincidência ajuda-nos a refletir. Será que haverá relação entre o bom pastor, como Jesus mesmo se chamava, ou podemos pensar a mãe dessa maneira, como aquela grande pastora?

Eu sou mais realista e não gosto muito de me perder em poesias. Nessas poesias tão em voga, essa onda *prozacquiãna* (*), que vê tudo bonito. A mãe como aquela coisa linda, maravilhosa só no dia das mães. A realidade da mãe é bem diferente e há vários tipos de mães, como escrevi no *jornalzinho* da comunidade: “Mães para todas as estações”.

Há várias estações de mães. É pena que essa mãe mais poética, mais bonita se torne cada vez mais rara. Essa mãe da qual eu não preciso dizer, porque Jesus disse de si mesmo – aquela que dá a vida por seus filhos, aquela que se desdobra, como nas poesias que as crianças dizem nas escolas. Mas e quando uma mãe joga o seu filho num automóvel, o que vocês pensam dessa mãe? É mãe. E aquela mãe que teve a sua criança e a jogou no rio Tietê (**)? É mãe, igualmente mãe. Como comparar com essas que dão a vida? E essas mães que se separam, largam os seus filhos para quem quiser? Também são mães. Mães que matam, destroem a criança também são mães.

Cada vez mais vamos percebendo que realmente a vocação de mãe é tão bonita, tão difícil que poucas mulheres estão agüentando ser mães hoje em dia. Preferem, muitas vezes, serem profissionais. Preferem, muitas vezes, andar por este mundo, fazer grandes viagens e deixar seus filhos entregues a alguma tia, avó. Quantas avós criam os netos? E onde estão as mães? As avós não geraram os netos, mas quantas vezes eu vejo aqui na igreja, a avó trazendo o neto. Onde estão as mães?

Temos que começar a pensar seriamente. Não é um problema das mães. É problema da cultura, da sociedade. Freud já dizia, talvez uma de suas teorias mais profundas, que uma das relações mais difíceis que existe é a relação mãe e filho. Não é uma relação fácil, uma relação que flui como um rio. É uma relação conflituosa, cheia de arestas. Uma relação muito difícil. Por que é muito difícil? Porque os dois extremos são perigosos. Quais são os dois extremos que destroem a criança? A mãe supermãe, superprotetora. E porque essa mãe destrói a criança? Ela pensa que é a grande mãe, que não deixa a criança nem andar. A criança mal começa a andar, e ela a toma nos braços para que não possa ferir-se contra

as pedras. Parece aquele anjo que deveria esperar Jesus pular do pináculo do templo. É a mãe que não deixa a criança nascer para o mundo, para a história. Não deixa a criança crescer, não deixa a criança ser ela mesma. Vigia durante todo o dia, dominando, protegendo. E por que destrói a criança? Porque a criança cria dentro de si um complexo terrível de que ela não vale nada, porque a mãe faz tudo. A mãe escolhe a roupa, penteia o último fio de cabelo, leva pra cá e pra lá. A criança vira um bonequinho, uma espécie de bibelô. É duro ser mãe, deixando de ser cárcere daquele afeto que saiu de si, para que este mesmo afeto cresça e volte numa relação madura, interpessoal e não abarcadora.

O outro extremo também é perigoso. A mãe que desconhece o filho. A mãe que renega. A mãe que prefere outras coisas, que, no fundo do seu coração, não ama o filho. Eu já ouvi muitas vezes nesta sala aqui atrás (***) jovens dizerem: “Minha mãe não me ama!” O mesmo já ouvi de muitas mães. Mas eu entendo que esse filho, essa mãe não percebem o amor que se tenta passar. O que faz uma mãe para que o filho perceba essa relação de não-amor? O que ela passa? Alguma coisa ela passa porque a criança não mente. O olhar da criança, o olhar do filho não se engana, como o olhar da mãe não se engana. Quando um filho diz que a mãe não ama é porque não ama mesmo. Não ama, naturalmente, naquela perspectiva que ele espera. É esse o mistério. Espero não estar assustando vocês. As flores, as poesias vocês vão ganhar nos presentes e nos cartões. Mas é preciso refletir.

E há um terceiro tipo do qual eu entendo muito bem: a que não sabe colocar limites para os filhos. É uma ideologia que se criou no Brasil de que o pai é o que castiga, enquanto a mãe protege. Isso destrói a criança. Porque ela é criança e não sabe que parâmetro deve seguir. A mãe vai dizer sempre sim e o pai sempre não. Hoje qualquer psicologia barata, de qualquer manual que vocês comprem em bancas de jornais, nos ensina que pai e mãe, ambos, são referências fundamentais. O homem precisa ter ternura e vigor e a mãe precisa ter ternura e vigor. Uma mãe não é uma massa amorfa com a qual a criança pode mexer de qualquer maneira. Ela tem que ser firme na forma de colocar valores, porque se ela não passar valores, quem passará? As professoras nas escolas, sobrecarregadas e mal pagas, já cansadas e neuróticas de tanto dar aulas? Elas estão louquinhas para irem embora para casa. São as mães que passam os grandes valores.

E como passarão esses grandes valores? Pela clareza com que se vive. O sim é sim. O não é não, já diz o Evangelho. Quando o não é um sim e o sim é um não, o que pensará uma criança? Ela vai começar por enganar os pais, depois vai se enganar a vida toda. Nós temos esses jovens perdidos na droga, no vício, sem parâmetro nenhum, sem nada na vida. Por quê? Porque não receberam valores. Nunca ouviram um não que fosse realmente um não. E porque nunca ouviram um não, não sabem lidar com os *nãos* que a vida lhes dará.

Cabem a vocês, mães, transmitirem valores, limites com muita leveza, com muita ternura, mas acima de tudo com coerência e firmeza. Amém. (10.05.03)

(*) referência ao antidepressivo Prozac

(**) referência a crimes ocorridos em São Paulo

(***) referência ao atendimento semanal no Centro de Pastoral, em
Vespasiano - MG

LOCOMOTIVA, TRILHO E DESTINO (At 2, 1-11)

Dois grandes festas: Pentecostes – festa principal, por isso os paramentos, as túnicas marcadas pela cor do sangue, vermelho do fogo – e a festa da Padroeira da nossa comunidade.

As nossas festas terminam – batizados, primeira comunhão, aniversários, bodas. No máximo ficam algumas fotografias no álbum, que alguns anos depois, saudosos, abrimos e começamos a recordar. A presença só se faz na memória, na saudade, mas a festa já acabou. Não são assim as festas do Senhor. A primeira festa de Pentecostes não terminou. Aquilo que ouvimos na leitura dos Atos foi um acontecimento que se repete agora, neste instante, nesta celebração e se repetirá ao longo dos anos. Assim são as festas de Deus. Elas têm estabilidade, perenidade. Perguntamos, então, o que significa a festa do Espírito Santo?

Tomando uma imagem bem simples, bem inserida na nossa experiência humana, tantos já compararam a nossa vida a uma viagem. Vamos imaginar aquela época em que ainda viajavamos de trem pela Rede Mineira de Viação ou Rede Ferroviária Federal. A primeira coisa que nos perguntávamos, quando íamos comprar o bilhete era: para onde vamos?, isto é, a estação final. Se não soubéssemos para onde ir, pegaríamos o trem errado, desceríamos em qualquer estação. Seria um perigo terrível. Precisamos ter bem claro, diante de nós, o término, a estação final. E qual é a estação final da história? Deus Pai, Javé, o Senhor Absoluto. Para lá caminhamos todos. Esta é a estação final e não podemos nunca nos esquecer disso. Tudo o que fazemos, todas essas celebrações, esta santa Eucaristia, tudo caminha para lá, para o encontro com o Pai. Nós antecipamos, vivendo já certas prelibações deste encontro. Mas tudo é uma caminhada para o Pai.

Mas um trem precisa de trilhos. Quem é o trilho? O trilho é o Senhor Jesus – “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Ele é a norma, é o trilho. Se não tivermos o trilho, como poderemos chegar à estação final? Imaginem um trem que fosse andar sem trilhos! Cairia numa terrível ribanceira e nunca chegaria à estação do Pai. Precisamos de um trilho que indique o caminho, a verdade e a vida. O que é trilho em Jesus? O que Ele falou; mais ainda, o que Ele fez; mais ainda, o que Ele foi. O que Ele falou está nas Escrituras. Podemos meditar Marcos, Lucas, Mateus, João, onde estão as suas palavras, já meditadas, pensadas, rezadas pela comunidade primitiva. Aí também estão os fatos: acolhe o pecador, cura um enfermo, leva um paralítico até cair dentro d’água e curar-se, ouve o grito de um cego, socorre o coração aflito de uma mãe que vê seu filho ser levado para o túmulo. Este é Jesus, este é o trilho. Sobretudo a pessoa dele, que caminhava e caminha sempre à frente.

Já repararam: se um trem estiver sobre o trilho, ele não sai, não anda,

principalmente se for numa subida. Como subimos para o Pai, o trem está parado. Precisamos de uma locomotiva. Que seja ela Maria Fumaça, a *diesel*, elétrica, não interessa. Precisamos de uma máquina que vá à frente. E quem é essa locomotiva? É o Espírito Santo. É a festa de hoje. É Pentecostes. Sem a locomotiva, o trilho também não serve. É terrível dizer isso. Jesus não basta. No final da vida, Ele mesmo chegou a essa conclusão. Quando Ele começa a explicar para os apóstolos, e eles não entendiam, Ele se confessa cansado e diz a eles que virá o Espírito Santo, que iluminará tudo aquilo que Ele havia dito. Jesus mesmo percebeu que a sua obra precisava, como toda a história, de uma locomotiva, que levasse todo o Reino aos vagões, que somos nós. O Espírito Santo faz com que caminhemos.

Se não houvesse trilho e tivéssemos uma ótima locomotiva – muito Espírito Santo, mas sem Jesus – aí o trem iria todo desbandeirado por aí afora, porque faltaria a norma, a medida, que é Jesus. Nunca podemos esquecer que o Espírito Santo acorda em nós a pessoa de Jesus. Acorda em nós o Evangelho de Jesus. É aquela realidade que vamos penetrar, conhecer e aprofundar.

E nós? Será que não participamos desta vida? Será que somos para alguém, uma estação final? Será que somos para alguém, um trilho? Será que somos para alguém, uma locomotiva? Daqui a alguns dias, mais de cem jovens serão crismados. Eles não chegariam lá, senão porque algumas pessoas – catequistas, orientadores, as pastorais paroquiais – foram reproduções pequenas e humildes desta estação final, que é o Pai. Precisamos de muitas referências na nossa caminhada. Precisamos de muitas pessoas que sejam a encarnação viva do Pai, mostrando para onde devemos caminhar. O próprio texto da celebração, tão bonito, afirma que Maria disse muitos *nãos* aos desvalores da sociedade. São os pais que devem indicar quais são os desvalores e valores da sociedade, para que o trem dos jovens caminhe na direção certa. Do contrário, cairá na primeira ribanceira – da droga, do sexo desvairado, da futilidade, da vacuidade, do niilismo dessa nossa história.

Será que também somos trilhos? Será que fazemos o papel de Jesus? Qual o grande título de Maria hoje, na Teologia? Tantos gostavam de chamá-la Mãe do Céu, Espírito Celeste. Mas o título mais bonito para ela é Fiel Seguidora de Jesus. Olhem que título bonito! Ela se colocou no trilho de Jesus e, porque se colocou, se transformou em trilho para nós. Também nós podemos seguir no trilho de Maria. Ela quer que cada um de nós seja também um trilho para o seu próximo.

Como você pode ser um trilho para o seu colega, na escola? Quantos colegas de vocês não têm trilho nenhum, não têm norma nenhuma, não têm estação nenhuma! E por que não seremos um trilho para eles? Vocês acham que somente os adultos podem ser trilhos? Também as crianças, os adolescentes

podem ser trilhos para seus pais. Eu já lhes contei que uma vez uma mãe estava aí sentada. Na hora da comunhão, o seu filho perguntou-lhe porque ela não iria comungar. Ela levou um susto, porque nunca havia se questionado que também poderia participar da Eucaristia. O filho pequeno empurrou a mãe, levou-a à reconciliação e ela hoje participa da Eucaristia. Essa criança pequenina, só por observar o que se passa na liturgia, acordou a sua mãe e foi um trilho para ela. Outro fato que já repeti várias vezes, ocorrido com um grande escritor brasileiro – Paulo Setúbal. Na época do Natal, ele pergunta para a filha o que ela queria de presente. Ele havia escrito um romance erótico e pela conversa com os amigos, a criança percebera. Diante da pergunta, a criança responde: “Quero as cinzas do romance que você escreveu”. O pai queimou o romance. O olhar puro da criança acordou o escritor e começou a conversão deste homem, que se transformou num grande católico. Uma criança converte um adulto. É trilho.

Quando somos Espírito Santo? Quando somos motores, somos animadores da comunidade. Pe. Lauro falava hoje, no início da missa, que o Espírito Santo está aqui para nos animar. E nós, estamos para animar outros. O Espírito Santo vai nos animar, nos contagiar e nós vamos contagiar outras pessoas. Neste momento, somos sacramentos do Espírito Santo. Se cada jovem que estivesse aqui, olhasse para o seu colega e dissesse: por que não acordas para o bem? por que não acordas para viver uma vida pura, mais próxima do Senhor? por que não acordas para aquele sacramento que talvez um dia recebestes e que esqueceste dele? Quando tornamos Espírito Santo para os irmãos, Pentecostes é hoje, é sempre. Amém. (15.05.05)

NÓ DE RELAÇÕES (Jo 15,1-8)

João, sempre João, é aquele evangelista que foi um discípulo como vocês – jovenzinho, de dezenove anos. Com dezenove anos conheceu Jesus, mas conheceu-o com os olhos da carne. O Jesus que estendia a mão, que ele podia apertar. O Jesus, cujo palpitar do coração ele ouviu na ceia, quando encostou seu ouvido junto ao coração dele. Esse é João. Eu achava que ele deveria ter sido o primeiro papa, porque era o mais puro, o mais fiel de todos. Foi o único que esteve ao lado da cruz, que recebeu Maria como presente. Era o mais sábio, talvez o mais inteligente. Escreveu o Evangelho mais bonito, mais simbólico, mais místico. Um Evangelho escrito somente para quem tem o coração aberto. Quem fica rastejando não entende nada de João. É melhor nem ler. Quem é capaz de alçar um pequenino vôo, lê João. Olhem que beleza de Evangelho! Ele brinca com as imagens, brinca com as palavras. E sabem por quê? Porque ele pensou e meditou muito. Viveu tudo isso com dezenove anos e vai escrever isso com quase noventa. É porque não pensamos nem meditamos, que não sai nada de nossa cabeça. Do nada, nada sai. João recolheu as palavras de Jesus, embaralhou-as, brincou com elas. Fez esse Evangelho e começa logo conversando conosco. Ele vivia numa comunidade ativa. Parece até que reunia o povo para conversar. E só fala através de símbolos: luz, água. Hoje ele pega o símbolo mais comum: árvores e ramos.

Estou chegando de Itaici, onde fiz algumas *palestrinhas*. Lá há uma árvore imensa. Parei diante de seus galhos gigantescos, diante de ramos e ramos, e pude descansar sob a sua sombra. Jesus diz que nós somos estes ramos, quando somos coletividade, quando somos comunidade, quando estamos juntos. Talvez este Evangelho seja mais importante agora. Sabem por quê? A maneira principal de se pensar hoje em dia é o individualismo. Não apenas nós, é todo o Ocidente. Cada vez mais, homens e mulheres do Ocidente vão ficando individualistas, por isso mais sofridos, mais tristes, mais ricos e menos felizes. Mais carregados de coisas e mais pesados interiormente. O que mais se nota é como as pessoas estão alquebradas. Andam inclinadas, olhando para o chão. Não olham para o céu como essas criancinhas inocentes, que podem brincar, podem olhar para cima porque são leves, não têm o peso do individualismo. É aquele ramo que o Senhor diz que foi cortado e o ramo cortado é seco. Não há nenhuma seiva, nenhuma vida.

O individualismo é a morte do nosso ser. Por mais que queiramos usufruir, beber dos prazeres, sozinhos, nada somos. Podemos beber garrafas e garrafas de vinho, de cerveja, na solidão do eu, e nenhuma gota irá encher o coração de ninguém. Só conseguiremos sair por aí trocando as pernas, dizendo coisas sem sentido. É a alegria do animal. É a felicidade canina, equina. É a alegria de quem não sabe usufruir a beleza de ser um conjunto de ramos bonitos.

Jesus ainda tem coragem de nos dizer que Ele é a videira. Não estamos ligados a qualquer um. Não estamos ligados a um Partido, a uma municipalidade, a um Estado. Estamos ligados a um Mistério muito maior, com o Verbo Divino e Eterno, que se fez humanidade e história para nós. A nossa história é eterna. Nós somos eternos, não por sermos filósofos e inteligentes. Somos eternos porque a nossa seiva vem desde toda a eternidade e vai nos levar de volta à eternidade. Os nossos encontros são sementes de eternidade que nunca desaparecerão. Ainda que não mais dessa forma visual que conhecemos, maquiadas. Aquilo que constitui o nosso corpo verdadeiro, isso de que se ocupa a Antropologia, é essa rede gigantesca de relações. Isso é que é corpo.

Corpo não é a química, não é o potássio, magnésio, mão é próton de carbono, não é a água – H₂O. Não é nada disso que nós temos. Isso é a carcaça do nosso corpo. Nosso verdadeiro corpo são as nossas relações. E as nossas relações são aquilo que construímos. Relações com nós mesmos – minha autoconsciência - no momento em que penso, que reflito, que decido, que planejo. No momento em que eu sonho, no momento em que eu amo – essas são as minhas grandes relações. Talvez muita gente que está aqui nem saiba que tem relação consigo mesmo. Talvez saiba seu nome e aí termina o seu conhecimento.

Mas nós somos mais. Nós somos as relações com os outros que estão ao nosso lado. E há uma primeira relação, terrível. Terrível porque tem uma força gigantesca na nossa vida. É essa relação constitutiva, que pode remontar há quarenta, cem anos atrás. É a nossa mãe. Nós somos ela. Nós somos a nossa vida. Cada dia mais eu olho para mim e vejo como minha mãe sou eu. E cada um de vocês pode dizer a mesma coisa. Não é porque nela se teceu sangüineamente o nosso corpo. É porque a mãe passou para dentro de nosso corpo, de nossa vida, aqueles afetos, aquelas palavras, aqueles silêncios, aquelas meditações durante meses e meses. Não fisicamente, mas antropologicamente. E a criança começa a ser. E quando ela abraça a mãe, capta, suga, não apenas o leite que alimenta, mas a sua própria essência. O olhar da mãe cria a criança. O olhar do pai, dos irmãozinhos.

Em tudo isso vão se criando laços de relações. Primeiro os irmãos, primos, depois os colegas de escola, de brincadeiras, de trabalho, colegas de vida. Isso vai tecendo a nossa vida. E como diz Leonardo Boff, a gente vai sendo um nó de relações. Quando você morre é esse nó inteiro que ressuscita. Ressuscitamos com todas as relações que fizemos.

Quantas relações nós temos com a beleza, com as flores, com o ar, com tudo que percebemos, com tudo que nos enleva, nos faz mais poetas. Nós somos a floresta, somos os grandes rios, somos os nossos grandes mares. Não falo como poeta. Somos também as nossas relações cósmicas e mais que tudo, somos a relação com o Transcendente. É isso que nos faz. Deus fez o nosso Ser ser. Sem

outro adjetivo, sem outro advérbio. É isso que Deus faz: o nosso Ser ser, nada mais. Porque se Ele retirar-se um instante sequer, nós não apenas morreremos, seremos nada. Nada não é morte. Nada é nada. É o não-ser. Mas Ele não se retira um instante sequer. Se Ele cochilasse, como vocês cochilam numa sala de aula ou na missa, estaríamos perdidos. Por isso é impossível sair de Deus. É possível odiá-lo e isso é terrível, porque quem odeia a Deus constrói o seu inferno. Odeia a si mesmo, odeia a sua base, o seu fundamento, a sua raiz. Deus não cria o inferno para ninguém, Deus não cria fogo para ninguém. Deus só faz que nós sejamos. Somos nós que criamos os nossos infernos, as nossas solidões, os nossos individualismos. Nós criamos se queremos viver sozinhos.

No dia em que descobriremos que somos essa teia imensa de relações com nós mesmos, com o cosmos, com o próximo, com a Transcendência, seremos gente, seremos humanos, seremos felizes. Amém. (18.05.03)

AMAR É O VERBO DE DEUS (Jo 3, 16-18)

Quando ouvimos falar do mistério da Santíssima Trindade, imediatamente vem-nos à mente que se trata de algo obtuso, difícil, assunto para os teólogos levarem às suas aulas, nunca para o nosso cotidiano, o nosso *arroz-com-feijão*, o nosso dia-a-dia. Mas eu vou dizer o contrário. Vou fazer uma inversão que vai assustar, mas tentarei mostrar o que penso, e sinto, sobre o assunto.

Nós achamos que conhecemos as pessoas, mas a Trindade, não. É um mistério muito difícil. Acho que é o contrário. Na verdade não conhecemos as pessoas. Conhecemos bem a Deus. E por que? Como é que podemos conhecer alguém? Já pensaram nisso? Os casados, namorados, amigos como é que se conhecem? Pelo nome? O nome pode mudar. Os artistas mudam de nome, alguns escritores usam pseudônimos, heterônimos. Antigamente, os religiosos mudavam de nome. Ratzinger mudou de nome, agora é Bento XVI. O nome é uma função extrínseca, diria a Filosofia Clássica. Conhecemos as pessoas pela família? Da mesma família saem filhos tão diferentes. Sai um Luiz Gonzaga, santo e, ao mesmo tempo, saem outros Gonzagas, bastante desvairados. A família não resolve. O país? Há tanto brasileiro maravilhoso e mais tantos, salafrários. Então, não resolve. Pelas palavras? Tantos mentem descaradamente Como vou saber o que eles são? Pelos gestos? Tantos aprendem teatro, representam a vida toda. Nunca serão eles mesmos.

Desde cedo já ensinam as crianças a representar. Saem aquelas bonequinhas *xuxosas* por aí afora. Nós, seres humanos, temos muita dificuldade em conhecer o outro, porque aquilo que manifestamos, muitas vezes, não somos. E vou ser mais forte ainda e desafio, a mim mesmo e a todos vocês: quem tem coragem de aparecer exatamente como é? Aparecer sem os seus desejos, os seus sonhos, suas buscas, o que fez, o que não fez?! Para um rapaz encontrar uma namorada tem que estar com a camisa bonita, com grife, bem barbeado para esconder a quantidade imensa de coisas que ele não quer que ela saiba e que talvez nem ele mesmo saiba. Quando os psicanalistas ajudam alguém a mergulhar no seu inconsciente, há muitos que não têm coragem de continuar uma terapia, porque lhes dói demais conhecer a sua própria verdade. Nós não manifestamos o que somos. Mostramos poucas coisas.

Conheci um casal cujo marido enganou a mulher por cinco anos e ela nunca se deu conta. Cinco anos mentindo, – não cinco dias – até que a mentira explodiu. Outros levam a vida toda numa grande mentira. Outros dizem que amam, fazem casamentos maravilhosos em Chantilly (*), que poucos meses depois se desfazem. É amor? Diziam que amavam, que tinham encontrado o caminho da felicidade. Dura três meses, se tanto. Nós não somos verdadeiros. É muito difícil conhecer o ser humano.

Deus, não. Deus não trai. Tudo o que é, Ele mostra. E tudo o que Ele mostra, é. Ele não mente. É fiel, é clemente, é misericordioso, é ternura, é amor e nada mais. Achamos que Ele tem raiva, não tem, é amor. Achamos que Ele não nos ama, que castiga. Mentira! Ele é capaz de morrer por qualquer um de nós, é capaz de apaixonar-se por nós. Mesmo quando dizemos não, Ele continua amando na sua infinita ternura. Então, sabemos quem é Deus. Ele é o Pai.

Mas por que escolheu ser pai de um povo pequeno, o povo judeu? Ele não escolheu o povo judeu, mas todos os povos. O povo judeu é o verbo para declinarmos os outros verbos, o paradigma. Israel é o paradigma. Se tivesse escolhido o povo assírio, babilônio, egípcio, todos com grande poder, diriam que Ele escolhera o poder os faraós. Mas não. Escolheu um povo escravo, preso lá no Egito, pequeno, pouco numeroso, uma perdida *tribozinha* de Levi. Se Ele ama o pequeno, ama a todos. Se Ele ama o último, ama a todos. Então, não sei quem é Deus? Sei sim. E quando escolheu Moisés? Não escolheu só Moisés, mas Moisés, Antônio, Pedro, Davi, Haimon, todos que existem no mundo, todos os homens. Quando escolheu Isaías, não escolheu só o profeta, mas todos os homens. Todos são Isaías, todos são Jeremias, todos são Daniel. E quando escolheu Maria? Escolheu tantas Marias, Marta, Marlene, Antonina, Gislene e tantos outros nomes que foi escolhendo ao longo de sua vida. Cada uma dessas mulheres foi declinada pelo verbo amar. Deus só tem uma conjugação. Ele só conhece um verbo. A sua gramática é pobre. Só tem o verbo amar. Os outros verbos, Ele esqueceu. Guardou a maravilha desse verbo.

E o Filho? Para que não nos enganássemos, após termos ouvido alguém do povo de Israel, com a cabeça dura, *emburrecida* e pequena, dizer que Deus era violento e não entender o que Ele era; para que tirássemos essa idéia totalmente da cabeça Ele manda o Filho. E o que diz o Filho? Olhem quanta diferença!

Moisés dizia que uma mulher, surpreendida em adultério, deveria ser apedrejada em praça pública. Imaginem vocês que pedreira seria necessária! Surpreenderam uma e trouxeram-na. Jogaram-na aos pés de Jesus, esperando que Ele pegasse as pedras para atirar nela, para cumprir a Lei. O que faz Ele? Desafia todos os presentes: “aquele que não tiver pecado, jogue a primeira pedra!” Ninguém jogou e saíram primeiro os mais velhos, para vergonha nossa. Diz o Evangelho que Ele ficou sozinho com a adúltera e perguntou: “Mulher, alguém te condenou? Ninguém te condenou, nem Eu te condeno. Vá em paz e não peques mais!” Isto é, seja feliz! É isso. Então eu posso dizer que não conheço Jesus? Conheço sim, claro que conheço. As pessoas, não sei. Quando alguém me abraça, não sei se me ama ou me odeia, se me engana ou não. Se alguém me beija ou me encosta, não sei qual a razão. Quando vejo tantos jovens encostadinhos, não sei se eles se amam, porque depois de três meses, pode ser que estejam separados. As pessoas mentem e enganam e, se enganam, enganam os outros.

Jesus, eu sei quem é. Não tenho dúvidas. Ele é perdão, misericórdia para todas as pessoas sempre. Ao perdoar aquela mulher, perdoou a todas as prostitutas de todos os tempos, de toda a história e são muitas. O Senhor as acolhe e perdoa, porque é só bondade e misericórdia.

Mas o Espírito Santo, eu não conheço. Se não conheço, porque estamos aqui? Porque viemos? Que luz nos reuniu nessa igreja? Quem nos moveu por dentro? Se às vezes, estamos parados e sentimos alguma coisa que nos move por dentro, quando sonhamos alguma coisa linda, isso vem de quem? Da terra, do cromossoma, da serotonina, da dopamina, de alguma substância química que tomamos? Não. O Espírito Santo não é nenhuma droga. Ele é presente, está dentro. É só soprar amor, bondade, ternura, misericórdia, compaixão.

Então, eu sei quem é Deus. Todas as pessoas, todas, sem exceção, podem nos trair. Até mãe e pai. Não me dizia um jovem que o pai o rejeitou quando ele começou a progredir na vida?! Muitas vezes os pais não amam. Fingem, aparentam, choram, se comovem como os animaizinhos. Mas todos nós podemos trair a qualquer um, menos três pessoas, que nunca traem: Pai, Filho e Espírito Santo. Amém. (22.05.05)

(*) referência ao casamento desfeito de Ronaldinho e Daniela Cicarelli

NOSSA ALEGRIA É A ALEGRIA DE DEUS (Jo 6, 51-58)

Nós estamos muito acostumados à Eucaristia. Desde a primeira comunhão quantas eucaristias celebramos? Por isso nos escapa o sentido profundo desse mistério. Ele significou uma grande revolução na história das religiões e na história da cultura. Não foi só um mistério no mundo cristão, mas sim uma transformação, uma nova compreensão.

Que coisa o ser humano mais quer? O ser humano quer conquistar. Uma criança pequenina, no colo da mãe, já está com seus olhinhos buscando conquistar o carinho da mãe. Antes mesmo que tome consciência de alguma coisa, esta criança está ali, tentando conquistar. Não foi preciso ensinar, porque ela já tem isso dentro de si. Podemos olhar também o que fazem os súditos para conquistar os seus senhores, os ministros para conquistar as boas graças do Lula, os padres com os bispos, os bispos com o papa, os leigos com os padres, e assim por diante todos vivemos numa conquista imensa.

Entre os seres humanos ainda podemos perceber que há uma resposta, mas como conquistar Deus, se não o vemos? Se voltarmos à história das religiões, vamos ver que os povos fizeram tudo para conquistar as boas graças de Deus. Fizeram coisas violentíssimas. Os judeus sacrificavam quantidades enormes de animais de grande porte. No Templo de Jerusalém corria sangue para que Deus, Javé, ficasse benevolente com o povo. Os astecas, no México, subiam uma escadaria imensa e, lá no alto, cravavam o coração com uma faca e caíam mortos, para ver se conquistavam o deus sol. Se alguém assistir a uma semana santa espanhola, que ainda conserva ritos ancestrais e primitivos, verá pessoas se flagelando para conquistar as boas graças de Deus. E como não temos muita certeza se Ele está benévolo, fazemos muitas peregrinações, muitas mortificações, muitos sacrifícios para ver se conquistamos Deus e ficamos sempre na dúvida se conseguimos ou não. É terrível!

O Deus cristão inverte. Ele não quer ser conquistado. Nós já o conquistamos. Ele se deixou conquistar. Ele não é conquistado. Ele se dá, para que possamos participar gratuitamente, sem precisar fazer nada. Não precisamos pedir nada. Ele já está aí, se dando. Ele se faz um de nós. Assume a nossa história, a nossa humanidade. E quando ia embora, temeu que, após a sua morte, comessem aquelas imensas peregrinações em Jerusalém. As pessoas poderiam pensar que Ele estava magoado, porque fora crucificado e fariam peregrinações, sacrifícios para redimir-se. Pensando nisso, Ele diz: “Vou deixar um sinal que seja tão fácil, tão chão, tão comum, tão diário, que todos poderão ver. Vou fazer-me refeição!” Quer coisa mais humana que isso?!

Platão, quando queria ensinar Filosofia, imaginava um banquete. Santo Agostinho, quando fala na vida da felicidade, também imagina um banquete. E Jesus também quis um banquete, não para conquistar. Tem comida, tem bebida, tem coisas boas. Estão todos felizes e não precisam conquistar ninguém. De repente, Ele pensa numa forma de permanecer entre eles. Daí a pouco iria para o Horto, daí para a cruz. Resolve deixar um sinal, uma coisa que eles pudessem recordar – alguma coisa que eles pudessem comer e beber. Nada mais próximo que o comer, que o beber. Um gesto que faz a criancinha quando nasce: ela mostra a boquinha para mamar. É coisa primitiva, a mais primitiva que temos. Ele se deixa como alimento. “Poderão comer, se dispor de mim, porque estarei com eles!”

Eucaristia é Deus que se faz bem próximo de nós. Um Deus que já não precisa ser comprado. Quantas coisas, quantas novenas, quantas promessas fazemos para comprar Deus? Não precisamos fazer nada disso. Ele se dá. Daqui a pouco distribuiremos quantas eucaristias vocês quiserem. Para quem quiser: “Tomai, comei, bebei todos vós! Este é o meu corpo, este é o meu sangue!” O que vocês querem mais? Haverá alguma coisa mais próxima de nós do que a comida? A comida é sinal, é signo, é sacramento. E o que acontece? Algo muito maior do que o comer e o beber. É Ele que se entregou por nós, na cruz uma vez e se entrega a cada dia, a cada um de nós. Ele é nosso. Nós somos Ele. Ele cria essa comunidade e a comunidade é dele. Não precisamos disputá-lo com nenhum país. Ele é nosso. Nós o construímos.

A Eucaristia faz a comunidade, a comunidade faz a Eucaristia. Nós o fazemos presente entre nós. Ele aceita que, quando nos reunimos, celebramos, cantamos, oferecemos pão e vinho, Ele se faz presente. Ele aceita estar junto de nós, para que aquela presença física, visível pelo sacramento, seja muito mais profunda no interior de cada um de nós. Se um dia descobríssemos isso, poderíamos mandar abolir o mandamento de participar de missas aos domingos e dias santos, porque ninguém teria obrigação nenhuma. Viriam correndo, felizes, sorrindo. Não ficariam aí, nas portas, descendo as escadas, conversando, distraídos, como que empurrados. Viriam fascinados. Deus quer nos fascinar. É Ele que quer nos conquistar. Ele inverteu a jogada. Ele quer nos seduzir porque sabe que Ele é a nossa felicidade. Não quer ser adorado como um rei, que precisa ser venerado. Se o fazemos, é porque brota de nosso coração, porque somos felizes em o fazendo. A maior felicidade de Deus é a nossa felicidade. A maior alegria de Deus é a nossa alegria. A maior riqueza de Deus são as nossas riquezas. A maior liberdade de Deus é a nossa liberdade.

Quanto mais nós formos, quanto mais nos construirmos, quanto mais humanos formos, mais dignos, mais eucarísticos seremos. Amém. (26.05.05)

TRANSPARÊNCIAS E LIMITES (Mt 7, 21-27)

O Evangelho de hoje nos apresenta dois textos que o evangelista costurou e, naturalmente, costurou muito bem. Mas são textos diferentes.

O primeiro parece óbvio. Alguém diz: “Senhor, Senhor!”, e Jesus diz que não adianta falar isso, porque o que interessa são as obras. Isto está no texto. Mas o que isso quer dizer, quando olhamos nossa existência? Entre a palavra, entre o que falamos e entre o que somos, muitas vezes, há uma grande distância. Vocês podem perceber que, várias vezes no Evangelho, Jesus chama a atenção sobre esse hiato doloroso que nos separa e nos divide por dentro. Falamos uma coisa e mostramos o que, de fato, não somos. Julgamos, naturalmente, apenas pelas aparências, porque não podemos ver dentro das pessoas.

O Senhor anuncia que haverá um momento de transparência. Claro que esse momento último, pleno, será a morte. A Teologia tem convicção de que, naquele momento, veremos a nossa existência com um olhar que nunca tivemos. Tudo vai ficar transparente diante de nossos olhos. Mas será necessário esperar até lá? Vejo tanta gente jovem, para quem aquele momento pode demorar muitos anos, principalmente com os progressos da medicina atual. Mas há momentos na vida em que surge essa transparência. São momentos de decisões mais sérias, quando vocês decidem casar-se, por exemplo. Aquele momento em que eu decidi assumir o sacerdócio. Será que eu posso mentir para mim? Fingir-me de padre? Será que alguém pode se fingir de esposo, de esposa? Haverá o momento em que aquele namorinho superficial, de beijinhos discretos e indiscretos, acabará e aparecerá a verdade. Esses são momentos de transparência. Como o momento em que vocês começam a vida profissional. Termina a vida bonita de estudante, a farra com os colegas nos ônibus. Aparece a realidade, e chega a hora de assumir a responsabilidade de um trabalho, a hora de responder a alguma coisa. É hora de levar um susto. Começa a aparecer a verdade das pessoas.

Nós temos muitos momentos na nossa vida em que aquele “Senhor, Senhor!” se esvazia e ficam os fatos, fica a realidade. É bom que hoje, quem sabe, antes de dormir, vocês façam um *instantezinho* de silêncio e se perguntem: qual o momento em que aquela expressão “Senhor, Senhor!” - bonito, legal, beleza - ficou para trás? Falamos tanto em beleza e onde ficam as feiúras? São tantas! Quer dizer que não reconhecemos aqueles momentos de fragilidade, de feiúra! Será tudo realmente beleza? É bonito falar “Senhor, Senhor!”, dizer aleluia, aleluia, agitando os braços. E a realidade, onde fica? O Evangelho de hoje nos chama para esse pequeno toque de profundidade.

Mas a segunda parte ainda é mais bonita. Parece óbvio também. Parece que Jesus fala o que todo mundo já sabe. Quando vem uma grande enxurrada, o casebre daquele favelado vai por água abaixo. Enquanto a casa daquele ricoço,

bem construída, com um alicerce profundíssimo, nem se move e nem dá para perceber que houve uma tempestade. É claro que Jesus não fala disso. Isso é para engenheiros e arquitetos calcularem, não para Jesus. O que Ele quis dizer com essa imagem?

Vocês já perceberam que, no cotidiano, quase não temos oportunidade de saber o que há de mais profundo nas pessoas? Será que não percebemos que os nossos amores bonitos e floridos, muitas vezes, à primeira tempestade são derrubados? É sinal de que não construímos sobre a rocha. Essas tempestades matrimoniais, essas tempestades de noivado e namoro são muito importantes, porque aí aparece a verdade do amor. Esses amores cor-de-rosa, de *shangri-lá* (*), que nos parecem tão bonitinhos, são muito perigosos porque nunca saberemos se aquela pessoa é capaz de suportar alguma coisa mais dura. As pessoas muito agraciadas, muito mimadas, que têm aquelas supermães são exatamente como lesmas. A lesma tem um caramujo muito duro, mas quando ela sai, é toda *lesmosa*. Há pessoas que são assim. E por quê? Porque tiveram uma carapaça que não deixou que as tempestades abatessem sobre elas. Nós precisamos de chuvas fortes, precisamos de enxurradas para mostrar que a nossa casa não está construída sobre a areia. Isto é, que o nosso amor é mais sério, é mais profundo que uma simples cor dos olhos. Pobre amor que não resiste a uma mudança de corpo, a um penteado no cabelo! Esse tem areia como fundamento. À primeira *chuvazinha* suave acaba o amor. Há amores que não suportam nem uma brisa vespertina. Imaginem quando vier uma tempestade!

Essas provas de resistência que a vida nos coloca são fundamentais. Ao invés de rejeitarmos, achar que Deus está sendo mau, devemos agradecer. Agradecer os momentos duros, os momentos difíceis. Aqueles momentos que foram para nós o limite da existência, quando fizemos a experiência da finitude. Somos finitos. Não somos onipotentes. Os psicólogos sabem muito bem que a criança se pensa onipotente. Por isso quando não conseguem o que querem, choram até os pais cederem. Quando elas deixam a infância – esse é o momento tremendo – e começam a adolescência, tomam consciência da sua finitude. É a primeira grande crise da existência, a maravilhosa crise da adolescência. Porque aí a criança perde a onipotência, que vira inferno tantas vezes. Porque o pai e a mãe não puseram o limite que precisava, para que ela pudesse perceber que o pai e a mãe tinham limites. É nesse momento que o adolescente percebe que os pais não são infinitos, não são perfeitos como ele imaginava. Ela começa a saber que tem pais limitados, que vive numa cultura limitada, numa família limitada, com condições limitadas.

Fazer a experiência do limite, fazer a experiência da pobreza, fazer a experiência de que não pode ter aquele tênis, aquela bicicleta, entrar naquele colégio, naquela universidade faz com que ele sinta que as tenazes da história o

fazem limitado. Ele olha para o seu corpo e começa a perceber o limite. Quando cresce, vai ficando desajeitado e sente que o corpo atrapalha. Não é como a criança que todos acham uma gracinha. Neste momento, ele começa a sentir todo o seu limite, e dói o limite.

Outro limite terrível que ele começa a sentir é que seus sonhos não se realizam. A criança sonha sonhos de anjos. O adolescente começa a perceber que seus sonhos não são mais povoados de anjos. São sonhos complicados, atrapalhados, que eles não conseguem realizar. Começam a sentir o vazio, as dificuldades. Não conseguem mais caminhar. Aí vem a grande tempestade.

E quais as saídas da tempestade? A primeira é a fuga. Ele não quer enfrentar e foge. Mas não adianta fugir, porque ele a leva consigo. Foge sonhando acordado, foge pela droga – a fuga mais terrível de todas – quando se aliena de si mesmo. É por isso que a droga atinge tanto o adolescente. Não porque ele é pior do que o adulto. Mas porque ele está fugindo das primeiras grandes tempestades. Aí sim, é a nossa função de adultos dizer: “Jovem, vamos construir a casa sobre a rocha. Você é capaz de suportar essa tempestade. Sua casa não vai afundar porque estaremos a seu lado!”. Aí sim: bendita tempestade, bendita casa, bendito fundamento! Amém. (29.05.05)

(*) referência à passagem do filme “Horizonte Perdido”, grande sucesso cinematográfico da década de 70.

DEUS AGE NAS COINCIDÊNCIAS

(Mt 9, 9-13)

O Evangelho é pequeno mas, apesar disso, é tecido de três pequenos detalhes *escriturísticos*. Já muitas vezes lhes disse que o Evangelho não é um livro de textos, onde está sendo narrada uma história que se segue com início, meio e fim. Mas foi escrito por alguém que se encontrava diante de uma comunidade enorme, diante de manuscritos. Foi cortando os textos com uma tesoura da inteligência, depois colando, conforme uma lógica que julgava interessante. São textos falados por Jesus em ocasiões muito diferentes. O primeiro é um texto tipicamente autobiográfico, o segundo é uma experiência, o terceiro é um ensinamento geral.

O texto autobiográfico, é a própria vocação de quem escreve. Hoje, no Curso de Teologia, alguém perguntava: "... mas que coisa é vocação?" Eu fiquei pensando: e se fôssemos perguntar por que Mateus teve vocação? Lendo o Evangelho parece muito simples: Jesus passou, chamou, ele veio. Será que é assim? Será que é tão simples assim? Em primeiro lugar, Jesus hoje não passa aqui, então não vai chamar ninguém. Poucos de nós sabemos se temos uma vocação – esse o grande problema. Deus nos mostra diversos fatores.

Primeiro fator, é preciso ter condições. Olhando lá atrás, eu vejo um grande ex-jogador de futebol (*). Para se ser um grande jogador de futebol é preciso ter um corpo são. De certa maneira, Deus prefigurou, preparou uma possibilidade, isto é da natureza. A primeira vocação que temos é nossa herança biológica, corporal, psicológica, anímica, sensível – tudo o que somos. A natureza é a nossa primeira vocação. Porque não podemos ser aquilo para o que o nosso corpo não serve. Óbvio. A primeira coisa que temos que perguntar, olhando para nós mesmos, com tudo que somos, tudo que temos, é o que eu posso ser? Temos o limite de nascermos de uma certa maneira. Quem tem ouvido ruim para música, certamente não irá reger a Sinfônica de Viena. Na primeira nota seria reprovado. A natureza vai dizendo que por ali não passa. Pouca gente pensa nisso: que Deus já nos fez e nos criou, nós já herdamos de nossos pais as nossas possibilidades.

Segundo fator. Essas possibilidades poderiam ser muito maiores, mas elas são limitadas pela cultura que eu tive, pelo lugar em que nasci, pela família onde me criei, pelas experiências que eu vivi na infância, esse pai, essa mãe. Para dizer um termo mais bonito, o nosso histórico existencial. Todos nós temos uma história de existência que também define a nossa vocação. Se Pelé não tivesse visto, desde criança, aquele jogador jogar bem, se o seu pai não o tivesse incentivado, se não se interessasse por futebol, nunca seria um Pelé. Mas, desde criança, só via bola. Para estudar, tinha que treinar e vice-versa. A história

vai-nos ajudando. Vamos descobrir a nossa vocação também analisando nossa história. Um encontro de jovens, um curso de Teologia – isso tudo acrescenta à nossa vida. Portanto, abre e fecha. Abre, porque nos possibilita mais. Fecha, porque haverá coisas que nunca poderemos fazer. Se eu estudo Direito, não vou especializar-me em Engenharia. Vocação não é, pois, uma coisa tão complicada. Olhar as nossas potencialidades, olhar o nosso histórico existencial.

Uma terceira e importante coisa: como Deus fala dentro de nós? Ele fala dentro de nós através de nossos desejos. É a maneira dele mexer com nosso coração. Nós temos que perguntar o que desejamos. Quais as realidades que enchem os nossos olhos? Não um desejo de comer um doce ou qualquer desses desejos pequenos. Refiro-me aos desejos maiores. Aqueles que enchem os nossos olhos, que enchem os nossos ouvidos. São desejos grandes que eu quero que preencham toda a minha existência. Esta é a maneira. Este é o “segue-me!” que Jesus disse a Mateus.

Mateus, certamente, teria visto Jesus em algum momento e teria percebido que Ele já tinha escolhido alguns de seus colegas para segui-lo. Provavelmente, Mateus já teria trabalhado o fermento em seu coração. Quando Jesus passou, seu coração já ardia de desejo. Para segui-lo, bastou aquele toque.

Quarto fator. É o mais misterioso da vida da gente. Grandes momentos da nossa vida dependem de circunstâncias mínimas, de coincidências mínimas. Quantos de vocês estão casados hoje porque um dia se cruzaram numa rua, foram a um baile juntos?! Se tivessem tido uma dor de cabeça na véspera, não teriam ido. Quer dizer, nas menores coisas da vida, Deus faz acontecer. Não esperem, então, um chamado glorioso de Jesus. Saibam que Ele age na pequenez da nossa história, nas coincidências, naquilo que chamamos acaso. Mínimos acasos. Nada teria acontecido, se não tivesse havido um encontro naquele lugar, naquele instante, naquelas circunstâncias, naquela época. Deus age nos detalhes, em coisas que pensamos tão bobas: a cor de uma roupa, um corte de cabelo, um perfume. Essa é a beleza de Deus. Ele não age em coisas maravilhosas. Não vai descer aqui de pára-quadras, não vai se manifestar através de vozes. Nada disso. É na pequenez, é no ouvido sensível que está o toque de Jesus.

Capacidade, história social, desejo, momento cultural. “Vem, segue-me!”. Foi, seguiu, virou Mateus, escreveu o Evangelho que estamos lendo hoje. Amém. (08.06.02)

(*) referência ao jogador Buião, que se destacou em vários clubes brasileiros nos anos 60/70, presente na celebração.

MEDOS (Mt 10, 26-31)

“Não tenhais medo!” Mas de que medo fala o Senhor? Esse Evangelho, esse sermão infelizmente serviu para manter muita gente sob a dominação religiosa. Sobretudo aquela frase “não tenhais medo daqueles que matam o corpo, mas não matam a alma”. Mas será que foi isso que o Senhor Jesus disse?

“Não tenhais medo” não vale para os medos biológicos, para os medos do animal que somos. Porque foi a vida, foi o próprio Deus que colocou dentro de nós uma espécie de relógio que capta o perigo, e do perigo devemos ter medo, como os animais. Aí somos animais também. Se uma fera se aproxima, o animal menor foge. A adrenalina funciona, ele dispara porque está com medo. Quando o medo açula alguém, o organismo se defende. Acabar com esse medo é destruir a própria natureza. Os psicanalistas vão mais longe. Afirmam que, muitas vezes, as pessoas que não querem ter medo, dizem que não têm medo de morrer. Saem com as motocicletas a toda velocidade. Estarão com o medo evangélico? De jeito nenhum. É uma espécie de suicídio camuflado. São pessoas que não apreciam e nem conhecem a vida, que não conheceram o amor, que não conheceram a beleza. Por isso o animal que está nelas já perdeu o seu senso de vida e se entrega a esses esportes de risco. Isso não é nenhum heroísmo, nenhuma coragem. Não é desse medo que fala o Senhor. É bom que tenhamos esse medo. É um medo que defende a vida.

Há o medo psicológico. Que medo é esse? É o medo que temos de tarefas que se nos colocam diante dos olhos. Eu vou fazer um trabalho, prestar um concurso, um vestibular, ou vou jogar as semifinais da Copa. Aí há o medo normal. É o medo proporcional à minha capacidade e àquilo que acredito de mim. Mas à medida que formos encontrando a nossa identidade, a tranquilidade e a verdade dentro de nós mesmos, teremos cada vez menos medos. É muito normal que os jovens, ainda inseguros, tenham mais medos psicológicos. Por isso têm sudorese, ficam com as mãos geladas, gaguejam quando têm que falar em público uma primeira vez, esquecem e na hora do exame trocam tudo. Esse medo é normal, mas ainda é fruto da insegurança, e só vamos superá-lo lentamente ao longo da nossa vida, sobretudo buscando a verdade de nós mesmos.

Os dois extremos nos fazem mal psicologicamente. Ocorrem quando temos medo daquilo que podemos fazer, por complexo de inferioridade, por não reconhecer nossos próprios dons e valores, por resistir a ouvir pessoas que nos ajudarão a descobrir o que somos. É importante que tenhamos mestres, gurus, pais, professores que digam: jovem, você é capaz! Temos que ouvir essas palavras, para que possamos superar lentamente esses medos. Às vezes, muitas pessoas não deslancham na vida porque nunca encontraram uma mão que as ajudasse a sair dessa timidez, desse complexo de inferioridade, dessa pouca

auto-estima e por isso não fazem, não realizam coisas de que são capazes. São talentos escondidos, são luzes que se colocam por baixo do banco e, portanto, não iluminam sala nenhuma. Quanta luz apagada neste país! Muitas dessas lâmpadas não iluminam, não por culpa da pessoa. Provavelmente, por culpa da história, dos condicionamentos de uma sociedade que não cria possibilidades, de uma escola que não favorece os talentos, que não estimula os jovens para crescerem. Falta entusiasmo, falta utopia, falta coragem. Este medo devemos superar.

Mas há outro extremo. É da audácia, intemerata. São aqueles que querem fazer muito mais do que podem. E vivem correndo atrás de uma máquina, atrás de uma façanha que possam realizar. Vivem neuróticos, cansados, esgotados, nervosos, fracassados. Porque querem mais do que podem. Não conhecem a verdade de si. A verdade de si não é mais nem menos. É o que somos. E podemos sempre pedir a nós mesmos um *passozinho* à frente, mas não mais do que podemos.

E há um outro medo que Jesus diz que devemos abolir totalmente da nossa vida: é o medo de Deus. Dele não devemos ter medo. É exatamente o contrário do que a maioria das pessoas entende desse Evangelho. É como se fôssemos ter medo de Deus, porque Ele pode jogar-nos no inferno. Pois bem, Ele não joga ninguém no inferno. Se formos condenados um dia, será porque nós nos condenamos, não porque Ele nos escolheu. É o único do qual não devemos ter medo. Ele é o Pai de ternura, de bondade, esse imenso útero que nos acolhe, essa infinita misericórdia. É dele que não devemos ter medo nunca.

Deus é só confiança, é só entrega, é só esperança, é só agrado, é só afago. Porque Ele nos quer para si e nos criou para que o amássemos. E Ele, nos amando, se antecipa no seu amor, para que o amor dele, dentro de nós, desperte em nós o amor por Ele. Não porque Ele quer, por um egoísmo seu. Porque Ele sabe que quando o ser humano se abre para o Infinito, faz-se infinito. Mas quando o ser humano se fecha para o infinito se faz pequeno. Por isso Ele nos quer grandes, por isso Ele quer que nós o amemos. Para que o infinito dentro de nós se abra para o infinito que Ele é. Amém. (22.06.02)

JOÃO BATISTA: TRADIÇÃO E PROFECIA (Lc 1, 57-66.80)

Desde o início da vida, João Batista cresceu nos desertos, viveu uma vida solitária e mergulhou no mistério profundo de Javé. Não conheceu Jesus até a idade adulta. Eram primos próximos, mas só se encontraram no mistério, no seio de suas mães. A tradição da Igreja diz que, naquele saltitar de João, no momento em que a graça o envolveu, ele se santificou. Por isso é o único santo cujo aniversário celebramos. Isto tudo para dizer que ele já nasce santo. Os outros nasceram pecadores e tiveram que ser batizados. Celebramo-lhes a morte, porque esperamos que aí já fossem santos. João, não. Santo no início, santo na morte. Ele tem, portanto, duas festas – quando nasce e quando morre.

Nasce neste esplendor, neste momento tão importante, em que duas mulheres são as protagonistas. Os homens ficaram de lado. Zacarias, mudo. José, nem aparece. Maria e Isabel: duas mulheres que se tornam candelabros acesos da história da salvação. Isabel, a velha, a estéril – o Antigo Testamento - fecundada, para que pudesse olhar para o Novo Testamento. Maria, o Novo Testamento, carregando o Senhor, o seu Filho Jesus.

João nasce, cresce e aparece. E quando aparece, começa a pregar. Ele prega com os dois pés. Por isso cantamos: “Bem-aventurados os pés daqueles que evangelizam”. Ele colocou um pé na tradição. Era um homem que captava todo o Antigo Testamento e fechava a sua porta. Era o último homem do Antigo Testamento. Simbolizava tudo aquilo que significou o povo de Israel, nestes dois mil anos de história. Carregava em si Moisés, Adão, Noé, Abraão, Josué, os profetas. Carregava toda essa gigantesca tradição. Por isso, estava imbuído daquela idéia forte de Javé. Pensava num Deus vigoroso, que iria limpar a eira, que iria varrer a sujeira, que iria queimar a palha. Só conhecia aquele Deus forte, o Deus dos relâmpagos do Sinai, o Deus de tantos castigos.

Tinha um pé no Novo Testamento, mas este pé era muito frágil. Porque ele não conhecia bem o que seria o seu primo. Sabia, ouvia, talvez a notícia chegara até o deserto: de Maria nascera alguém importante, que era fundamental e que tinha o seu próprio sangue. Os dois se encontrarão num momento tão bonito da vida de Jesus! Quando Jesus toma a difícil decisão de sair de sua casa, deixar sua mãe. Provavelmente era viúva e iria viver na solidão mariana de seu coração. Jesus parte e a deixa e vai encontrar-se com João. Não se conheciam, mas quando Jesus desponta, ilumina-se a inteligência de João. Claro que tinham traços fisionômicos semelhantes, pois eram primos, mas ele vê mais do que traços fisionômicos. João entende: este é o Messias!

Vê o Messias naquela fila de pecadores. Espanta-se. Como é que aquele

Homem que veio salvar, o Filho de Maria, o Filho de Deus, entra na fila dos pecadores, espera a sua vez para ser batizado? Quando Ele se aproxima de João para o batismo, acontece aquele diálogo tão bonito. João diz: “Não é você que precisa ser batizado por mim. Sou eu que preciso ser batizado por você”. Olha para as sandálias de Jesus e diz: “Eu não sou digno nem de desatar a correia de sua sandália”. Jesus fixa o olhar em João e diz: “João, esta é a hora da graça. Cumpra a sua missão de ser o precursor. Batiza-me, porque neste momento o Espírito de Deus vai se manifestar para todo o povo!” Quando João faz o batizado, é o Espírito Santo que invade a alma e o coração dos dois de uma maneira profunda. Só aí ele compreende parte do mistério. Vai continuar a sua tarefa de batizar, e Jesus começa as suas pregações.

Agora vem um momento muito bonito e difícil da vida de João. Nós imaginamos que os santos, os profetas tinham uma vida tranqüila, que sabiam de tudo. Não, eles tinham vastos continentes de ignorância, vastas noites em suas cabeças. Ele começa a ouvir os ecos da pregação de Jesus, quando chegam discípulos seus, que estiveram ouvindo Jesus e lhe contam: “Ele fala assim e assim de Deus. Fala que Deus perdoa, que não vai castigar, que não tem juízo nenhum, que não tem fogo nem machado nenhum para cortar as árvores. Vocês precisam se encontrar!”. Aí João Batista estremece em suas bases do Antigo Testamento. O seu pé, que estava fincado em Israel, começa a tremer: “Será possível que tudo que eu herdei do meu passado, da tradição cai diante da atualidade de Jesus?”.

Passado, presente – o eterno choque de gerações. Pais e filhos, gerações e gerações. Mas mesmo diante de uma tradição questionada, prevalece a coragem daquele jovem, e ele hoje aparece, na tradição da Igreja, como o grande precursor. Ele cumpre a sua missão e deixa aberta a porta para que entre a novidade de Jesus, a realização da profecia de amor que ele iniciara. Amém. (23.06.01)

A IGREJA PRECISA DE PEDROS E PAULOS

(At 12,1-11/2Tm 4, 6-8. 17-18/Mt 16,13-19)

Vocês perceberam que a liturgia de hoje coloca dois santos juntos? Por que não fez duas festas? É uma pergunta. Cada santo merece uma festa: São João Batista, São Tiago. São Pedro e São Paulo, os dois apóstolos mais importantes, não merecem uma festa cada um? Eu me fiz essa pergunta. Claro que eu não sei respondê-la. Não fui eu que escrevi as festas em Roma. Há pessoas que passam a vida fazendo isso.

Mas continuei a pensar e perguntei: Será que nós aqui no Ocidente, temos uma maneira de pensar bem diferente do que os orientais? Os orientais pensam tudo **um**. É uma grande diferença. Se vocês encontrarem um chinês, um indiano, um japonês, verão que eles sempre pensam no **um**. Nós ocidentais - europeus, brasileiros - pensamos sempre **dois**. Reparem bem: corpo/alma; espírito/matéria, sujeito/objeto; esta terra/outra vida e assim por diante. E por que pensamos dois e os orientais pensam um? Os orientais se ligam muito mais ao ar e nós temos a impressão de que o ar está em todas as partes. Ele não se divide. Entra pela janela, entra nos quartos, nas salas. Por onde vamos, respiramos oxigênio. O oriental pensa Deus muito mais espírito, esse grande ar que nos envolve. A Igreja também é esse ar maravilhoso de santidade. Nós somos um grande corpo e aí não são as divisões que interessam, não são os cargos que importam, não são os **dois** que importam. É o grande **um** que nós somos, a grande comunidade que nós somos.

Nós, ocidentais, gostamos de distinguir juiz/jogador; vencedor/derrotado. Não dá para sair dois campeões. Um sempre será vice. Tudo isso porque somos ocidentais. Nesta festa, colocamos Pedro e Paulo. Mas o que significa Pedro, o que significa Paulo? Não serão a mesma coisa? Se são dois, devem significar coisas diferentes. Temos que pensar.

Paulo fala de liberdade, de Espírito, de coragem, de parábola, de viagem, de homem solto, livre. Não queria nem sequer ministrar sacramentos. Ele saía, pregava, viajava, chegava numa cidade, pregava e ia embora. Paulo, sempre o grande andarilho. Percorreu países e países, com os recursos daquela época, até chegar a Roma, onde morre derrotado. É o símbolo do Espírito, da coragem, do entusiasmo, da utopia, da força, daquilo que nos dá energia, que faz com que caminhemos. Nós precisamos muito de Paulo. Somos parados, sempre nessa mesmice. Não queremos caminhar. Paulo, não. Ele vem nos incentivar a criar coisas novas, diferentes. Não repetir sempre a mesma coisa. Ele chega, cria coisas novas, liturgias diferentes, onde as pessoas se sentem renovadas, novas de novo. E, sobretudo, Paulo é o homem da liberdade. Ele chegou a dizer uma frase

muito forte: “Para o cristão não existe uma lei, a não ser o amor”. Nenhuma lei, nenhuma exigência, nenhum mandamento, a não ser o amor. O amor, isso sim, não libertinagem. Se um cristão – pensava Paulo – encontrasse o amor, poderia ficar livre, porque seria movido pela força mais profunda. Aquele oceano imenso que o envolveria sempre.

Pedro já era mais modesto, mais caseiro, mais doméstico. Pedro era pescador, Paulo era literato, filósofo. Pedro vivia numa aldeia pequenina. Paulo era cidadão romano, conhecia grego – o inglês daquela época. Podia comunicar-se com o mundo inteiro. Até mesmo em Roma, a elite falava grego. Paulo escreveu em grego. Pedro não. Provavelmente nem sabia ler ou escrever. Um homem muito mais simples. Simboliza esse cotidiano. Usando uma expressão forte em português: é o *pé-de-boi*. É aquele que faz a obra continuar, que dá a segurança, dá constância. Enquanto Paulo puxa os carros a toda velocidade, Pedro puxa um pouquinho o freio para que os carros não saiam das estradas. Ele faz com que possamos ser realistas, conheçamos o cotidiano, nossos limites, nossa pequenez. Foi ele quem chorou depois da traição. Ele que conheceu tanto a sua pequenez. Enquanto Paulo chegou a dizer que foi o maior dos apóstolos, num de seus momentos de vaidade, Pedro sabia que fazia pouco, que era o mínimo dos mínimos, que era o último dos últimos. Ele nunca imaginaria que iam construir seu túmulo dentro daquela Basílica monstruosa. Bastaria para ele um casebre, uma choupana. Ele é o homem do cotidiano.

Nós precisamos de Pedro e Paulo nessa Igreja. O Pedro para que a Igreja seja simples, no coração do povo, assuma o cotidiano das pessoas, suas dores e sofrimentos. Ouça o que as pessoas dizem, olhe nos olhos das pessoas, possa acolher toda a dor que existe. Esses são os *pedros* da vida. Enquanto os *paulos* empurram a Igreja para que ela não fique atacadada na estagnação, na falta de perspectivas. Amém. (29.06.02)

ABBA: UM DEUS PRÓXIMO (Mt 11, 25-30)

Esta narrativa parece que destoa um pouco do conjunto do Evangelho de São Mateus. Ele trabalha muito mais o aspecto legal, as normas. De repente, surge este clamor de Jesus, confessando ser Filho e falando do Pai. O que vem a ser isso?

Se olharmos nossas experiências, perceberemos que as pessoas se revelam de três maneiras. E é bom que esposos, esposas, namorados, noivos e noivas conservem isso.

Nós nos revelamos pelas palavras. A humanidade criou a linguagem e deixou os ruídos – infelizmente os jovens estão voltando a este estágio animalesco, em que produzem ruídos e não palavras. Mas, deixando de lado esse retrocesso pré-histórico, o ser humano é um ser que cria palavras para falar e através delas se manifesta. Por isso conversamos e conversamos muito. Parece que somos infinitos e não há palavra, não há vocabulário suficiente para esgotar a nossa experiência.

Nós nos revelamos pelos atos, pelas ações. Começamos a observar as reações das pessoas – se são aborrecidas, se são agradáveis, se são chatérrimas – e assim por diante. Vamos observando pelo rosto, pelo sorriso, pelo gesto.

Há uma revelação mais difícil. Esta é rara e nós a guardamos – sobretudo o mineiro. São as confidências, são aquelas revelações mais profundas, são as nossas experiências constitutivas, significativas, que não comunicamos a qualquer um. Alguns as guardam para si até a morte. Quase ninguém consegue levantar o véu de sua interioridade.

Também Jesus foi assim. Ele falou muito, mas falou em parábolas, pregações. Não falava de si. Reparem bem. Ele vai contando histórias, discutindo, explicando as Escrituras. Às vezes se manifesta através de alguns gestos, milagres, acolhidas: como tratou aquela mulher pecadora, conversou à noite com Nicodemos, com o fariseu, chamou Levi, que estava contando seu dinheiro.

Mas, de repente, Ele dá um susto nos apóstolos. Ele faz uma experiência interior, profunda, e não consegue segurá-la. Ela como que se lhe escapa do seu interior. E qual foi a experiência? Quando Ele conversava, quando explicava as coisas, quando anunciava o Evangelho, aqueles homens sábios não o entendiam. Eram os fariseus e levitas, que tinham tudo para entendê-lo - como temos hoje os grandes homens formados em Harvard(*), nas grandes universidades, como a USP, a UNICAMP, a UFMG(**). Emocionavam-se com suas palavras, mas não conseguiam penetrar o mundo simbólico, o mundo das experiências. Jesus percebeu que as pessoas simples, que muitas vezes desprezamos e julgamos ignorantes, porque nunca freqüentaram escola, essas captavam. Como os apóstolos e até Maria que, provavelmente, eram quase todos analfabetos. Se

escreveram cartas, foram ditadas. Como essas mulheres, esses homens captavam em profundidade o mistério que Ele anunciava? É nesse momento que Ele se volta e diz: “Oh, Pai, como és grande!”. Ele reconhece a grandeza de Deus Pai.

Mas eu gostaria de chamar a atenção de vocês. Quando Ele disse: “Oh, Pai!”, disse uma coisa extremamente nova, porque ninguém chamava Javé de Pai. E Ele vai mais longe. Não chama de Pai. Ele usa uma palavra que qualquer pessoa, em Israel, ouve as crianças usarem para chamar seus pais. Ele chamou de *Abba*, de paizinho, papai. Papai é uma palavra que só as crianças usam para seus pais. Como é que esse Homem ousa chamar de papai aquele Deus dos trovões, aquele Deus do Sinai, que entregou a Lei escrita em pedra, que abriu os mares para o povo de Israel atravessar? Como é que poderia tratar assim aquele Deus tão poderoso que foi capaz de atingir quem ousou encostar a mão na Arca da Aliança? De repente, este Homem disse: “Esse Deus não é nada disso que vocês imaginam. Ele é papai!”. Quando Jesus disse que Deus era papai deu a maior reviravolta da história da cultura religiosa de todos os tempos. Até hoje, dois mil anos depois, não há nenhuma religião que ousa chamar Deus de papai. Nenhuma sequer. Uns se perdem no nirvana, outros têm um Alá poderoso ao qual se grita várias vezes por dia. Mas chamar Javé de *Abba*, de paizinho, de papai, só Jesus. E quando Ele conseguiu exprimir isso, num momento de grande ternura, terá sido uma experiência tão profunda, que Ele confidenciou talvez uma única vez. Deverá ter sido tão forte que os apóstolos não puderam deixar passar sem registro. E não passou e nem vai passar, para que pudéssemos saber que Deus é papai, não o vingador. Não é aquele que usará as pedras de volta, no final de nossa vida, para nos pedir conta. Mas é aquele cujo amor infinito é capaz de tragar, engolir e transformar todos os infernos da vida em bondade e amor. Amém.(07.07.02)

(*) grande universidade americana

(**) grandes universidades brasileiras

A QUEM IREMOS?

(Js 24,1-2.15-18/Ef 5,21-32/Jo 6,60-69)

Hoje as três leituras são provocantes. A primeira é muito mais importante do que parece à primeira vista. É claro que nenhum de vocês tem obrigação de conhecer bem a Bíblia. Para isso estamos aqui, para cumprirmos essa função. Mas esse texto que acabamos de ouvir são dessas páginas antológicas da história da cultura. É a Carta Magna, é a Constituição do Povo de Israel. Todo o povo, até o povo brasileiro, tem uma Constituição, que os juristas chamam de Carta Magna e pela qual o povo se rege. Mas há uma diferença muito grande. Talvez os povos antigos fossem mais inteligentes do que nós. Não faziam livros enormes, que ninguém lê, que ninguém conhece, como a nossa Constituição que está aí, para só os juristas estudarem no curso de Direito. Israel não. Todo ano eles liam e era simples, uma página só. E olhem que profundidade! Para criarem uma nação, não criaram leis. Eles foram buscar uma experiência fundante.

O que talvez nos falte no Brasil é uma experiência forte, que nos una como povo. A descoberta do Brasil foi uma invasão; a independência foi uma troca econômica com a Inglaterra; a proclamação da República, uma quartelada de militares; 64, um golpe; a redemocratização, uma festa que acabou *sarneiando-se* (*) ao longo de seis anos. Como poderemos ter um povo se, vasculhando o nosso passado, não encontramos nenhuma experiência que una a todos nós, como brasileiros, sem escravos, sem diferenças, sem segregação?

Israel conheceu isso e vive até hoje como povo. Mesmo disperso, o israelita sabe que é um povo, porque buscou na experiência do êxodo a sua carta fundamental. Muitos anos depois, na Palestina, onde outros povos tinham se agregado ao povo de Israel, Josué pergunta: “Vocês, que estão aqui reunidos, querem ser um povo ou não? Querem continuar adorando os deuses da Mesopotâmia, da Babilônia, da Assíria, ou os deuses da Palestina?” Eles respondem que não: “Queremos adorar o único Deus – Javé – que nos libertou do Egito, nos trouxe para cá e nos reuniu como povo. Seremos sempre um povo”. Daí o judeu todos os dias reza: “Escuta, oh Israel!” Clama ao único e verdadeiro Deus. “Amarás o Senhor teu Deus, com toda a tua alma, com toda a tua inteligência”. E aí está o povo judeu até hoje.

Existe alguma coisa, além da Copa, para nos identificar como brasileiros? Não. Daí imitamos os Estados Unidos, tomamos Coca-cola, comemos *Mac Donalds*, copiamos as televisões americanas, porque não temos identidade, não amamos a nossa cultura. Não temos brasilidade. É isso que nos falta. Estamos num ano eleitoral para criarmos uma brasilidade, para sermos o que somos, e não importar o que os outros são. E, pior ainda, importamos os entulhos alheios, os

lixos culturais de outros países. Os Estados Unidos nos mandam um enorme lixo cultural e a nossa juventude chafurda-se nesse lixo, em vez de olhar para a beleza de nossas tradições. Somos um povo corajoso, fraterno, alegre. Nada disso nos une hoje. Só vemos violência, divisão, separação, grandes salários e milhares morrendo de fome. É difícil conseguir uma nação desse jeito.

Da segunda leitura, só uma *frasezinha* para as mulheres. Não se ofendam com São Paulo. “Mulheres, sede submissas a seus maridos!”. Essa frase irrita, com direito, a tantas mulheres corajosas e conscientes. Por que Paulo disse isso? A Revelação é um filão de ouro que Deus nos dá no meio de cascalhos, como a mina de Morro Velho (**). Quem vai levar o barro para casa? Os ingleses? Não, eles levaram o filão de ouro e nos deixaram o barro. Temos que olhar, na Revelação, o filão de ouro e não o barro. O barro é a cultura machista, patriarcal do povo judeu. Estão no barro até hoje, pois são extremamente patriarcais. Isso não é Revelação, mas cascalho, lixo que passa. E onde está a Revelação de Paulo? Grande é esse mistério do amor de um homem e uma mulher. Ele parou aí e exclamou essa frase e, em outro lugar, vai dizer: “Em Cristo, não há homem, não há mulher, não há escravo. Todos temos uma radical igualdade!” É isso que Paulo quer dizer. Nesse momento ele foi iluminado, quando viu que todos temos uma igualdade e que a dominação, em qualquer nível, é um mal. Por isso ele compara o homem com Cristo e o coloca a serviço, e não dominando. É isso que Paulo imagina: o homem perto de sua vocação profunda, construindo o amor na família.

O Evangelho de hoje é bonito. Consola-nos muito em momentos difíceis de nossa vida. Catequistas, monitores de Crisma, sacerdotes, quantas vezes vêm as pessoas se afastarem? Pregamos, ensinamos, mas elas viram o rosto e somem. Queremos dizer uma palavra e ninguém se interessa. Olham sorrateiramente e saem. Também Jesus teve essa experiência, quando disse a coisa mais linda que poderia falar. Que iria continuar como nosso rei, através do sinal do pão e do vinho – o sinal da Eucaristia. Quando Ele anuncia o maior dom, o maior sinal do seu amor, é nesse momento que o rejeitam. É terrível isso! Como as pessoas podem rejeitar o amor?! Quando queremos o maior bem de uma pessoa, nesse momento, rejeitam e partem. Só ficaram os apóstolos. Jesus diz: “E vocês, não querem também ir embora?” Aí o Pedro, que mora no coração de cada um, faz sua profissão de fé. Pedro não é um apóstolo, mas cada um de nós, mulheres e homens. Pedro é aquele momento, em que dentro de nós, dizemos: “Eu não vou para outras paragens, não vou para esses programas de auditório, não vou para as mentiras de novelas e propagandas, para as mentiras eleitorais. Eu quero a tua palavra, que é a verdade!”. Nós vivemos num mundo de tanta mentira, de tanta falsidade e vamos bebendo-as, em vez de beber a única palavra que nos dá a vida eterna.

Que acorde dentro de cada um de vocês esse Pedro. Que não se deixem ser seduzidos pelas falsas palavras que os envolvem o tempo todo, nas *internets* e nas televisões, nos rádios e nas revistas, nas cores e em todas as belezas fulgurantes da sociedade e do comércio, do mercado do hedonismo. Esquecemos a única palavra que salva. É o dom de si, é o amor de si, é a construção das nossas relações, da nossa humanidade, sendo gente um para o outro. Amém.(08.07.2000)

(*) referência ao Presidente José Sarney, com o qual se inicia o período da Nova República.

(**) localizada no município de Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte.

SER TERRA PARA ACOLHER E PRODUZIR FRUTOS (Mt 13, 1-23)

O símbolo dá a pensar. O símbolo provoca nosso pensamento. O símbolo, as metáforas, as parábolas pedem que a nossa cabeça comece a refletir e ir além dele. O símbolo não tem limite. Os conceitos, sim. Eu digo mesa, é mesa e aí termina tudo. Mas se uso um símbolo, ele é infinito, pode provocar muitas e muitas interpretações. Esta foi a genialidade de Jesus. Ele não usa conceitos, porque prenderia nossos pensamentos. Ele usa imagens, metáforas e deixa o pensamento solto para que possamos continuar pensando as suas imagens.

Lendo esta parábola, me perguntava: será que Jesus não fazia uma profunda antropologia, isto é, um estudo do ser humano? Será que não queria, através dessas imagens, descrever-nos pessoas, talvez mais exatamente paisagens da nossa existência, do nosso próprio ser? Não somos, todos nós, caminho, pedra, espinho, boa terra? Não somos, todos nós, rude caminho, isto é, este mundo superficial, este mundo raso, este mundo que não pensa, que não sente, que não reflete, onde a semente da felicidade, da beleza, da Palavra de Deus, a semente da bondade cai, sente um pouquinho de calor, mas logo seca, não cresce? Somos muito superficiais. Vivemos de notícias, de informações, dos programas de televisão, dos domingos *faustônicos*. E tudo isso faz esse gigantesco caminho da nossa vida. Quantas vezes somos caminho na nossa existência? E por isso não somos felizes. Por isso a Palavra não penetra, por isso a felicidade não vai fundo. A felicidade fica superficial, fica tão fútil, vazia. Porque somos caminho. Qualquer *passarozinho* da história, qualquer mudança circunstancial devora essa semente e ela desaparece.

Será que somos pedra também? O que é pedra? É um coração duro? Não, isso é banal demais. Pedra é quente durante o dia e fria à noite. É quente durante o dia. Qualquer coisa que bate na pedra faz com que ela fásque. A semente não suporta este calor e morre rapidamente. Nós temos corações frios. É a frieza das noites que abate sobre as pedras e as faz mais frias que as águas do mar. As pedras passam calor e frio com uma rapidez enorme. São as pessoas que passam de uma paixão para outra. Como pode nascer uma semente de felicidade em corações onde não há equilíbrio, onde só há amores desregrados? Amores que não conhecem a tranqüilidade, a serenidade, a paz, o calor, a acolhida. Pedra não é lugar de semear. Corações de pedra não comportam a semente da felicidade, do bem, da beleza, da Palavra de Deus.

E os espinhos? Kierkegard, um filósofo dinamarquês do século passado, dizia: “O individualista é como um porco espinho. Morre frio e isolado e quando se encontra com o outro espeta”. Somos espinheiros, porque somos,

muitas vezes, pessoas insuportáveis. Qualquer pessoa que se aproxima de nós, são espetadas. Por isso somos pessoas tão sós. Ninguém quer aproximar-se de nós. Os espinheiros são frios, são gélidos, não têm beleza, não têm cor, não têm carinho, não têm cheiro, não têm nada. Só espetam. Quantos espinhos somos nós! Quantas vezes, na nossa vida, em vez de acolher as pessoas que se aproximam, espetamos com unhas profundas. Tantos espinhos na nossa história, tantos espinhos na política, tantos espinhos na economia! Pessoas que estão aí simplesmente para ver defeitos nos outros. Armam-se, produzem armas, fabricam armas. Que são estes grandes fabricantes de armas, senão gigantescos espinheiros? O que produzem eles? Morte. O espinho da morte, do sangue, da destruição. A felicidade bate no espinho e se desfaz. A Palavra de Deus bate no espinho e não penetra. A beleza bate no espinho e torna-se feiúra.

Quando é que somos terra? O que é a terra? É a acolhida. É o ser que tem húmus, que tem os sais, que tem calor, que tem o rocío da noite. É aquele que consegue guardar em seu seio a beleza da *sementezinha* jogada, quem sabe por quem? Por um pai, por uma mãe, por um irmão, por um colega, por um namorado. Quantas sementes estamos lançando o dia todo? Quantas sementes estão caindo sobre nós dos lugares mais diversos? De uma palavra lida? Não. Muito mais que a palavra lida, muito mais que a palavra falada nas pregações, as sementes são lançadas por todos os olhares bonitos, por todos os carinhos, por todas as belezas da história, por todas as notícias lindas que lemos nos jornais, por todos os carinhos que recebemos, por todos os afagos, por todos os agitos das crianças. Essas são as sementes que vão caindo. Será que nós as acolhemos? Será que temos sensibilidade para receber o olhar de uma criancinha pequena, perdida num amor gratuito? Isso é semente que acolhemos.

Como é bonita esta parábola! Como é bonita a nossa existência, quando somos terra e não espinho, quando não somos nem caminho nem pedras. Amém.
(13.07.02)

AUTORIDADE x PODER (Am 7, 12-15/Mc 6, 7-13)

O tema principal da liturgia, que geralmente liga a primeira leitura com o Evangelho, é o da profecia. A profecia de Oséias supõe muitos dados históricos que não podemos conhecer. Precisamos saber que naquela época havia profetas oficiais e filhos de profetas, como temos aí na política – os políticos e os afilhados, apadrinhados. Amós não era do time. Ele diz: “Eu não sou profeta, nem filho de profeta”. Ele era um pastor, estava debaixo de uma árvore e, de repente uma voz lhe diz: “Vai e profetiza!”. Mas não na capital federal, que era a casa do rei. Lá mora o rei, e lá você não vai profetizar. Vai profetizar alhures. Tem sua maldade, sua sabedoria, sua percepção. Quais são os melhores lugares para se profetizar? Não são as cortes, não são os lugares bonitos. A Escritura distingue duas palavras que nós misturamos: poder e autoridade. Não são a mesma coisa.

Poder é algo extrínseco, que nos dão de fora. Trocar o que eu tenho pela função que ocupo. Pode ser um sem-vergonha. Elegem-no, e ele passa a ter poder. Pode ser um corrupto. Elegem-no, tem poder. Prefeito, governador, presidente, qualquer cargo é poder. Pode exigir, pode cumprir, pode prender. Pode ser um juiz corrupto. Isso é ter poder, mesmo que não tenha nenhuma autoridade.

O que é autoridade? O grego diz *authentia*: vem de dentro, e é porque a pessoa é. Poucas vezes encontramos a união do poder com a autoridade. A coisa mais linda de existir: quando a autoridade enfrenta o poder que a autoridade carrega dentro de si. É a sua dignidade, o seu valor pessoal. Nós tivemos isso no Brasil, em 1964, várias vezes. Hélder Câmara (*) não tinha nenhum poder militar. Era um simples bispo. Não era general, não era coronel, não tinha tropas, não tinha nenhum poder. Mas o poder tremia diante dele. Quando falava, quando perguntava, quando pregava, o poder tinha medo. Na hora do enterro de seu secretário, que fora assassinado, o velho bispo começa a falar para o povo. Os exércitos todos o cercavam, e ninguém o tocou. Isso é autoridade.

Quando se prendia alguém em São Paulo, Evaristo Arns (**) telefonava. Não tinha poder nenhum, não tinha tanque, não tinha tropa, nenhuma arma. Telefonava para o general e dizia: “Quero saber onde está este preso. Diga-me, porque a mãe quer saber onde está o seu filho!” O general se dobrava diante de uma autoridade sem poder. Que diferença!

Jesus não tinha nenhum poder. Era leigo, nem era sacerdote. Não era rabino, não pertencia ao Sinédrio (***). Era um simples judeu e, quando olhava para os fariseus, eles tremiam. Tremaram tanto que O condenaram à morte, porque não agüentaram a sua autoridade. Profeta não é aquele que tem poder, mas aquele que tem autoridade.

Portanto, se você é pai, muitas vezes tem poder. Há pais que têm poder porque são pais, mas não têm nenhuma autoridade. São desmoralizados diante

de seus filhos. Não têm autoridade. Autoridade vem do latim – *augere* – *auctum* – *auctoritas*: faz o outro crescer. É tomar uma pessoa que está lá embaixo e fazer com que ela suba. Poder é saber impor a sua vontade, fazer valer a sua vontade, fazer com que cumpram o que se quer. Mas fazer com que alguém cresça, só a autoridade faz.

O que nós precisamos ter não é poder, é autoridade. O que os pais precisam ter diante dos filhos é autoridade. Chegar para um filho e dizer: “Filho, você só cresce por este caminho!” Quando um filho olha para o pai ou para a mãe e sente ali alguém que tem força interior que faz com que ele cresça, que ele tenha coragem, que ele caminhe, encontra a autoridade. Um aluno pode encontrar um professor capaz de dar zero, reprová-lo, até pedir que seja expulso da escola – isto é poder, não é autoridade. Mas quando o professor olha nos olhos do aluno indolente e consegue fazer com que ele comece a estudar, comece a trabalhar, este professor tem autoridade.

No trabalho, vocês podem ser subalternos, pode haver mil poderes acima de vocês, mas vocês podem ter mais autoridade do que qualquer chefe. Se tiverem dignidade, ninguém conseguirá suborná-los. Vocês terão autoridade, mesmo que não tenham poder. Quando um chefe encontra um subalterno que tem autoridade, ele treme.

Todo poder tem medo da pureza, da dignidade, da transparência, da honestidade. Ele se esconde, ele mente, ele corrompe. Porque a verdade, como diz o Senhor, é aquela luz que ilumina. O poder tem medo da beleza. Prefere as trevas à luz, prefere a mentira à verdade, o erro ao que é correto, porque ele tem poder e não tem autoridade.

Ser profeta é ter autoridade de dentro, não precisar mentir para ter poder. Amém. (13.07.03)

(*) Bispo de Recife e Olinda, falecido em 1999.

(**) Cardeal Arcebispo emérito, de São Paulo

(***)Tribunal do tempo de Jesus

JOIO E TRIGO COEXISTEM DENTRO DE NÓS

(Mt 13, 24-43)

A parábola, o símbolo, as comparações, em vez de limitarem nosso pensamento, açulam-no para que possamos caminhar por caminhos novos. Este texto traz três parábolas, mas podemos ficar com uma só, que já é matéria suficiente para a nossa rápida reflexão.

O primeiro sentido dessa parábola é escatológico. É o mais comum, o mais explicável e isso tudo nós já sabemos. O joio e o trigo somos nós, os bons e os maus. Depois, no dia do juízo, vem a colheita e assim por diante. Mas eu gosto de perceber outro viés neste Evangelho. É uma espécie de antropologia do ser humano e uma leitura da história humana.

Lendo um Evangelho tão simples, com os dados que nós temos da ciência, da psicologia, começamos a descobrir certas coisas interessantíssimas. Vocês repararam bem em como nasce o joio. Se ninguém o plantou, como é que ele apareceu? Foi exatamente a reação das pessoas quando Freud disse que a criança já traz marcas. Mas ela apenas nasceu, não tem culpa, não tem pecado. Como ela pode querer matar o pai, a mãe? Que coisa terrível isso! Como é possível?

Jesus fala que há o joio desde o início. É que o mal não é só fruto de nossos atos livres. Nós o recebemos e isso é muito mais sério do que podemos imaginar. Toda vez que um regime político ou uma tendência cultural não quer aceitar que o mal está como que permeando a nossa sociedade e a nós mesmos, esse regime e essa cultura descambam para um totalitarismo, para uma ditadura. Porque os homens têm pavor de encontrar outras pessoas marcadas pelo mal.

O Senhor disse: “Não! O mal nos envolve a todos”. E isso nos coloca numa posição profundamente humana: vão crescer junto o joio e o trigo. Nunca seremos só trigo, nunca seremos só joio. Essa é a beleza do ser humano. Essa é a nossa condição humana. Por isso temos que trabalhar até o último instante de nossa vida. Isso nos dá dinamismo, nos dá coragem, nos leva a trabalhar sobre nós mesmos. Quantas pessoas depois de um tempo desanimam. Nós temos que nos trabalhar até o final de nossa vida. Nenhum de nós é perfeito. Nenhum de nós está feito. Só seremos perfeitos ao terminarmos nossa história. Até lá estaremos vasculhando nossos interiores e descobrindo todos aqueles joios. E porque não fazemos isso é que há tanta infelicidade, há tanta incompreensão nas relações entre as pessoas.

Um casal, depois de vinte e cinco anos de casados, parece que desanima de querer melhorar as suas relações. Cansam-se, aborrecem-se, não acham graça na vida. Por que não acham graça na vida? Porque não trabalham a si mesmo. Não arrancam todo aquele joio que vai nascer e continuará a crescer. O joio não é só

a maldade que fazemos, mas é toda uma realidade que nos envolve. É lançado pela propaganda, pela cultura, com todas as coisas, fatos e acontecimentos da história. E essa realidade cultural é muito mais profunda do que imaginamos. Ela cria dentro de nós uma espécie de imaginário que nos leva a entender e compreender as coisas. E esse imaginário está marcado por essa radicalidade interior.

Nós somos divididos radicalmente até o fim de nossa vida. E aceitar isso não é nenhuma perversidade, não tem nenhum sentido negativo, nenhum pessimismo. Pelo contrário, aceitar essa realidade é que nos dá coragem, entusiasmo para trabalharmos e podermos também ajudar as pessoas a construir a si mesmas. E às vezes crianças pequenas percebem com o olhar que a maldade está viva no coração de cada ser humano. Parece claro que o rei está nu naquela grande imagem da criança denunciando o pai (*). Nesse confronto com a maldade, desde o seio materno, na sua pura inocência, elas trazem as marcas da história, das cargas genéticas. Quanta coisa nós sabemos hoje!

Quando Jesus fala do joio, nosso pensamento pode avançar um pouco mais longe, para além da genética, da biogenética, da psicologia. Um geneticista já dizia – coisa interessante – que se nós cortássemos nosso lóbulo frontal, perderíamos a noção de história e a capacidade de compreender a nossa história, a capacidade de projetar, de criar. Adous Huxley, em seu “Admirável Mundo Novo” já previu uma sociedade de pessoas perversas que trabalhariam fisicamente as pessoas para que se tornassem pequenos animais, sem passado, sem futuro.

Portanto, é diante dessa realidade, que a genética e a psicologia nos clareiam mais profundamente. Jesus conjuga essa idéia do joio e do trigo coexistindo dentro de nós, e hoje essa idéia se torna muito mais forte. Nós somos joio e somos trigo. Nós somos esperança, nós somos capacidade de melhorar e nós só construiremos o melhor nas relações bonitas, nos olhares de amor, de acolhida e ternura. Nada mais. Nada constrói tanto o ser humano quanto ser acolhido. Amém. (20.07.02)

(*) referência ao livro “A roupa nova do Rei”, de autoria de Hans Christian Andersen

MULTIPLICANDO POR PALAVRAS (Jo 6, 1-15)

Naquele tempo... Não é um pronome demonstrativo, comum na gramática. É aquele tempo que não tem limite e atravessa todos os tempos.

Jesus foi para o outro lado. Quando se vai para o outro lado, se tem alguma novidade - outra cidade, outro trabalho, outro emprego, outro namorado – vêm as surpresas, não é verdade?

Foi para o outro lado do Mar da Galiléia, também chamado Tiberíades.

E lá o que acontece? *Uma grande multidão O seguia, porque via os sinais que Ele operava.* Sinais: algo visível que aponta para algo invisível.

Jesus subiu ao monte, como Moisés subiu ao monte para receber a Lei. *Sentou-se,* como um bom mestre senta-se para dar aula.

Outro ‘pormenorzinho’ simbólico: *estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus,* lá onde se anunciava a entrega do Cordeiro. É festa, é alegria. Não é tristeza, não é dor, não é luto.

Levantando os olhos – o símbolo mais lindo para falar de Transcendência. Nós não abaixamos os olhos, levantamos, porque a Transcendência sempre, para nós, é alto. Lá embaixo estão os que rastejam. Jesus levantou os olhos e, *vendo uma grande multidão que estava vindo ao Seu encontro, disse para Felipe* uma coisa que parece tão banal, mas não é.

Mandou-o comprar pão para que eles pudessem comer. Disse isso para prová-lo, pois Ele mesmo sabia muito bem o que iria fazer. Tudo que acontece na nossa pobre história. Deus sabe muito bem quem somos nós. *Felipe respondeu,* uma resposta de quem não entendeu do assunto: *nem duzentas moedas, cheques, bastariam para dar um pedaço de pão para cada um.* Felipe nem de longe entendia o mistério que estava para acontecer.

Outro discípulo, não qualquer um – é “*André*” – Andros, em grego: corajoso, varonil, destemido, *irmão de Simão Pedro* – a pedra, o fundamento – olhem como o evangelista brinca.

Ele diz: “Está aqui um menino” - tudo começa com a criança. Como diz Guimarães Rosa (*): “Nasce uma criança, tudo começa de novo!”. E lá também começa com o menino. Não um adulto, um profeta do passado. Um menino: é futuro, é esperança, é beleza, é inocência.

Havia um menino com cinco pães e dois peixes. Cinco mais dois: sete. E por que sete, o número da perfeição? Porque no céu – três: Pai, Filho e Espírito Santo. Na Terra: Norte, Sul, Leste, Oeste. Temos os quatro pontos cardeais unindo toda a Terra e a Trindade no céu.

Mas o que é isso para tanta gente? Jesus diz: “Fazei sentar as pessoas”. *Havia muita relva.* Olhem que detalhe: havia relva, porque era primavera. Olhem o símbolo aí: é vida! Não é inverno, frio, quando seca tudo, mata tudo. Aqui

não. Há relva, há vida, há esperança, há verde – símbolo da esperança. Menino inteligente, este João!

E lá se assentaram aproximadamente cinco mil homens. Claro que ele não contou. Mil para a Bíblia é um número ilimitado. Mil se pensa uma coisa infinita. *Tomou os pães* – como o padre faz na missa - *deu graças*, distribuiu como na Eucaristia, porque os que liam já conheciam o gesto. *Distribuiu aos que estavam assentados, tanto quanto quieram.* Vocês podem participar da Eucaristia tanto quanto quiserem. Não participam mais porque não querem. O limite não vem daqui, o limite vem daí. Repararam isso? O limite não vem de Deus. Ele nos dá o oceano, só que o nosso copo é pequeno e nele cabe pouca água. E fez o mesmo com os peixes.

Todos ficaram satisfeitos. Perceberam que, quando Deus se nos dá, ficamos satisfeitos e com todos os outros prazeres saímos sempre insatisfeitos? Em quantas noites saímos vomitando por aí afora, nojentos, sujos? Estamos insatisfeitos. Mas com a ação do Senhor, saímos satisfeitos. “Satis-facere”: fazer muito, fazer bastante.

Jesus disse aos discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca”. Imaginem quantos cestos sobraram! *Sobraram doze cestos.* E por que doze? Quantas foram as tribos de Israel? Doze tribos – todo o povo de Israel. Quantos apóstolos? Doze – todo o Novo Testamento. É toda a história da salvação. Doze: Ele pega Israel inteira e pega o Novo Testamento inteiro e, além do mais, multiplicando o céu (três) pela Terra (quatro) dá doze.

Todas essas coisas não são brincadeiras, são símbolos, para mostrar que cada palavra da Escritura é carregada de sentido.

E continua ainda. *Vendo o sinal que Jesus tinha realizado, aqueles homens exclamaram* - será que vocês exclamam quando vêem o sinal de Deus? *Eles exclamaram*, ficaram fascinados e disseram: *“Este é verdadeiramente o Profeta, Aquele que deve vir ao mundo!”.* Já tinha vindo.

Aquele que deve vir ao mundo é o profeta escatológico, é o profeta do final dos tempos, anunciando já o final de toda a história. Eles vêem o fato aqui e apontam o final da história. *Mas quando Jesus notou que quieram levá-lo para o “Planalto”(**), para fazê-lo rei, Jesus se retira sozinho*, não para o “Planalto”, *mas para o monte. Palavras da Salvação!*

Glória a Vós, Senhor!

Vou fazer uma homilia bem *pequeninha*, já que vocês tiveram metade dela com a leitura do Evangelho. Eu fiz isso para que vocês aprendam a ler a Bíblia. A gente não a lê como um livro de História, de Biologia, um livro de Geografia que nos diz onde os rios nascem. Nós lemos estes livros para aprender. A Bíblia é para simbolizar. E o que simboliza o conjunto que eu li? O ser humano é um ser que multiplica.

Eu queria trabalhar uma coisa que fazemos todos os dias, mas sobre a qual, provavelmente, nunca pensamos muito. Olhem se vocês pensam nisso que fazemos todos os dias: nós multiplicamos a realidade por palavras. Vejam se não é verdade?!

Acontece, por exemplo, um acidente. De repente, toda a cidade sabe. Como se multiplicou? Pela palavra. Um único ser é capaz de fazer isso. Você tem uma idéia. Fala para a tia, para a avó, para o filho, o neto e ela se multiplica. Essa é a grande idéia de multiplicação: que todos nós somos multiplicadores. Eu estou muito preocupado é porque a nova geração não fala. Esqueceu-se de falar. Faz ruídos, grunhidos – *oi bicho, legal, legal, é massa, que barato*. Não multiplica nada porque não tem palavras. Se não tivermos formas lingüísticas na cabeça, não multiplicaremos nada. Se os nossos neurônios se embaralharem, se nossas sinapses se desconectarem, não poderemos transmitir. Por isso a fala, a linguagem são tão importantes.

Já falei deste projeto que tramita no governo que, oxalá, vá pra frente: reduzir o vestibular a duas matérias, só duas – português: falar, escrever; e matemática: pensar, raciocinar e nada mais. E com isso se testa qualquer pessoa. Ziraldo, este cartunista mineiro, dizia: “Para mim, o importante são apenas duas coisas: aritmética e português. Nada mais! O resto vem depois”.

Se você não sabe falar, se você não sabe multiplicar, vai ficar parado, fechado. Há muita riqueza no coração de vocês. Há muita experiência bonita no coração de vocês. Há maravilhas de sentimentos de dor, de alegria, de encontro, de felicidade que os pais podem contar para os filhos.

Sabem como nasceram os livros sapienciais da Bíblia? Nasceram numa praça, como aqui. Ao invés de ficarem naquele barulho, onde ninguém consegue se escutar, chegava um velho e começava a contar histórias para o povo. E daí saíram os livros da Bíblia. Eram os homens, porque às mulheres daquela época não era permitido chegar ao nível de compreensão histórica que têm hoje.

Quanto mais um país tem cultura, mais ele transmite. Eu queria fazer só mais uma distinção entre transmitir e informar. Estamos num mundo de alta informação e de péssima transmissão. O que a Globo(**) faz não são transmissões. Não se faz transmissão de jogo de futebol, se faz informação. Transmissão supõe um corpo social que recebe uma tradição, elabora-a e passa para as gerações. Isso é transmitir: mandar para a frente. Eu capto o passado, vocês captam a história de Vespasiano, a cultura brasileira, a culinária africana. Captamos isso, reelaboramos e passamos para as gerações futuras. Isso se chama transmitir. Informar é apenas relatar. Aconteceu um jogo de futebol, aconteceu. No dia seguinte é outro. A televisão mostra um acidente, amanhã é outro. As informações não precisam de elaboração nenhuma, porque elas são do momento, são horizontais, são sincrônicas, são ao mesmo tempo. Enquanto a tradição é diacrônica, vai além

do que se viu. Supõe cabeça, supõe interpretação, capacitação dos sentidos, reelaboração. Olhar para essa nova geração e perguntar o que é importante para ela.

Falta-nos e falta-nos muito o transmitir, porque nos faltam palavras, estrutura lingüística e essa multiplicação que Jesus nos ensinou. Multipliquemos as palavras, não vazias, não sincrônicas, não simultâneas, mas aquelas que transmitem as riquezas do passado, para que as gerações futuras não pensem que nasceram hoje. Que elas saibam que nasceram depois de quinze bilhões de anos de uma história que se construiu. Amém. (27.07.03)

(*) João Guimarães Rosa, escritor mineiro nascido em Cordisburgo

(**) referência ao Planalto Central, Brasília

(***) referência à Rede Globo de Televisão

Nota: esta página, além da homilia, contém a proclamação interpretada da passagem bíblica. A parte em *itálico* é a narrativa.

O NADA SE VESTE (Lc 12, 13-21)

A lição imediata é tão clara que nem preciso explicar. Mas eu me perguntava: por que nós queremos acumular? Será por causa das coisas? Eu acho que não. Senão vejamos. Vocês estão com fome, podem comer uma comida gostosa, ótima. Terminado o almoço, alguém oferece uma comida melhor. O que vocês vão fazer? Nada, porque já estão satisfeitos. Vocês podem ter duzentos pares de sapatos. Para que? Vocês não são nenhuma centopéia para usarem cem pares de sapatos ao mesmo tempo. Para que quero ter quinhentas camisas, se só tenho um corpo para cobrir? Eu acho que não são as coisas que nos atraem. Seria entulho demais. De que adianta entulhar nossa casa, se não podemos fazer nada? Ter dez geladeiras, no inverno, só esfria mais a casa. Duzentos sons em casa, para quê? Enlouquece. Não são as coisas que nos preenchem. E por que as queremos? Aí vem a questão. As coisas prolongam o nosso ser. E é esse prolongamento que queremos. Quem prolonga? O que queremos de fato? Não são as coisas. O que pode fazer um Bill Gates (*) com sessenta bilhões de dólares? Ele não pode comer dólar. Não são as coisas que nos completam.

Nós queremos alguma coisa diferente. Vivemos num mundo simbólico, gente! Nós queremos símbolos. Queremos bens de outra natureza. Queremos que as pessoas reconheçam que somos importantes e aí ficaremos satisfeitos. Você se sente poderoso quando anda num carro bonito, grande. Você desce bonito, todo maquiado. Então, o que nós queremos é outra coisa. Queremos que o nosso ser seja massageado, glorificado, ilustrado, porque nós não somos. E por isso queremos. Porque se fôssemos o que somos não precisaríamos disso. Quanto mais eu quero que o meu ser se prolongue, menor ele é, mais pobre eu sou. Deve fazer por baixo um *complexozinho* de inferioridade doloroso. Um *calozinho* que machuca o sapato da existência a cada minuto. É por isso que precisamos chamar a atenção de todo mundo, que precisamos fazer barulho para que todos nos olhem. Se não nos olharem, não seremos nada. Eu vivo dos olhares dos outros porque o meu olhar é vazio. Eu sou vazio. Então eu preciso aparecer.

Sai aquela jovem toda bonita, desfilando de salto alto, vestido longo, importado de alguma boutique de Paris, porque por dentro não existe nada. O nada se veste. Porque se fosse uma pessoa rica de coração, de bondade, de beleza não precisaria de nada disso. Olhem a Teresa de Calcutá. De que ela precisava? De nada. Quando ela falava na televisão americana, os jovens choravam. Ela tinha interioridade, tinha alguma coisa lá dentro que nenhum dinheiro, que nenhuma coisa faz.

É bom começarmos a refletir: por que queremos que as coisas nos vistam? Será que não encontramos nada dentro de nós que valha? Será que eu não valho nada? Será que sou tão vazio, que preciso cobrir tanto, tanto, tanto para que as

peças me apreciem? Será que eu preciso? Será que eu preciso? Será que eu preciso?

Se eu trabalhar a minha interioridade, meu mistério, a minha riqueza interna, a minha capacidade de comunicar, de dizer uma palavra bonita, fazer alguém crescer, eu não precisarei de me vestir de tanta coisa exterior. Porque eu terei lá dentro essa riqueza.

Eu acho que devemos trabalhar muito mais nessa direção. E vamos descobrir que, na medida em que encontrarmos a nós mesmos, sentiremos menos necessidades e poderemos ser mais para os outros porque teremos uma base, um apoio, um alicerce, onde construiremos a nossa casa.

Jesus usou ainda outra comparação. Se construirmos a nossa casa sobre a areia, na primeira tempestade ela será derrubada. Mas se a construirmos sobre a rocha, ela enfrentará todas as tempestades. O que é a rocha? A rocha é a nossa interioridade, é o nosso mistério, é tudo que temos de maior dentro de nós: nossos desejos transcendentais, nossos sonhos, nossas utopias, tudo aquilo que na juventude buscávamos e, de repente, o vento da história bateu e nos deixou vazios.

Quantos olham para o futuro e não vêem nada, porque não sabem como se jogar para fora. Nós somos alguém que procura o seu itinerário nobre, mas também somos projetivos. Quando se nos faltam projetos, quando se nos faltam utopias, quando se cerceiam os nossos ideais, aí sim, temos que vestir muito mesmo a nossa carcaça, porque não temos nada sustentável dentro de nós. Amém.
(31.07.04)

(*) milionário americano proprietário da empresa de computadores
Microsoft

PAIS DA TRANSCENDÊNCIA (Lc 12, 32-48)

Se estivéssemos na Igreja tradicional o pregador iria usar esse Evangelho para a pastoral do terror: “Na hora em que menos esperardes, a morte chegará!”. Mas eu não vou falar assim. Porque este Evangelho não é para nos amedrontar sobre a morte. É para falar sobre a responsabilidade da vida.

O que temos não é a morte, o que temos é a vida. Da morte não podemos dispor. Vem o médico, faz um esforço enorme, dá anestesia, olha tudo direitinho, mas chega um momento em que ele se sentirá derrotado – a morte chega inexoravelmente. Portanto, a morte não é nossa. Ela toca o mistério mais misterioso da existência humana. Se somos feitos para a vida, por que a morte? É importante pensar que somos feitos para a vida. Feitos para a vida quer dizer que nossa existência cabe dentro de nossa responsabilidade. Cada dia – isto é que é bonito – nós carregamos toda a nossa existência.

Sabem qual a grande diferença entre o ser humano e o animal? Há muitas. A gente não dá coices, por exemplo. Mas há outras mais profundas: o animal não sabe que ele carrega a sua existência. Ele late, grunhe e todos aqueles sons que a gente aprende na gramática. Tudo isso ele faz, mas não carrega a sua existência. Ele não se constrói. Ele não é um dever. Ele não é um ser em movimento, em crescimento. Ele não vai se fazendo ao longo da história.

Não decidimos totalmente sobre as coisas. Nós escolhemos coisas: entre um sabonete e outro, entre um perfume e outro, a cor de uma camisa. Mas isto é muito secundário e não é isso que é o objeto fundamental da nossa escolha. E sobre o que decidimos? Este é o grande mistério: decidir sobre nós mesmos. O objeto, o término da decisão é o nosso eu. É ele que vai se construindo. Ele não é algo feito, algo cristalizado, algo já pré-fabricado no mistério divino. Deus como que nos dá o chute inicial e aqui estão os pais para fazer isso.

O pai e a mãe são aqueles que dão o lance inicial. Carregam também uma genética, um DNA de não sei quanto tempo. Mas este chute inicial eles dão. Depois é a criança que vai tecendo a cada dia a trama de sua existência. Os psicólogos chamam moção, quando a criança pequena gosta de ficar olhando para a mãe. Ela começa a captar a primeira realidade fundante. A segunda realidade fundante é com o pai. Um filósofo americano, evangélico protestante, tem um livro muito bonito chamado “Os estágios da fé”. Ele começa a falar da fé com um ano, dois anos, com quatro anos, como essa criancinha pequena que a toda hora olha para a mãe. É que as mulheres não percebem isso. A criança olha para entender a relação, algo metafísico. Ela é pequenina, mas é infinita. Não pensem que uma criança é boba. A criança capta o Infinito no olhar da mãe, no olhar do pai. Ela se constrói com o Mistério. A criança já é mistério para ela mesma e é mistério para nós, porque quando menos esperamos, um adolescente, que não

frequênta muito a Igreja, de repente entra num grande santuário e fica tocado pelo testemunho da mãe, fica tocado com alguma coisa. O que será isso? É o mistério da existência humana que vamos construindo a vida toda.

E o pai está lá. Interessante! Reparem bem: a palavra confiança vem de *confidere* – com fé. Portanto, na raiz da palavra confiança está a palavra fé. Por tudo isso é que a nossa fé necessita, para começar a desenvolver-se, desse olhar confiante do pai e da mãe. É um mistério maravilhoso. Se a fé é dom de Deus, por que precisamos da confiança no pai e na mãe para podermos deslanchar? Por que tantas pessoas têm dificuldade de crer? Não é por causa de Deus. É porque faltou-lhes, na infância, este gesto de a criança jogar-se nos braços do pai e encontrar o abraço. A criança sabe que pode se jogar. Muitas vezes há uma dinâmica que os psicólogos fazem para curar o doente, já adulto, que não teve pais carinhosos. Os colegas cercam-na e ela cai para que seja segurada por alguém que está ao lado e assim ela poderá perder o medo. Porque se o outro não segurar ela cai. É como aqueles tobogãs onde as crianças escorregam e caem na água e há sempre alguém para tirá-las. Quem nos tira da água continuamente é o pai. E a criança que teve um ótimo pai, um pai de grandes abraços, será capaz de entrar em qualquer tobogã e jogar-se, sabendo que haverá sempre alguém para tirá-la. Essa é a confiança na vida. Quem nos dá confiança na vida? A mãe e o pai. E quando isso falha, a vida fica enrustida, a engrenagem não pega, o carro arranha. E são essas mudanças que vão arranhando os carros da vida, são as mudanças que tocam a embreagem do amor. Elas suavizam, fazem com que os obstáculos possam passar quase despercebidos. A vida desliza suavemente.

Cabe-lhes, pais, uma responsabilidade gigantesca e maravilhosa. Eu não sou pai físico e invejo-lhes. Mas sinto-me feliz quando os vejo, porque continuais, através da história, o projeto único, inicial de Deus: “Crescei, multiplicai-vos, enchei essa terra de vida”. O pai e a mãe têm uma responsabilidade grande, porque poderia ser diferente. Não precisávamos nascer de dois, podemos agora, até ser clonados em laboratórios. Não permitam que clonem o ser, porque a clonagem nunca será o amor de um homem e de uma mulher. Nunca a clonagem nascerá desse jogo maravilhoso que Deus criou, onde o homem e a mulher podem provocar uma nova vida.

Antigamente, a Teologia tradicional achava que Deus criava a alma e que os pais apenas preparavam a matéria. Hoje uma boa Teologia diz: “Vocês geram uma pessoa inteira, corpo e alma nascem da vida que vocês têm”. No início dessa vida está o Infinito de Deus. O projeto evolucionista de Deus nasceu daquele *big-bang* imenso onde todo o amor de Deus se fez realidade.

Nós somos Transcendência, muito mais do que matéria e vocês são mais que simples pais biológicos. Vocês, cada um de vocês, são pais da Transcendência. Amém. (08.08.04)

ASSUNÇÃO: A FESTA DA ESPERANÇA **(Lc 1, 39-56)**

A festa da Assunção, na linguagem popular, sobretudo de Belo Horizonte, onde há a igreja da Boa Viagem, significa essa grande viagem que Maria fez – a boa viagem. Uma viagem que toca a todos. Começou pelo próprio Filho Jesus, que também fez a sua viagem. Só que Ele fez no meio do sangue e da dor. Maria, provavelmente, terá feito através do amor, da serenidade, da paz dos anos avançados. E nós faremos também essa grande e boa viagem.

Quando penso no mistério da Assunção da Virgem, o seu significado preocupa-me. Será que é um privilégio dela ou é uma verdade para nós? Será que Deus quis simplesmente agradecer a Virgem, deixando-nos de lado, ou é um gesto profético, um gesto holéptico, isto é, que anuncia o que vai acontecer?

Se olharmos para a infinitude, esse gigantesco silêncio de Deus, não entendemos. A gente grita, clama e não vem nenhuma palavra de volta. O Filho clamou na cruz, Jó clamou, os justos, os pecadores todos clamaram e sempre esse silêncio gigantesco de Deus nos amedronta. Se Pascal (*) disse que o silêncio dos astros nos amedrontava, imaginem o silêncio de Deus?! Que tremendo esse silêncio! Os ímpios blasfemam e Ele se cala, os santos choram e Ele se cala. Ficamos com muito medo. Assim tantos povos, tantas religiões viveram sob o impacto do Deus silencioso, maravilhoso.

Mas Deus mandou o Filho, e Ele falou, e o nosso medo diminuiu. Deus fala? Fala! Deus chora? Chora! Deus balbucia? Balbucia! Deus fica nos braços de uma mulher. Pouco a pouco aquela imagem tremenda de Javé – o Javé do Sinai, o Javé que fazia tremer e fumar as montanhas – ficou cada vez mais suave através daquele Menino que era o próprio Filho. Falou de seu Pai, mas quando falava, falava com um certo temor. Afinal de contas era o Filho, estava entre nós e mostrou tanta humanidade. Ele morre, Ele ressuscita. E aí ficamos na dúvida: será que ressuscitou porque era o Filho, e nós vamos ficar de lado? Será que alguma outra criatura vai ressuscitar? Ficou a pergunta, ficou a suspeita. E caminharíamos até hoje nessa grande dúvida.

Sim, Deus maravilhoso, silencioso! O Filho morre e ressuscita. E nós? Não somos o Filho. Somos criaturas frágeis, quebradas, quebradiças, cheias de faltas. O que uma criatura assim pode fazer diante da infinitude de Deus? Se, ao olharmos para os astros, já trememos, imaginem se olharmos para o Criador de duzentos milhões de galáxias? O nosso destino é realmente nos perdermos no nosso nada, no nosso vazio. Nietzsche (***) e tantos filósofos niilistas, agora tão em voga, talvez tenham razão.

Mas, eis que aparece uma mulher. Normal, simples, talvez até analfabeta,

pobrezinha, de uma biboca, de uma *roçazinha* lá na Palestina – região norte, região rural – morava numa cidade pequena... “**Pode alguém de Nazaré ter algum valor?**” Ela sim, mais do que ninguém mereceria desaparecer no nada. O que poderia ela fazer diante daquelas inteligências de Atenas, diante daquelas matronas de Roma? Aquela *meninazinha* não tinha futuro nenhum. Não tinha dinheiro. Só poderia mesmo desaparecer. Esse era o destino daquela menina.

Mas eis que o Deus Onipotente, o Deus maravilhoso, o Deus do silêncio resolveu falar. Ele não fala com palavras, fala com gestos: faz viver um corpo totalmente humano, totalmente como o nosso – pequeno, frágil, jogado num canto da história. Agora sim, podemos esperar a nossa ressurreição. Quando Jesus ressuscitou, ainda existia a dúvida, que deixou de existir depois que vimos que Maria está viva, na totalidade de seu ser. Com todo o seu corpo, com toda a sua história, com todas as ações que teceu, com todos os amores que teve, com todos os cuidados que dedicou a seu Filho, com tudo aquilo que construiu seu Eu.

Quando falamos de corpo e alma, estamos falando da totalidade. É muito mais que corpo. É corpo, é alma, é espírito, é história, é *id*, é superego, é todo o eu total de Maria assumido nos braços infinitos de Deus. O nosso eu também poderá ser assumido. Esse é, então, o dia da esperança. Amém! (14.08.04)

(*) Blaise Pascal, filósofo francês do século XVII.

(**) Friederich Nietzsche, filósofo alemão do século XIX

TU ÉS PEDRA! (Mt 16, 13-20)

Este Evangelho nos permite aprofundar em reflexões. O sentido mais imediato e óbvio é Jesus dizendo que Pedro é a pedra. E eu fico perguntando: e se nos puséssemos no lugar de Pedro e imaginássemos cada um de nós como Pedro? Jesus se volta para nós e diz essa frase: “Tu és pedra, tu és fundamento!”. Será que, ao ouvirmos essa frase, podemos responder: “Será que sou fundamento de alguma coisa na minha vida? Será que posso sustentar alguma coisa na minha existência? Ou fui até hoje areia movediça e todas as coisas que se apoiaram sobre mim afundaram-se, perderam-se, desapareceram?”.

Podemos ser pedra, no sentido material. Pessoas que precisam de nosso apoio, como as crianças precisam do apoio dos pais para viver. Essa a primeira lição do pai: ser o apoio material, sustentar o filho, trabalhando, buscando maneiras para que ele possa comer, vestir, estudar. Isso é ser pedra, isso é ser Pedro. Todos os pais, todas as mães são Pedro. Claro, quer pedra melhor que um pai, que a mãe, sobre os quais a criança se apóia? Mas quando ele é como uma pedra de sal sem consistência, sem estrutura, os filhos também fraquejam. É importante pensar. Nós imaginamos que pedra é o padre, é o bispo e jogamos para eles a responsabilidade. Mas quando nos colocamos nessa situação, muda muito.

Eu posso também ser pedra no sentido afetivo, psicológico, numa comunidade. Mesmo a criança é, às vezes, a pedra mais importante numa família sobre a qual os pais se apóiam. Quantos casais se salvaram, conseguiram manter-se unidos porque uma criança lá estava, como pedra de toque sobre a qual eles reconstruíram o seu amor?! A criança é muito mais pedra, muito mais firme do que imaginamos. Na fragilidade de seu pequeno corpo, de suas palavras, daquele olhar, daquela pergunta, daquele questionamento que é o seu próprio existir. A criança também é pedra na sua família.

E pergunto se nós, adultos, conseguimos ser pedras para esses jovens de hoje? Amanhã iremos crismar tantos jovens e esses monitores, esses padrinhos, esses pais desses crismandos serão pedras? Quantos padrinhos nunca se perguntaram se foram pedras para os seus afilhados?! Podemos ser pedras espirituais também. Será que não somos? Será que essa comunidade católica é uma pedra para essa cidade? Será que se desaparecêssemos, Vespasiano seria a mesma? Se pudermos arrancar uma pedra de uma construção, é porque ela não é importante. Mas se essa pedra fizer falta e a construção desabar, é porque ela era a pedra angular. É isso que Jesus diz pra nós: “Tu és pedra. Tu és Pedro!” E sobre essa pedra a nossa comunidade irá edificar a cidade, na sua justiça, na sua beleza, no seu modo de existir, na sua moralidade, na sua ética. Será que somos essa pedra? Olha que Evangelho belíssimo! Ficamos pensando no papa, mas temos que ser pedra é aqui – na nossa família, no nosso trabalho, na nossa vizinhança. Agora

vem uma eleição (*). Será que vamos ser pedra ou vamos ser mais uma vez iludidos por visuais bonitos, por esposas bonitas que aparecem para conseguir votos para aquele que não é ela? Será que somos cabeça, pensamento, seriedade, responsabilidade para construir essa nação, ser pedra neste país? Ou somos barro mole, onde afunda qualquer coisa que se coloca?

Estava vendo o trabalho de uma psicanalista que está fazendo uma pesquisa muito bonita sobre a santidade. Se fosse uma freira contemplativa, acharia a coisa mais normal do mundo, pois uma freira pensa nos santos. Mas é uma jovem psicanalista que estudou em Paris, conhecendo todos os gozos e prazeres desse mundo, como ela mesma confessa. De repente, essa mulher vai à Índia, encontra um santo e a sua vida se modifica. Ela começa a pesquisar por que há pessoas que sabem encontrar uma energia espiritual tão grande que direcionam toda a sua existência para outros valores? Ela, que fora criancinha em Paris - a cidade dos prazeres - agora, adulta, volta a se encontrar de novo e, fascinada, diz: “Por que desejamos tanto, por que buscamos tanto?” Porque somos feitos para o Infinito. Sendo feitos para o Infinito, nenhuma realidade vai preencher o vazio que nós somos.

Nós poderemos ser essas pedras que podem ajudar as pessoas a se lançarem sobre os sonhos maiores da existência e não sermos barro da mediocridade, da vacuidade, da falta de sentido. Amém. (24.08.02)

(*) alusão às eleições presidenciais de 2002.

RESPEITO À INDIVIDUALIDADE

(Mt 16, 21-23)

Esta passagem parece até um pouco escandalosa. Jesus, por tão pouco, chama Pedro de Satanás. Isso merece uma reflexão mais profunda, porque a palavra de Pedro é o que todos nós também queríamos. Ele não queria que Jesus sofresse, porque o amava. Portanto, Pedro não disse nada de mal. Ele não queria nada de mal para Jesus. E por que Jesus o chama de Satanás? Essa é a pergunta. Se Pedro dissesse que iria matar os inimigos, Jesus estaria certo. Mas a admoestação de Pedro foi das mais inocentes. Nenhum de nós vai querer que um filho, uma esposa, um marido, um amigo vá sofrer, ser caluniado, ser preso. E quando Pedro diz isso, Jesus o chama de Satanás. Alguma coisa deve haver por trás desse Evangelho, que não parece tão claro.

Primeiro, a palavra é Satanás, depois pedra de tropeço, depois diz que Pedro não entende das coisas de Deus. São as três razões que Jesus usa para chamar a atenção de Pedro.

Quando é que nós somos Satanás? Satanás é o mesmo que Lúcifer, aquele que carrega luz, portanto, que ilumina. Jesus nos alerta que, em muitas situações, nós queremos ser luz para outra pessoa. Queremos forçá-las a tomar um caminho, sendo que todos têm direito de seguir o caminho que quiserem e não o que indicamos. Aí somos Satanás. Quando a mãe quer forçar o filho a seguir uma vocação qualquer, porque ela sonhou, ela é Satanás. Pode ser um desejo dos seus mais belos sonhos. E por que Satanás? Porque não devo forçar alguém a ir por um caminho que não queira. Não que seja bom ou que seja mal, mas por não ser o caminho daquela pessoa. É essa sensibilidade que precisamos ter. Nós somos anjos de luz, não quando forçamos alguém a seguir a caminhada, mas quando deixamos a pessoa, ela mesma, descobrir o caminho, e aí sim trilhar. Se Pedro tivesse dito: “Jesus, siga o seu caminho, aquele que você descobriu diante de Deus, de sua oração. Eu estarei a seu lado”. Aí Jesus teria dito: “Pedro, você é luz, você é anjo!”.

Nós somos anjos quando nos colocamos ao lado das pessoas, em qualquer situação. Seja filho, filha, amigo, amiga. Eu estarei a seu lado. Pode ser em Moçambique, para pegar doença. É convocação. Eu estarei ao seu lado para apoiá-lo. Não vou ser Satanás para alertá-lo do perigo, para desanimar o amigo. Portanto, muitas vezes, aqueles a quem nós amamos são Satanás.

Segundo. Jesus diz: “Você é pedra de tropeço”. Isso quer dizer escândalo. Que é pedra de tropeço? Você vai andando por um caminho, jogam uma pedra, você tropeça e cai. Pedro não queria que Jesus caísse nunca. Naquele momento, em que Jesus queria começar a sua caminhada, é como se Pedro interferisse e

se colocasse no meio, impedindo-o de seguir. Quantas vezes nós somos pedras de tropeço para as pessoas, porque entramos em seu caminho e não as deixamos seguir a sua vocação? Quantos pais impedem os seus filhos de seguirem uma vocação religiosa ou profissional, influenciam para um lado ou para outro? Quantos sugerem, condicionam?! Esses são Satanás, são pedras de tropeço, porque não têm o ouvido de Deus. Quando é que a gente tem ouvido de Deus? Quando temos o ouvido da liberdade, da diferença, da originalidade. Quantos pais e mães têm dificuldade de aceitar que seu filho é diferente, e às vezes as escolhas são chocantes, dolorosas, escandalosas?! Querem forçar, impedir e aí Jesus diz: “Você não tem o ouvido de Deus”. Porque você só ouve a voz da vizinha, das comadres e não ouve a voz que nasce do coração de alguém, que brota dos seus desejos, de seus anseios mais profundos. Se Mônica (*) tivesse forçado seu filho em seu momento de desvario, talvez ele nunca tivesse sido Santo Agostinho. Ela esperou, chorou, esperou.

Termino com uma metáfora. Uma vez Alceu Amoroso Lima (**) andava afastado da fé cristã e ele disse a um famoso jesuíta da década de quarenta – Leonel Franca – um dos grandes luminares da fé no Brasil: “por que você não fez nada quando me viu afastado, apenas esperou?” E ele respondeu: “Toda vez que quisermos abrir o casulo antes que a larva tenha força suficiente para rompê-lo, ela morrerá”. É preciso saber esperar que a larva se fortaleça, rompa o seu próprio casulo, e saia essa belíssima borboleta voando para o infinito. Amém. (31.08.02)

(*) referência a Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho

(*) intelectual carioca, membro da Academia Brasileira de Letras

A BUSCA DA INTERIORIDADE (Lc 14, 26-33)

Há duas grandes tradições culturais e, se não as percebemos bem, as palavras do Evangelho se nos escapam. A cultura semita era muito concreta. Ela queria trabalhar o interior das pessoas de fora para dentro, isto é, com gestos simbólicos, fortes. Levava as pessoas a interiorizarem essas condutas exatamente como fazemos com as crianças. Não adianta as mães encherem as crianças de conselhos pelo ouvido. Elas têm que receber as coisas pelos olhos - segurar, pegar - porque pouco a pouco vão assimilando. É uma cultura própria de povos mais simples, mais imediatos, mais diretos. E Jesus viveu nesta cultura.

A nossa cultura, sobretudo ocidental, tomou suas raízes na cultura grega, mas as acentuou muito mais. É um movimento oposto. Nós queremos criar condições interiores, convicções e depois agir conforme essas convicções. E até achamos equivocadas as pessoas que agem não convictas do que estão fazendo. Que simplesmente representam gestos externos, que não correspondem à sua interioridade.

É um pouco esse jogo. Talvez as duas culturas sozinhas não dêem conta. Algumas linhas da Pedagogia e Psicologia modernas começam a ajudar as pessoas a modificar sua interioridade através de comportamentos externos. O próprio Santo Inácio, nos Exercícios Espirituais, pede que se criem condições externas de luz, de silêncio, de lugar para ajudar as pessoas a rezar. Porque a luz, o silêncio e o lugar vão tocar nossa interioridade. Teríamos que confiar melhor nestas duas correntes. Nem tão exteriores que não criemos e não tenhamos condições internas, nem tão interiores que não manifestemos a nossa interioridade.

O que vocês diriam de um esposo, de uma esposa que tivesse um amor muito profundo, mas que nunca se manifestasse através de um sinal externo? Seria um desastre. Imaginem vocês. Um namorado, uma namorada, um noivo, uma noiva que não sejam capazes de demonstrar sentimento nenhum. Será que conseguiremos acreditar? A exterioridade envolve a nós, não só para manifestar, mas também para criar. Isso é que é interessante. Muitas vezes não imaginamos como condições externas ajudam a modificar o nosso interior. Essa é uma pequena introdução para entendermos agora o Evangelho.

Jesus diz que aquele que quer segui-lo tem que se desfazer das coisas: parentescos, amizades, coisas materiais. É isso o sentido material ou é importante que algumas vezes façamos alguns gestos externos para demonstrar uma atitude mais profunda e interior de desapego? Sem dúvida que o Evangelho pede não só uma atitude externa. Jesus sempre trabalhou a interioridade das pessoas. Ele sabia, como judeu que era, na cultura em que vivia, mais de fora para dentro, que se não trabalharmos os sinais, os gestos externos, a nossa interioridade ficará comprometida. Como posso dizer que sou desapegado das coisas, se nunca me

desapego de nada? Como é que eu sei que sou desapegado? De vez em quando, devemos olhar o nosso quarto, a nossa casa e dizer: de quanta coisa eu não necessito! E aí mostrar que somos desapegados, desfazendo-nos materialmente de algumas coisas. Sem isso a interioridade não existe. Como podemos dizer que seguimos Jesus se não temos nenhum gesto externo de acolher a outra pessoa? Como é que existe lá dentro um amor ao Senhor, um amor a Deus que não aparece em nada do que fazemos? É de duvidar.

Esse Evangelho quer nos lembrar um pouco essa dialética. Não é o caso de chegar a largar a família, a mãe, o pai e ir embora. Haverá algumas pessoas que farão isso, como muitos missionários que temos aqui no Brasil. Na igreja do Carmo, por exemplo, há um missionário holandês, Frei Cláudio. Ele largou tudo. Largou sua língua, seu país, a sua cerveja, as suas bebidas deliciosas da Holanda e veio para cá, desarmado, para trabalhar aqui. Esses são os casos bonitos, heróicos. Mas não é para todos nós. Algum sinal visível desse desapego todos deveríamos mostrar, para dizer ao Senhor que, lá dentro, nós o seguimos. Porque também esse sinal vai ajudar-nos a aprofundar esse seguimento.

Insisto muito e volto a insistir de novo. Precisamos criar na nossa sociedade espaços de silêncio, até de penumbra, para mergulhar no Mistério. Eu não acredito que alguém viva de Deus se nunca, mas nunca, silencia o grito terrível, o barulho que está lá dentro de si o dia todo. Como é que podemos encontrar o Mistério silencioso de Deus se nunca criamos o silêncio externo? Teríamos que começar a educar a nós mesmos para saber gozar do silêncio e nesse silêncio penetrar fundo no Mistério de Deus. Porque se há só ruídos, a nossa mente fica muito agitada e não esbarraremos com o Mistério do amor de Deus. Porque no fundo mesmo, Deus é aquele absolutamente incompreensível. É aquele cuja grandeza ultrapassa a todos nós. É aquele que, quando nos encontramos na noite mais escura, está lá. Aí nos jogamos na incompreensibilidade desse Deus.

Os jornais desses últimos dias nos mostram aquelas cenas horrorosas acontecidas na Rússia. O que pensar daquela escola invadida pelos terroristas e pelo exército, onde se massacraram centenas e centenas de crianças? (*) O que pensar disso? Eu só consigo jogar-me na incompreensibilidade do Mistério de Deus, porque nenhuma razão, nenhuma inteligência humana me permitiu entender esse gesto desumano. Nós somos capazes disso. Temos que entender como é que Deus foi tão misericordioso, tão grande, que nos criou e nos deu essa responsabilidade. Só Deus, o incompreensível, pode nos ajudar a mergulhar na obscuridade, na noite de tantas mães que agora carregam os corpos mortos dos seus filhos pequenos, massacrados pela estupidez da maldade humana. Amém. (05.09.04)

(*) alusão ao ataque de terroristas chechenos a uma escola de Beslan, na Rússia

A LÓGICA DE DEUS (Mt 20-1,16)

Se olharmos a história da cultura, observando o aspecto humano e histórico, vamos perceber que há dois tipos de gênios. Há os gênios teóricos, que elaboraram grandes sistemas filosóficos, muito profundos, como Platão, Aristóteles, Kant, Hegel, Marx. Esses homens ficaram na história. Só que ficaram nas Academias. Só quem estuda Filosofia conhece realmente seu pensamento. Se eu perguntar a qualquer um a síntese do pensamento de Hegel, poucos, talvez nenhum, fosse capaz de fazê-lo. Não têm culpa nenhuma. Eram teóricos, escreveram para as grandes Academias e ficarão na história, mas sempre para as grandes elites intelectuais.

Há outros gênios como Buda, como Jesus. Falaram de uma maneira tão simples, tão direta, tão pedagógica, que qualquer pessoa, de qualquer tempo pode entender. Esses são os maiores gênios. Tomamos o Evangelho dois mil anos depois, lemos, e alguma coisa imediata toca a nossa experiência. Mexe conosco de tal maneira que eu posso falar para vocês aqui, agora. Por isso Jesus usou um gênero literário simples, o gênero da parábola. Ele não quis fazer discursos teóricos para serem estudados nas grandes universidades. O Espírito Santo não pensa nisso. Jesus usou então a parábola.

E o que é a parábola? Parábola é uma estória. Uma estória do cotidiano. Mas o mais genial de Jesus é que Ele é pedagogo, é provocante. Ele lança parábolas que parecem um pouco contraditórias. Imaginamos uma solução e Ele dá outra, o que nos deixa um tanto perplexos. Nos obriga a pensar. É óbvio que se uma pessoa trabalha uma hora, outra trabalha quatro, outra trabalha oito, outro trabalha doze no mesmo dia, no mesmo trabalho, no mesmo lugar, teriam salários diferentes. É uma lei. Você não pode dar salários diferentes para pessoas que trabalham na mesma coisa. Um quinto do expediente é um quinto, e merecerá um quinto do salário. Jesus inverte. Inverte a nossa lógica e nos deixa pensando. Por que inverte? Ele estará dando uma aula de Economia? Não, Ele quer que pensemos na lógica de Deus. É isso que Ele quer mostrar: a lógica de Deus não é a mesma que faz funcionar nossos negócios, e isso vale também para a lógica dos afetos e dos amores. Aí está a profundidade de Jesus.

Os amores não se medem pelo número de anos. Os amores se medem pela verdade desse amor. Uma pessoa pode estar casada há vinte anos, um pode estar tolerando o outro, sofrendo. De que adiantam os anos? Nada. Quarenta anos de casados, mas emburrados, chateados, sem se amar - quarenta anos e nada. Dois, talvez, um ano só de casados, mas vivem tal felicidade, uma beleza de amor. Então não é a lógica dessa parábola. É outra lógica e nos obriga a pensar. Será que nossa vida é marcada pela lógica do tempo, dos números, ou pela lógica da verdade dos nossos amores, pela verdade das nossas relações? E a verdade das

relações se mede pela quantidade ou se mede pela qualidade? É isso que Jesus quer nos ensinar, quando fala dos nossos amores, de nossas experiências.

Ele quis ir mais longe e isso podemos verificar. Quem vai medir os anos de um casamento pelo calendário? Medimos pelas lembranças, pelas memórias, pelos dias bonitos, e esses podem ser muitos, como podem ser poucos. É essa a nossa medida. A medida cronológica só serve para negócios. Não serve para as grandes lembranças, para as grandes realidades. É esse o mistério maior. É isso que Jesus quer nos dizer. Deus pode tocar uma pessoa com setenta anos que estava afastada, largada, que nunca ia pensar nele. De repente, essa pessoa se transforma num grande santo, aos setenta anos. Pode tocar uma pessoa aos vinte anos. Agostinho, um jovem desvairado, um jovem perdido, já tinha vivido todos os prazeres desse mundo, já havia fundado uma filosofia maniqueia. De repente, esse homem é agarrado por Deus e se transforma num dos maiores santos de toda a história. Francisco de Assis, também um jovem, filho de um *capitalistazinho*. De repente, larga tudo e estão aí os franciscanos, por séculos e séculos iluminados por esse homem que viveu poucos anos. Chegou na undécima hora e se tornou Francisco de Assis. Outros viveram a vida toda, e tão pouca coisa fizeram. Essa é a lógica de Deus

Isso deve nos consolar. Principalmente a certas mães tristes, porque seus filhos ainda estão fora da Igreja. Deus espera. Para Deus não há tempo. Para Deus não há essa ansiedade neurótica, estressante, que temos. Ele tem sempre os braços abertos para quem quiser vir a Ele, em qualquer momento, em qualquer idade, em qualquer etapa da vida. Ele se alegra com o jovem, com a criança.

Esse Evangelho de hoje que nos parece tão simples, tão banal nos fala dessa liberdade infinita e gratuita de Deus. Ele não mede os nossos méritos. Ele mede com o seu amor, que é infinito e, portanto, nos envolve como a água, onde mergulhamos no infinito do seu amor. Amém. (22.09.02)

A PARÁBOLA DOS INVERSOS (Lc 16, 19-31)

Irmãos, é parábola, não é história! Portanto, o sentido não é imediato: o rico vai para o inferno e o pobre vai para o céu. Se fosse isso, não precisaria de homilia. Eu chamaria a parábola dos inversos. O que é a parábola dos inversos?

O Senhor é muito profundo no olhar. Ele mostra o final na escatologia. Chamamos escatologia o final da história, o que será a transparência total. Lá aparecerá realmente o que é a realidade. Mas deixemos a escatologia para lá. Nós estamos aqui na história. Existirá também aqui a parábola dos inversos? Existe. Esta é a realidade que até a Filosofia trabalhou muito. É o jogo entre a aparência – o que chamamos de fenômeno - e o ser, a existência. Aparência e existência. Aparência e o Ser. Aparência e a Verdade. O rico – símbolo da aparência. Qual a metáfora do rico? Isolamento, tormento, vacuidade, falta de sentido. O rico é o banquete, é a festa, é a alegria. Mas que alegria? Alegria de quem não tem nada, alegria de quem não ama, alegria de quem não serve, alegria de quem tem o coração fechado, alegria das chamas do egoísmo. Esta é a realidade do rico. Não daquele que está no inferno, mas do que está aqui, em cada um de nós.

Toda vez que nossa aparência não é a realidade do nosso ser, somos o rico Epulão. Mostramos vestes bonitas, alegria, festa, e, dentro de nós, só há tristeza, dor, vazio, silêncio, morte, noite. De que adianta ser dia, se dentro é noite? De que adianta irradiar o sorriso maquiado, *prosáquico*(*), alimentado pela química da felicidade, se dentro corroem a tristeza, o sofrimento, a vacuidade? A pessoa rola na cama à noite e não consegue dormir. Viver só de aparência é caminhar cada vez mais – quantas vezes eu disse isso – para uma vida animal. Só o animal é capaz de viver assim. Só o cachorro é só cachorro. É só aparência, porque é só cachorro. Não conseguimos ser só aparência, porque nos dói.

De repente, caímos do cavalo da existência. De repente, encontramos-nos com nós mesmos. De repente, numa noite sem dormir, vêm as fantasias, vêm os desejos, vem a realidade, vem o vazio de novo. Aí ligamos a televisão, vem a dor de cabeça. Desligamos a televisão, vem o vazio, vêm os pensamentos. Lá dentro corrói. Acordamos de mau humor, brigamos com as pessoas, tomamos um café às pressas, chegamos com a cara azeda no trabalho. O que é isso? É o real da aparência. O real é só vazio, é só tristeza. É só fossa, só depressão. Isso é o real. É terrível isso!

Vocês acham que esses homens, essas mulheres que frequentam a sociedade, que vestem a cada dia uma roupa diferente, que vão duas, três vezes ao cabeleireiro por dia, carregam alguma beleza interior? Vocês acham que os *pitanguys*(**) da vida, que maquiam essas mulheres, produzem a beleza interior delas? Vocês acreditam nisso? Vocês, quando abrem o jornal, naquela coluna social, só vêem rostos bonitos, sorrindo. Vocês acham que, por trás daquele

sorriso bonito, existe uma real felicidade? Que eles sorriem para a vida, para o amor, para a beleza, para a verdade, para o sentido radical da existência? Vocês acreditam nisso? Ou será que eles sorriem só para os fotógrafos? Sorriem para aquele instante de luz, e acaba o sorriso. Volta o real. É isso que o rico era. Aqui na terra conseguimos enganar, embrulhar as pessoas. Talvez consigamos toda a vida, e o pior de tudo: conseguimos enganar a nós mesmos. Conseguimos fazer com que a nossa aparência apareça para nós – olha o pleonasma – como a nossa verdade. Mas não sempre.

Deus é tão bom que, em alguns momentos, Ele dá um risco na nossa vida. Aí levamos um susto. São os sustos mais lindos da vida. São as grandes graças de Deus. Foi o momento em que Paulo vai a Damasco. De repente: “Paulo, por que me persegues?”. Francisco, Domingos, Inácio. Todos esses grandes homens foram assim. Viveram muito a aparência.

Francisco era filho de um burguês. De repente, descobre o Cristo pobre ao ver um leproso. Inácio era um soldado vaidoso que operou a sua perna para poder andar, dançar e conquistar a filha do imperador. A bala que quebrou essa perna o colocou quarenta dias pensando, e aí ele caiu do cavalo. São os momentos mais lindos da vida! Às vezes, é um desastre, uma morte e o rico Epulão acorda para si. Só que, no Evangelho, a história narra, ele vai acordar tarde demais.

Quem é Lázaro? Lázaro somos nós, quando estamos famintos e vamos pedir as migalhas da existência, e não se nos dão essas migalhas. Os cachorros vêm lambe-nos as feridas. Os cachorros são o desprezo dos prepotentes que nos olham de cima para baixo. Esses são os cachorros da existência, que nos lambem as feridas. Mas esse Lázaro escondia dentro de si aquilo que vai aparecer na escatologia, ao lado de Abraão, no seio de Abraão: o amor, a beleza, a glória, o esplendor.

Quando eu olho para vocês aqui nesta igreja - e podem reparar que eu olho muito; desde que chego e olho para esse *meninozinho* que espera o meu olhar - das coisas mais lindas que vejo nesta igreja - sempre me pergunto: que mistério lindo pode estar aí? Quantos Lázaros existirão aí? Podemos ver um frangalho externo, mas lá dentro existe um filho de Abraão, um amado filho de Deus. A beleza não depende do que se mostra, mas vem da interioridade. Amém. (26.09.04)

(*) referência ao antidepressivo fluoxetina, chamado Prozac

(**) referência ao cirurgião plástico mineiro, Ivo Pitanguy

O HORIZONTE DO AMOR É O INFINITO

(Lc 17, 5-10)

Neste Evangelho percebemos duas *expressõezinhas*, que são a chave para a compreensão.

Na primeira, os apóstolos dizem para Jesus: “Aumenta a nossa fé!”. Claro que hoje sabemos que Jesus é o Filho de Deus, então Ele pode aumentar a nossa fé. Mas tentemos nos colocar na época em que os apóstolos não sabiam que Jesus era Filho de Deus. Sabiam que era alguém que devia ter uma missão maior. Mas era, para eles, um ser humano normal. Jesus era um homem que eles imaginavam ser, no máximo, o Messias. Eles olham para Jesus e percebem a distância enorme entre eles. Como, aliás, quando muitas vezes encontramos uma pessoa que tem uma espiritualidade muito grande e parece que entre nós cresce uma distância enorme. E aí eu grito: “Aumenta a minha fé!”

O que é essa fé? Nosso conceito, muito grego, muito intelectualizado, diz que fé é saber e conhecer as verdades: que Deus é Pai, que Jesus nos salvou, que o papa é infalível, que Nossa Senhora subiu aos céus. Mas não é essa a compreensão da Escritura sobre fé. É muito mais do que isso. Fé não é só conhecimento. É muito mais. É interessante que, se formos buscar a etimologia das palavras, seja nas línguas latinas, seja nas saxônicas, vamos perceber que fé tem uma raiz diferente de conhecimento. Começemos pelo latim.

Qual o verbo para fé? Crer – *Credere*. Qual a raiz de *credere*? *Cor-dare*: dar o coração. Coração não é inteligência. Coração é coração. Fé é confiar, entregar. Daí vem o *fides*: fíducia, fíducial – confiança. Há um conjunto de palavras que mostra que fé não é para a inteligência. A fé é para o coração. No fundo, o que os discípulos pedem é: “Aumenta o meu amor! Aumenta-me a coragem de confiar em alguém!” Isto é que é crer, em última análise.

Vamos tomar um pouquinho o inglês e o alemão – duas línguas saxônicas. Amor em inglês: *love*; crer: *believe*. *Lieve, love*. No alemão: *die lieb*: amor, votos; *das gelübde die geliebte*: noiva, namorada; *der glaube*: fé; *sich verloben*: ficar noivo – todos têm a mesma raiz. Interessante! Se as culturas perceberam que entre os namorados, entre os noivos, entre aqueles que têm amor, fé e amor têm a mesma raiz, logo a experiência primigênia, nativa, original é para o coração. Crer é para o coração, não para a inteligência. Isto muda muito. Eu só creio em quem eu amo. Eu só creio em quem eu confio. Eu só creio em quem pode ser o fundamento da minha existência.

Olhem, quando vocês dizem que se amam, no fundo, querem dizer que aceitam que o outro é, de certa maneira, o fundamento de sua existência. Isto é que é amar, isto é que é crer. Pesado, não?

Depois vem uma historinha. Jesus fala daquele empregado que não vai servir, mas vai ser servido. Nesta história não vem nenhuma aula de Direitos Humanos, nem de civilidade. Não vamos mandar o empregado fazer isso, porque está no Evangelho. Nós não entendemos nada. É um fato daquela época. Qual o ensinamento? O ensinamento vem no fim. E aí é que é profundo. “Depois que fizermos tudo, digamos: somos servos inúteis”. Será que isso é verdade? Vocês vão entender que é verdade. Eu vou por outro caminho, pois já falei que fé é amor.

Quando duas pessoas se amam verdadeiramente, quando uma coloca todo o seu amor para a outra, ela pára e pensa: ainda é pouco! Eu preciso amar mais, porque o limite do amor é o infinito. E em boa aritmética, infinito menos mil, menos dois mil, será sempre igual a infinito. Se o limite do amor é o infinito, vocês sempre podem dizer para o seu esposo, para a sua esposa: ainda não te amo o suficiente, ainda sou um servo inútil. Isso é que é ser servo inútil. Eu sempre posso amar mais, sempre posso ser mais. Imaginem se pensássemos assim, se vivêssemos assim?! Imaginem se esses homens e mulheres que foram eleitos agora (*) pensassem assim? Terminou o mandato, agora eu vou para a minha mansão, viver bem. Não, eu sou o servo inútil, ainda posso fazer muito mais para os doentes, os pobres, os ignorantes. Que diferença seria se, depois que fizéssemos tudo, ainda achássemos que é pouco, porque o horizonte nosso não é o horizonte de tempo e espaço. Nosso horizonte é o infinito. É isso que nos falta. Um horizonte mais amplo.

O meu horizonte é pequeno quando eu contabilizo o amor, quando eu contabilizo gestos – te dei dois beijos, quero dois de volta. Nessa matemática nosso amor nada progride. Enviei-lhe uma carta, cadê a resposta? Dei um presente que custou quarenta reais e você me deu um de trinta e oito!... É a matemática do amor pequeno, que não é amor, é tacanhice, é fechamento. Se o nosso amor não tem por limite o infinito poderemos dizer, sem nos desprezar, que somos servos inúteis. Não o inútil de inutilidade, mas o inútil de perceber que ainda não sou útil o suficiente para a história, para construir este mundo.

Só no último instante de nossa vida, quando nos encontrarmos diante da eternidade, aí sim, poderemos dizer o que Jesus disse na cruz: “Está tudo consumado!”. Até lá, somos servos inúteis, porque o limite do amor é infinito. Infinito menos qualquer coisa continua infinito. Amém. (03.10.04)

(*) referência às eleições municipais de 2004.

UMA MATEMÁTICA DIFERENTE

(Mt 21, 33-45)

Este Evangelho tem dois níveis de compreensão. Ele foi escrito numa época bem antiga – dois mil anos atrás. Quando Mateus escrevia, estava olhando para nós, aqui. Ele olhava para o povo judeu e, sobretudo, os sacerdotes, os chefes, os sumos sacerdotes, os anciãos, aqueles que deveriam ser os mais sábios – chamaríamos hoje, os pais de família, os professores, os políticos, os futuros vereadores e prefeitos, que estão sendo eleitos; todas essas pessoas responsáveis pela sociedade. Mateus olhou e se perguntou: o que fazem essas pessoas? Estarão ajudando a vinha, isto é, a nossa cidade a crescer? Estarão ajudando os pobres a melhorarem sua situação? Estarão procurando novos empregos? Ou estarão pensando: vamos arrendar a vinha, aproveitar os frutos e todos os que protestarem serão eliminados, expulsos e mortos. Se tiverem filhos, também eles serão eliminados.

Mateus estava muito triste, muito preocupado, porque as pessoas que estavam à frente da comunidade, ao invés de pensar na comunidade, estavam pensando nelas próprias. Interessante, uma narração de dois mil anos atrás parece moderníssima! Estamos prestes a mudar o cenário político dos municípios. Será que teremos pessoas que irão realmente pensar? Serão novos vinhateiros, que vão pensar na vinha? A vinha, na Bíblia, tem sempre o sentido de povo, povo de Deus. Nós somos a vinha. Será que esses novos vinhateiros vão realmente cuidar da vinha? Ou vão apenas cuidar de si mesmos, aproveitando-se da vinha?

Vocês percebem que este problema já é antigo e continua novo. Tão antigo que um Evangelho de dois mil anos já o traz e tão novo que, quando lemos, levamos um susto e perguntamos: como é que depois de dois mil anos, não aprendemos isso? Como é que depois de dois mil anos, não descobrimos que, quando recebemos uma responsabilidade, nós recebemos infusão na comunidade?

Não somos indivíduos isolados. Há um livro tão bonito de Thomas Merton (*), que diz: “Nenhum homem, nenhum ser humano é mais do que outro”. Nós somos arquipélagos, como dizia hoje na aula de Escatologia. Somos um *nozinho*, ao qual se ligam tantos fios. Imaginem se esse *nozinho* puxasse todos os fios para si, ao invés de irradiá-los? Há pessoas centrípetas e há pessoas centrífugas. Uma fazem tudo convergir para o centro – são centrípetas, fazem tudo convergir para si. São o centro de tudo. Outras não, fazem e irradiam.

Nós seremos tanto mais felizes, aqui e além, na medida em que formos um nó de relações, porque é isso que fica da nossa vida. Só subsistirá de nossa existência o que construirmos, aqueles elementos que irradiarmos, aquela vida que passarmos. Interessante paradoxo cristão: quanto mais seguramos para nós,

mais perdemos. Quanto mais irradiamos, mais ganhamos. É o contrário da física, é o contrário da economia. A economia, quanto mais capitaliza, mais capital fica, mais rico fica. O Cristianismo é o contrário: quanto mais tira, maior fica. Tirando de nós, irradiando de nós, ficaremos cada vez maiores.

Imaginemos um pouco esses novos vinhateiros e, cada um de nós, de certa maneira, em sua família, em seu lugar é um pequeno vinhateiro. Conheço tantas professoras que têm diante de si os seus alunos. Pais com os filhos em sua casa. Pessoas que trabalham com alguém. Nós somos esses vinhateiros. Será que no trato com os nossos funcionários, pensamos no bem real deles? Ou só no interesse da firma ou no nosso salário? Quantos param um momento e pensam nos problemas que tem aquela pessoa? Quantas donas de casa pensam que suas empregadas também têm problemas afetivos, também têm momentos de depressão, também precisam de uma palavra de consolo?

É isso que o Senhor Jesus quer nos falar. Para que o nosso coração se volte cada vez mais, não para esses vinhateiros que exploraram a vinha. Quanto mais explorarmos, mais pobres ficaremos. Quanto mais usufruirmos dos outros, tanto mais minguaremos dentro de nós, tanto menores seremos diante de Deus. Se somos pouco diante de Deus, não somos nada diante de ninguém. Amém.
(05.10.96)

(*) monge trapista norte-americano

A PERGUNTA QUE NOS MOVE (Ex 17, 8-13/Lc 18, 1-8)

Hoje temos três cenas interessantes para a nossa reflexão. A primeira é de Moisés, depois a parábola de Jesus e, depois, essa *frazesinha* enigmática (*).

Imaginamos que Moisés, com os braços estendidos, fazia com que um exército de judeus derrotasse os amalecitas. Será que é assim? Será que Deus é aquele que entra na guerra para matar os adversários dos cristãos, dos católicos, no caso aqui, dos judeus? Ou é um Deus de todos os povos, de todas as culturas, um Deus que não exclui absolutamente ninguém do seu amor? Para entender a Escritura, não podemos tomá-la ao pé da letra. Ela reflete muito mais o que os judeus pensavam de Deus do que o que Deus mesmo é. Os judeus queriam um deus que fosse assim e assim escreviam. Parece ser a revelação, mas é muito mais os desejos e sonhos do povo de Israel do que a própria realidade de Deus. Com essa idéia, ficaram por muito tempo, até que vem Jesus e aperfeiçoa, corrige, de certa maneira. Leva à plenitude essa posição e diz: “Não, Deus é de todos e, sobretudo, daqueles que todos desprezam”. Por isso Jesus foi condenado à morte.

A parábola de Jesus. Aí sim, muita gente vai dizer: “Agora sim, agora eu entendi. Para eu conseguir uma graça, eu tenho que insistir, pedir, lutar, para que Deus se comova e me conceda a graça. Como essa viúva que conseguiu dobrar o juiz iníquo, assim também eu vou conseguir dobrar a Deus com novenas, sacrifícios, peregrinações”. Será isso? Será isso que Jesus quer nos ensinar? É isso que muitos ensinam, mas não penso que seja por aí.

O que significa quando pedimos, insistimos com Deus? Para Ele não interessa o objeto direto do verbo pedir. Não é o que pedimos que Ele nos concederá, porque já nos concede tudo antes. Não é um objeto determinado, uma coisa concreta. Agora eu quero conseguir isso e vou lutar para isso. Eu acho que não é esse o caminho de Jesus. Deus se deu a si mesmo a nós. É com Deus e em Deus que temos tudo. As coisas que vão acontecendo Ele entregou à história, aos homens, às nossas disposições.

Se vocês forem ao fórum e insistirem muito, vão conseguir. Se forem à Prefeitura e pedirem muito, vão conseguir. Não porque Deus quer assim. Assim são os homens. Com os homens precisamos fazer isso: precisamos ter consciência cívica, consciência política, porque se não reivindicarmos os nossos direitos, os direitos da cidade, das crianças, dos jovens e adolescentes, dos doentes e pobres, eles não vão ter nada. Essa é a lição. É para a história, não para Deus. Não é preciso que peçamos a Ele, porque Ele já se deu a nós. Ele mesmo diz que dá depressa, que não espera. Antes que pensássemos em Deus, antes que imaginássemos o

que fosse Deus, Ele já se tinha dado a cada um de nós. Mesmo àqueles que não o conhecem, mesmo a esses que andam por aí afora, que nunca ouviram e nem querem ouvir falar de Deus. Ele está lá, no interior dessas pessoas, mexendo, falando, provocando, sacudindo-as com os acontecimentos, com os fatos, com a história, com a vida, com os fracassos, doenças, mortes, alegrias. É nesse jogo dialético da existência que Deus fala. Ele nunca vai ter que mexer os pauzinhos da história. Isso Ele deixou para nós, que temos duas mãos, dois braços, duas pernas, o corpo inteiro para trabalhar.

E essa última frase? Enigmática! Ele pergunta, não responde. Uma maneira inteligente de nos questionar: será que quando Ele vier ainda haverá fé? Será que a nossa comunidade de fé tende a desaparecer? Que daqui a alguns anos, nessa igreja, vai ter três velhinhas de oitenta e oito anos ou mais e depois de três infartos a gente apaga a luz e fecha a igreja? Jesus diz que isso é possível quando pergunta: “Será que vou encontrar fé?” Não vai depender dele.

Vocês sabem que na *santa* Europa, na Inglaterra que já foi chamada “Ilha dos Santos”, fecham-se inúmeras igrejas porque não há ninguém para visitá-las? Transformam igrejas em restaurantes, como eu já contei uma vez. Quando estive em Brugges, na Bélgica, quis visitar uma igreja dos jesuítas por devoção. Abro a porta e eis-me num restaurante. Será que daqui a uns vinte, quarenta anos – eu, olhando com um binóculo celeste – verei essas meninhas, então senhoras maduras, batendo nesta porta e encontrando garçons servindo cerveja, whisky? Ou ainda haverá essa comunidade ativa?

Jesus deixou essa interrogação, a resposta é nossa. Amém. (16.10.04)

(*) “Quando o Filho do Homem vier, por acaso encontrará fé aqui na terra?”

DEUS ESTÁ PRESENTE EM TODOS OS AMORES (Mt 22, 15-22)

Este Evangelho parece fácil, mas não é. É bom quando as coisas parecem fáceis, mas não são. Primeiro vejamos onde está a armadilha. Devemos pagar as nossas dívidas ao FMI (*) ou não? Se alguém dissesse que devemos, diriam que não somos patriotas. Se respondêssemos que não devemos, o Brasil entraria numa tremenda crise. Não sabemos responder. A armadilha é mais ou menos essa. Se Jesus dissesse sim, devemos pagar o imposto a César, diriam que Ele estava ao lado dos dominadores. Se dissesse não, diriam que era subversivo e deveria ser condenado pelos romanos. Portanto, tanto o sim como o não de Jesus seriam motivos para que Ele fosse surpreendido. Por isso, chamo de armadilha. E o que Ele respondeu? Aí mostra sua sagacidade, sua inteligência: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus!”. Vamos tentar entender essa frase, porque não é fácil.

Não existem dois mundos. É a coisa mais óbvia que aparece na frase, mas não é isso. Não há coisas de Deus, não há coisas de César. Tudo é de Deus e tudo também é nosso. César significa nós, nós da Terra, nós que vivemos aqui, que lutamos, que trabalhamos. Tudo nos pertence e tudo também pertence a Deus. Não há divisão de coisas. O que significa então, dar a César e dar a Deus? É a maneira de fazer as coisas. Aí entra toda a sagacidade de Jesus. Devemos dar tudo a Deus, mas em que sentido? Em todas as coisas que fizermos, sejam elas políticas, religiosas, escolares, profissionais – todas, sem exceção, nós as estamos dando a Deus. Quando ajudamos e quando não ajudamos a Deus? Essa é a pergunta. Todas as vezes que realizamos as coisas com espírito de entrega, de serviço, de civilidade, de cidadania, de amor ao país, de amor aos outros, não estamos dando a César, mas a Deus. Dar a Deus não é separar as coisas.

Muitas vezes os pais e mesmo as catequistas dizem para as crianças que elas devem amar mais a Deus do que a sua mãe. Uma criança nunca vai entender isso. Isso é errado. Ela não deve amar mais a Deus do que a mãe. Em amando a mãe, ela já ama a Deus. Deus não se compara, não é uma quantidade que está em comparação numa balança. Deus não entra numa lista de amores. Primeiro vem Deus, depois o pai, a mãe, o namorado. Nada disso. Deus está presente em todos os amores. É diferente. Quando amamos o pai, a mãe, o esposo, o amigo, o namorado, amamos a Deus. Depende da natureza do amor. Se amamos com amor, ou se amamos com egoísmo, aí sim, percebemos se Deus está ou não está presente. Quando amo com amor verdadeiro, isto é, um amor que significa sair de mim, nesse sair de mim Deus está presente. Quando é um amor possessivo, quando o marido quer a mulher para si, como se fosse uma coisa, aí Deus não está.

Em todo amor possessivo, Deus escapa. Ele não é posse. Nisso Ele é diferente de César. Nós podemos possuir as coisas, mas os amores, não; as pessoas, não.

É isso que não entendemos, porque estamos habituados a trabalhar com coisas e delas podemos dispor. Das pessoas, não podemos. O pai não pode dispor do filho, por pequeno que seja. Nem o filho pode dispor do pai. Não são coisas. Com pessoas, nós temos relação. Amar a Deus sobre todas as coisas significa amar as coisas da maneira que Deus nos ama. Na liberdade, fazendo-nos ser. Sabem qual a maneira que Deus nos ama? Fazendo que a gente exista. Esse é o grande amor de Deus. Hoje tem três jovens fazendo quinze anos e qual a maneira de Deus as amar? Fazendo que elas existam. É dessa forma que Deus mostra o seu amor por vocês. Vocês estão aí, com quinze anos de vida e há quinze anos o amor de Deus sustenta vocês no ser. Deus as ama fazendo que vocês existam para si, para a história, para os outros, para o mundo, para os amigos, para a família. Deus não tem ciúme de ninguém. Ele não quer que vocês sejam dele. Deus não nos quer como posse. Ele nos quer como movimento, nos quer sendo para os outros. Quanto mais formos para os outros, quanto mais sairmos de nós, em relação aos irmãos, mais Deus está em nós. É o único que ama assim. Todos nós somos ciumentos. Queremos o amor como coisa nossa. Deus é aquele que quer que o nosso amor seja para os outros. Nem é necessário que seja para Ele, porque Ele está sendo amado quando amamos os outros. Amém. (16.10.99)

(*) Fundo Monetário Internacional

A AÇÃO DE DEUS DEPENDE DE NOSSA LIBERDADE (Mt 22, 15-22)

Poucos Evangelhos foram tão mal entendidos como este. Somos tentados a entender as frases ao pé da letra e, transportando-as para o nosso horizonte, sempre perdemos o contexto cultural em que elas foram ditas.

No mundo judaico, no qual Jesus vivia, Deus era o grande general, por assim dizer. Aquele que havia libertado o povo do Egito. Todo o mundo, toda a política, toda a realidade eram envolvidos por Deus. Para os judeus, todos os setores eram, de certa maneira, religiosos, e eles não distinguiam o mundo político do religioso. Acontece que, naquele momento, eles ainda viviam sob a dominação romana. Tinham vivido antes a dominação de vários impérios: medos, persas, gregos. Agora viviam sob a dominação romana e é sob essa dominação que Jesus está vivendo. Eles tinham que pagar impostos a César para manter os grandes exércitos. Os romanos tinham exércitos no mundo inteiro e recebiam os impostos das colônias, como até hoje continuam os impostos, os juros, as dívidas externas. É o mesmo discurso.

Agora vem a pergunta: “devemos ou não pagar o imposto a César?” Jesus não respondeu. Ele nos dá o critério para discernir. Não separa o mundo de Deus do mundo da política. O mundo de Deus, aqui na igreja; o mundo da política, lá na praça. Negativo. Este foi o grande erro dos católicos: imaginarmos que o mundo da política era independente do mundo da fé. A fé sou eu, Deus, orações, novenas, celebrações, procissões, romarias. Isto é fê e religião. Política é votar, reivindicar, fazer sindicato, fundar partido – isso é político. São dois mundos. Esse é o engano. Tudo vem de Deus. Não há um mundo que não seja de Deus. Em tudo também entra a política. Não há nenhum mundo que não seja político.

Vem agora a perspectiva de Jesus. A maneira de olhar a realidade com os olhos de Deus não é a mesma maneira de olhar a realidade com os olhos políticos. Portanto, não é o território político que não é de Deus. Não há um território de Deus e um território de César. Para nós, cristãos, todos os campos são permeados pela presença de Deus. Devemos olhar para descobrir onde Ele está atuando na realidade. Vou dar-lhes um pequeno exemplo para entenderem. No final da guerra de quarenta e cinco, quando os alemães tinham sido derrotados, a guerra ainda continuou algum tempo no Japão. Jogaram duas bombas atômicas, uma sobre Hiroshima e outra sobre Nagasaki. Agora, eu pergunto: onde estava Deus? Naqueles que fabricaram e jogaram a bomba ou nas vítimas que sofreram as conseqüências? Lá com as vítimas estava Deus e não nas fâbricas, nos laboratórios. É isso que o católico tem que olhar: onde Deus não está e onde Ele está. Também lá onde caiu a bomba é terra, é cidade, é gente, é política, é sociedade. Lá caiu a

bomba, lá estava Deus ao lado dos sofridos, dos machucados, como está até hoje, ao lado daqueles que sofreram as conseqüências da bomba. Mas não está na elite tecnocrata, científica que criou, fabricou, preparou e jogou a bomba atômica. Aí Deus não está.

Dar a Deus o que é de Deus é olhar a realidade com os seus olhos. Olhar a realidade com os olhos de Deus é olhar onde há pessoas que sofrem e precisam de consolo. Aí está Deus. Onde está aquela pessoa que busca a salvação, aí está Deus. Naquela pessoa que está precisando de uma ajuda, aí está Deus. Com os auto-suficientes, aqueles que crêem que são tudo, que são onipotentes e infinitos, aí não está Deus, porque Ele não cabe aí. Esta é a razão. Não que Ele não queira estar. É que nós não lhe abrimos espaço. Deus está onde nós abrimos espaço. Ele quer penetrar tudo, mas deixou-nos – essa é nossa imensa responsabilidade – a liberdade de cercear o seu próprio espaço. Essa é a grandeza. Nós não somos capazes, somos seres faltosos, queremos sempre conquistar, como agora os políticos querem conquistar os votos. Mas Deus não age assim. Ele age perguntando onde nós O deixamos agir, onde nós abrimos espaço para Ele atuar. Nós, cristãos, estamos na sociedade para abrir espaços para Deus, porque Ele quer atuar, Ele quer ajudar, Ele quer curar todas as doenças e todas as feridas, todo o sofrimento. Para isso Ele é Deus. Ele não é Deus para condenar, mas para curar nossas dores. Todas as dores do mundo cabem no coração de Deus, e Ele é capaz de curá-las todas, se nós deixarmos. Esse *se* é que é tremendo. Se não quisermos, podemos bloquear a ação de Deus. Somos mais poderosos que Ele na negatividade, mas somos infinitamente pequenos na positividade. Deus é o infinito positivo. Diante de Deus, podemos ser o infinito negativo. Fiquemos com a responsabilidade. Amém. (19.10.02)

A DIMENSÃO DA VERDADEIRA GLÓRIA (Lc 18, 9-14)

O próprio Jesus já nos deu a chave de interpretação do Evangelho. Eu não preciso explicar, porque Jesus já explicou: “Aquele que se humilha será exaltado, aquele que se exalta será humilhado!” Mas será que, nesta palestra, não podemos ver outra coisa que Jesus nos passa e nos ensina, com seus símbolos, imagens e metáforas?

Eu vou tomar a palavra glória, porque estamos vendo aqui a cena de uma pessoa que se julga gloriosa – o fariseu; enquanto o publicano se considera pequeno, sem glória nenhuma. A palavra glória é uma palavra interessante. Ela tem três grandes origens, três grandes raízes diferentes que vão nos ajudar a entender o Evangelho.

Glória, para a tradição semita, isto é, da linha de Jesus – hebraica, aramaica – vem de uma compreensão muito diferente da que temos: é a face visível da interioridade santa de Deus. Para o judeu, Deus era invisível, porque era imensamente santo, absolutamente inacessível. Ninguém poderia ter a mínima idéia do que seria a santidade de Deus. Quando Ele manifestava a sua santidade, o judeu chamava isso de glória. Glória é a face visível, a manifestação externa daquele núcleo fundamental da santidade de Deus. Isto é tão profundo que quando São Paulo viu Jesus, o chamou *doxa tou Theou*: “Glória de Deus”. Por que Jesus é a glória de Deus? Porque Ele nos mostra visivelmente a imensa, infinita santidade de Deus. Para o judeu, não há glória, se não há santidade; não há glória, se não há interioridade; não há glória, se não há uma riqueza dentro da pessoa que se manifesta para nós. Esta é a tradição semita.

O grego é diferente. A palavra grega para glória é *doxa*, que significa *aparecer*. Glória é o que aparece na pessoa, exista ou não alguma interioridade. É um conceito comum na sociedade moderna: sociedade do *marketing*, da aparência, sociedade do mostrar, das *socialites*, do *society*. É uma sociedade que quer mostrar, exista ou não interioridade. Glória é toda a aparência. É o fariseu. Esta é a glória do fariseu. Ele mostrava: “eu jejuo, eu sou isso e mais aquilo”, e, por detrás, vamos encontrar o que chamamos de vaidade. E foi o que o fariseu mostrou. Olhem como as palavras em português são fortes! Pena que muitas vezes não vasculhamos a sua origem. Vocês sabem de onde vem a palavra vaidade? Vem de *vanus/vanitas*: vão, vazio. Vocês vêem uma escada bonita e, depois, o vão – daí vaidade. Vaidade é, pois, o que não existe. A escada existe, mas o vão é o vazio. Por isso se diz “em vão”, isto é, *vaziamente*, sem utilidade, sem valor, sem alcance nenhum. Vaidade é vazio. Pensam que uma pessoa toda vaidosa está cheia? É só vazio. Nós somos mais inteligentes do que imaginamos.

Fomos escolher na vaidade exatamente aquela palavra que significa vacuidade, o vazio da pessoa. É isso que Jesus fala a esse fariseu: esse homem é vazio, é vaidoso, não tem nada. É a aparência para o grego.

E para o latim? O grande filósofo e literato latino, Cícero, já dizia: “*clara cum laude notitia*”, que significa: “com um ilustre louvor”. Agora vou traduzir: *notitia* é notícia, vocês entendem. É informação, comunicação. *Clara* significa iluminada, tornada visível. Eu falo: “Fulano é um grande professor! Ele é um grande político, um grande jurista”. É uma pessoa contando suas glórias. A glória é a notícia que eu trago de alguém. Quanto mais notícias boas, mais glórias a pessoa tem.

Gloria, para o judeu, é a interioridade que se manifesta. Para o grego é a visibilidade que aparece. Em latim, ouvir falar bem. Mas pode ser que a notícia não seja verdadeira, porque os jornais mentem, as pessoas se enganam.

Portanto, a única glória verdadeira é aquela que o judeu tinha percebido. É isso que Jesus vai dizer do cobrador de impostos. Ele não tinha a glória grega. Provavelmente, estava lá atrás, de joelhos, escondido, cabisbaixo, meio encurvado. Não tinha glória nenhuma. O fariseu, de pé, com a túnica bonita, carregada de frases da Escritura (*), era toda uma encenação, um teatro. O outro não. Era um *figurantezinho*, que, para o grego, não valia nada. Também para o latino, a fama dos publicanos era péssima. Eram considerados ladrões. A fama do fariseu era muito boa. Nós é que vemos no Evangelho uma descrição negativa do fariseu. Mas, na época de Jesus, era uma pessoa muito elogiada. Se, naquela hora, Jesus tivesse perguntado aos discípulos quem voltaria justificado, provavelmente teriam respondido que seria o fariseu. Ele conhecia e praticava a Lei, era um homem culto, conhecia a Escritura. O publicano, coitado, não conhecia nada. Para o povo judeu, no sentido romano da palavra, no sentido grego da palavra, a glória tocava ao fariseu, e o desprezo tocava ao publicano.

Mas Jesus era um semita de coração. Via tudo, via a interioridade. Olhava dentro da pessoa e lá dentro Ele inverteu os papéis. O Evangelho também inverte os papéis: aquele que é glorioso não é glorioso, aquele que é pequeno não é pequeno, é grande.

Se aprendermos lentamente a educar os nossos olhos, vamos descobrir maravilhas interiores em pessoas simples, humildes. Posso citar uma lavadeira que conheci. Sua filha já estava na universidade e ela me disse: “Padre, a minha filha chegou lá”. Mas foi lavando a roupa, batendo-na na pedra. Foi aquela mão que lavou pilhas e pilhas, que as carregou na cabeça, levando de casa em casa, que conseguiu o dinheirinho para pagar os estudos da filha. Quem visse essa lavadeira, carregando uma pilha de roupas na cabeça, jamais iria imaginar a maravilha, a grandeza, a dignidade, o amor, a dedicação dessa mulher. Enquanto outras andam por aí exibindo roupas e beleza, mas se batêssemos nelas soariam

como o bronze, como diz São Paulo. Amém. (24.10.04)

(*) costume judeu de usar frases da Escritura penduradas em tiras na túnica.

A CAMINHADA DE ZAQUEU (Lc 19,1-10)

Uma cena tão simples, tão direta... E Lucas capricha muito nos pormenores. Ele é um literato, gosta muito de trabalhar as palavras. Não escolhe os verbos, os adjetivos de qualquer maneira. Começa por nos fazer ver que Jesus atravessava a cidade, cercado por uma multidão. Será que é assim que vemos Jesus na nossa vida, atravessando a nossa história? Jesus, nunca sozinho, sempre no meio da multidão, do povo, da história, dos sofridos, dos deixados, dos largados, dos excluídos? Aí está Jesus! Todas as vezes que queremos retirar Jesus e fazê-lo uma coisa nossa, muito particular, uma espécie de capelinha pessoal – não é o lugar de Jesus. O lugar de Jesus, como diziam os gregos, é na *ágora* – praça, o lugar público, lugar de todos. Jesus não é de ninguém, nem da Igreja, muito menos do padre. Jesus é da humanidade, é de todos. É isto que Lucas está dizendo: Ele está atravessando, cercado de pessoas, e nós somos pequenos.

Como é que vamos encontrar Jesus? Dois métodos são fundamentais. Primeiro Zaqueu queria ver Jesus. Olhem que verbo bonito – ver! Vocês já perceberam que as línguas preferem um verbo a outro. Por exemplo, o espanhol, quando quer chamar atenção de alguém, não diz veja, diz ouça. A mesma coisa, o francês. O inglês diz *you know* – você sabe, você conhece. E o brasileiro: veja! Quando você vai falar, manda ver. Ver as palavras? “Veja” e começa a falar! Interessante! Para nós, o ver é que é importante, para Lucas também. Para encontrar Jesus, precisamos ver. Nós temos aqui na igreja um cego. Não vê com os olhos, mas vê com o coração, vê com as pessoas que o acompanham. Ele vê, pela percepção, que as pessoas estão aqui. Então, ver não quer dizer necessariamente um fenômeno oftalmológico. Ver é um fenômeno psicológico, é um fenômeno de abertura. Alguém pode ter dois olhos sadios, caminhar por essa história e não ver nada. Este senhor pode ser cego e ver muito mais. O olhar de que fala Lucas não é esse olhar que examinamos com as lentes, mas é o olhar que só vemos através do coração.

Mas Zaqueu era pequeno, mesmo que ele quisesse ver, não conseguiria. Quando somos pequenos, não conseguimos ver Jesus – isto é verdade. Nós precisamos subir para ver Jesus? Parece que sim, porque Zaqueu subiu. Subiu numa árvore, mas primeiro correu à frente. Jesus não gosta de pessoas paradas. Repararam? Ele correu à frente, entusiasmou-se. E vocês têm que imaginar que Zaqueu não sabia quem era Jesus. Não sabia o que Ele era, como nós sabemos hoje. Isso me espanta. Jesus era um qualquer naquela época: alguém que passava no meio deles. Zaqueu quis conhecer este homem, talvez diferente. Como um Francisco de Assis era diferente - quando passava as pessoas ficavam tocadas. Como uma Tereza de Calcutá que, quando falava nas televisões americanas, deixava aqueles adolescentes, mascando chicletes, pasmados. Uma velhinha, toda enrugada pelos anos, pelos sofrimentos, mas tão bonita em sua interioridade.

Assim também Jesus, jovem – trinta e poucos anos – atravessando a cidade. Zaqueu quer ver. Sobee. Nós precisamos subir de vez em quando, precisamos nos arrancar do chão. Estamos muito parados, agarrados ao chão. No chão da banalidade, da vacuidade, das realidades menos profundas, no chão da não pergunta, da animalidade, de quem não transcende o seu próprio umbigo. E não é ele que vê Jesus. Olhem que ironia! Ele sobee para ver, e é Jesus que olha. Lucas faz questão. É Jesus que levanta os olhos, e é bonito este gesto. Lucas faz questão de dizer que Jesus levanta os olhos, para dizer que é pra cima, que o olhar é transcendente. Jesus olha para encontrar quem? O Pai? Não, o pecador. Olhem que jogo! Jesus estava em busca do pecador. Para o Pai Ele não precisava olhar, porque estava muito próximo dele. Nós é que precisamos olhar para Deus, por isso dizemos: “Pai Nosso que estais no céu”, mas Jesus não precisava dizer isso. Mas, para os pecadores Ele precisava voltar os olhos. Os pecadores geralmente estão longe. Jesus quer trazê-los pelo olhar, depois pela frase: “Desça depressa!” Porque hoje eu vou à tua casa, vou te visitar, vou tomar um refresco contigo, comer empadinha, pão-de-queijo - diria Jesus, em linguagem brasileira. E foi realmente hospedar-se na casa de Zaqueu – o pecador, o ladrão, ladrão consumado. Não vou citar nomes conhecidos para não ofender as pessoas, mas como aqueles que constroem tribunais, aqueles grandes banqueiros que mandam seus dólares para as *Caimãs*(*) da vida. Era um desses que Ele foi visitar, mas só que esse não conservou o dinheiro. Zaqueu disse: “Não, vou devolver quatro vezes mais, distribuir a metade para os pobres”. Mas não são os lucros que interessam. Quando Zaqueu encontrou o Senhor Jesus, a sua vida mudou.

Nós precisamos, de vez em quando, ter um choque *jesuano* que sacuda a nossa vida. Porque estamos sempre caminhando numa rotina. Mesmo que seja uma rotina piedosa, mesmo sendo bons cristãos, de repente, precisamos cair dos cavalos da história, levar um choque, um susto. Um susto como há tantos neste mundo de hoje. Quantas pessoas se encontram diante de uma enfermidade grave, diante de um infortúnio, ameaças de assaltos, de um apartamento que foi arrombado. Sente que alguém muito ligado a você o despreza. Pessoas que estavam ligadas aqui na Igreja, de repente, por causa de uma campanha política, já não se olham, já não se conhecem, estranham-se. De repente acordam: será que eu sou cristão? Será que eu sou como Zaqueu e vou abrir meu coração?

E mais uma imagem bonita: Zaqueu ficou em pé. Não se ajoelhou num confessionário. De pé: posição digna, de quem está consciente de si mesmo, acordado, vígil, vivo, consciente do que faz. Portanto, ele não age de qualquer maneira neste momento. Lucas realmente aprofunda a relação Jesus e Zaqueu.

De pé, olhando para o Senhor e vendo seu coração, sairemos daqui novos Zaqueus, convertidos. Amém. (31.10.04)

(*) referência a ilha do Caribe, paraíso fiscal para onde se desvia dinheiro ilícito

O NOIVO É A REALIDADE (Mt 25, 1-13)

O primeiro sentido, mais imediato e óbvio dessa parábola, é escatológico, isto é, nos orienta para o término da história humana, como também para o término da nossa existência. Pede que vivamos como se este momento estivesse sempre presente. Geralmente, ficam por aí as interpretações. Mas como nunca sabemos quando será o último dia, saímos da igreja totalmente despreocupados. Se vai demorar tantos anos, para que vou me preocupar?

Podemos fazer uma outra leitura, mais pertinente para a nossa vida. Quem são as dez virgens? Somos nós que estamos aqui. Quem é o noivo? O noivo é a realidade. São os acontecimentos, os fatos que vão chegando a cada minuto. Eles não esperam, são surpresas. As pessoas previdentes são as lúcidas, as que têm visão da realidade, que são capazes de analisá-la. Ainda agora tivemos um grande noivo que chegou, chamado eleições. Teremos um grande noivo que vai chegar em primeiro de janeiro – um novo ano. E assim os noivos vão chegando, e muita gente está diante deles como se nada acontecesse. São os imprevidentes, com sua *lampadazinha* bruxuleante. Ela vai se apagando e eles não percebem nada. Nada acontece, nada muda. Recentemente houve um violento assassinato em Vespasiano. A filha que pediu a seu namorado que assassinasse seus pais, lá em São Paulo. Esses são os noivos que estão por aí.

Nós somos imprevidentes. Diante de tudo isso, ficamos como se nada acontecesse, como se essa sociedade não estivesse se modificando, como se a violência não estivesse crescendo, como se ela não estivesse cercando cada vez mais a cada um de nós. A previdência deveria nos levar a entender o que fazer. Não basta pedir o “óleo”. Devemos perguntar o que cada um de nós pode realmente fazer para transformar e modificar a realidade. Eu diria duas coisas mais gerais e uma bem pequena. Em primeiro lugar, temos que acordar em nós essa percepção de que estamos terminando um ciclo muito grande da cultura. A crise é muito mais grave do que imaginamos. Não que seja para tristeza ou pessimismo. Quando uma casa cai e desaparece, é aí que podemos construir coisa nova. Que esteja desabando um edifício diante de nossos olhos, não é ruim, é ótimo, porque dá-nos a possibilidade de construirmos algo novo. Às vezes os terremotos são terríveis porque destroem muitas casas, mas talvez sirvam para que depois, retirando-se os entulhos, possamos construir um bairro mais bonito, uma casa melhor. Desaba-se a sociedade para que construamos algo novo.

Para construir algo novo, precisamos de duas coisas. Precisamos acreditar. Não falo de fé. Precisamos acreditar na história. Ter uma utopia, um projeto maior que nos mova, que seja uma possibilidade de nos engajar e nos comprometer. Estamos um pouco perdidos porque não temos nada grande, um horizonte maior. Sem um horizonte maior, como vamos caminhar? Olhando para um grande

buraco, cairemos nele. Temos que olhar mais distante.

Um segundo ponto para o qual queria chamar a atenção: despertar a nossa sensibilidade ética. Não é emoção, é sensibilidade. Qual a diferença? Emoção é algo passageiro que, depois de cinco minutos, passa. Sensibilidade é aquele mistério que está dormindo em nós. Esse sentido profundo que temos de justiça, de beleza, de convívio, de encontro, de fraternidade, de acolhida. Tudo isso está dormindo, e, se ninguém toca, continuará dormindo, como essas jovens que esqueceram o seu óleo. Continuarão dormindo toda a noite, porque a escuridão as invade. Se despertarmos em nós e nos outros uma sensibilidade, uma percepção desse mistério profundo que existe em cada um, de que a vida merece ser vivida de maneira digna, real, nova, um Brasil diferente é possível, uma cidade diferente é possível, uma escola diferente é possível, uma família diferente é possível, um eu diferente é possível. Amém. (09.11.02)

A FELICIDADE DE REPARTIR (Mt 25, 14-30)

Os talentos são o nosso enigma de hoje. O que Jesus quer dizer com isso? Jesus é o Banco Mundial que premia os grandes capitais, que vão se multiplicando, premiando a quem tem mais? Quem fizer essa leitura econômica, está perdido. Não entendeu nada. Deus será aquele que vive à espera de que retribuamos tudo aquilo que nos deu? Um Deus severo, que está sempre cobrando? Será que Deus é um Pai ranzinza? Também creio que não. Então não é por aí. O Evangelho não vai pela cobrança. Ele vai para dentro de nós. Jesus quer nos dizer quando é que somos felizes. Deus não está preocupado com Ele mesmo. Ele já tem a eternidade inteira. Ele está preocupado é conosco. Nós é que estamos em perigo. Deus, não. Não há perigo nenhum para Ele. Não vai levar um tombo, não vai machucar-se, não vai perder-se. Deus está preocupado é conosco.

Ele pergunta para Jesus, olhando para as pessoas: “Quando é que as pessoas são felizes?” Será que é quando estão paradas, sem iniciativa, sem entusiasmo? E Jesus diz: “Não. Se você não percebe que algo brota de si, você não é feliz. Se você percebe que algo brota de dentro para fora, você pode ser feliz!”. Nós somos felizes, não quando recebemos de fora. Somos felizes quando irradiamos de dentro para fora. Este é o grande mistério. E é tão difícil que até hoje as pessoas não acreditam. Elas vão agarrando todas as coisas, porque pensam que, agarrando mais coisas, serão felizes. Seremos felizes quando fizermos um gesto oposto. Não de puxar para dentro, mas de jogar para fora. Essa é a grande sabedoria do Evangelho. Por isso Jesus volta a falar nisso de muitas maneiras. De infinitas maneiras, Ele repete uma única lição: “Você quer ser feliz? Olhe para fora de você. Olhe para horizontes mais amplos e não fique metido no buraco. Não se esconda atrás de um tapume qualquer”. Seja alguém que abre os braços e pergunta: “Onde eu posso fazer este mundo melhor?”

Os meus talentos, as minhas qualidades, a minha inteligência, a minha liberdade, a minha capacidade de dialogar não são valores acadêmicos. Estamos vendo agora alguém lá em cima, que não tem curso acadêmico nenhum (*), nenhum diploma e vai nos governar. Sabe dialogar, sabe articular. É isso. Temos que ver qualidades diferentes. Não devemos ter inveja de ninguém, porque as pessoas não são nem mais nem menos. São diferentes, e, é nessa diferença que está a beleza. Um vai para a Medicina, outro para Direito, outro vai ser pedreiro, outra será uma cozinheira que faz uma comida gostosa *sem cebola*. É tudo isso que nos fará felizes. Colocar o que somos na mesa do altar. Não pensem que só os talentosos são felizes, como os Bill Gates (**), da vida, com montanhas gigantescas de dinheiro. Ficam mais amargos ainda. Quanto mais querem, menos dormem. Corroem seu fígado e vivem tomando remédios para conseguir dormir.

Jesus diz: “Nem cinco, nem dois. Mesmo que tivesse apenas um. A quantidade não interessa. Mas não podemos enterrar”. Não podemos pensar que Deus vai nos cobrar o que, de certa maneira, temos reservado. Mas todo aquele que reserva para si, acaba não vivendo. Aquele que abre os seus braços, vive. Em cada sorriso que dermos, em cada abraço que oferecermos, em cada palavra que dissermos, seremos mais gente do que se guardássemos apenas para nós mesmos. Amém. (16.11.02)

(*) alusão ao presidente Lula, recém eleito

(**) milionário norte-americano, proprietário da empresa Microsoft

SÓ RESTARÁ O QUE FOR CONSTRUÍDO POR DENTRO (Lc 21, 5-19)

Vocês queriam um Evangelho mais forte para hoje? Vocês queriam uma palavra de Jesus mais encorajadora do que esta? Jesus olha para cada um de vocês. Olha para cada uma das obras que os homens construíram, como aquelas duas grandes torres – orgulho dos Estados Unidos (*) – e vê que dois aviões bastam para destruí-las. Onde estão as pirâmides do Egito? Estão lá, para serem visitadas por turistas. Onde está *Cluny*, a maior catedral que se construiu na idade média? Sobraram poucas pedras. Onde está o império romano, onde estão os gregos, assírios, os egípcios, babilônios? Só restaram pedras, pedras. E os nossos impérios de hoje, vão resistir? Vai resistir o que estiver no coração de vocês, vai resistir o que estiver dentro de nós. Vai resistir aquilo que construímos de mais sólido do que as pedras.

O que construímos mais sólido que as pedras e que, portanto, nenhum exército vai destruir? Sabe o que ninguém é capaz de arrancar de vocês? A fé, a esperança e o amor. Ninguém consegue arrancar. Levavam aqueles juvenzinhos romanos para os tribunais. Eles olhavam para aqueles juizes e diziam: “Não conseguireis arrancar o amor de Jesus de nossos corações”. Aqueles juizes romanos os entregavam para as feras, que os devoravam, e hoje os veneramos como santos. Meninos e meninas, o amor de Jesus ninguém é capaz de tirar! Nenhum juiz, nenhum leão, nenhuma fera, nenhum gladiador conseguiu rasgar a fé, a esperança. São as únicas coisas que vocês construirão de sério, de sólido. Vocês podem ficar nas bagunças, na vida largada por aí. Nada disso ficará. Agora, aquele pouco amor que vocês construírem, aquele olhar lindo que vocês dedicarem a uma pessoa pobre e necessitada, isso atravessa o tempo e chega até a eternidade.

Quando vocês forem crismados, verão que a única coisa que vale é experimentar o Espírito de Deus. Vocês, juvenzinhos, com sorrisos tão bonitos, mas com rostos tão vazios. Vazios de quê? Vazios de beleza – não física – esta vocês a têm. Muitas vezes o vazio da beleza interior, vocês o enchem de nada. Paradoxo terrível: encher o coração de nada. Como São Paulo dizia que muita gente está ocupada em fazer nada. Muita gente está ocupada em encher o coração de nada.

Posso citar uma frase daquele artista, um dos mais famosos atores italianos – Marcello Mastroianni – quando chegou aos quarenta anos, depois de ter conquistado as mulheres mais lindas do mundo, olhou para a sua vida e disse: “A minha vida é nada!”. Como aquele general russo, que dedicara toda a sua vida ao regime comunista, quando o viu desabar, pegou um revólver, encostou na

testa e disse: “Tudo aquilo por que lutei é nada!”. Deu um tiro e morreu. Como aquele jovem italiano de quatorze anos, que deixou um bilhete escrito: “Cansado de viver”, e suicidou-se. Não faz tanto tempo, um casal veio falar comigo. Os pais, derramando lágrimas, a irmã com o coração rasgado. O único filho homem, quatorze anos, depois de ver todas aquelas figuras na televisão, estudou bem o coração, pegou o revólver e se matou. Aluno de um grande colégio, cansou-se da vida, já está nos braços misericordiosos de Deus.

Se vocês quiserem construir algo mais sério, jovens, é agora. Não amanhã. Amanhã só acrescentará alguma coisa de velhice e vacuidade. Amanhã vocês terão só o que vocês forem, só carregarão o que estiver construído em vocês, não o que estiver construído fora. As pedras caem, os edifícios desabam. Um historiador e escritor húngaro vivia ao lado de um rio de águas cristalinas. Mais tarde ele voltou para ver as águas de sua infância e achou um imenso lodaçal. Tudo se corrompeu. Assim estamos fazendo com as belezas, com os rios. Olhem as águas cristalinas dos rios que atravessam a nossa cidade. Tudo um imenso lodaçal. Isso fazemos com a natureza. E o que fazemos com o nosso coração? E se fizermos dele um pântano malcheiroso? De que adianta a beleza do rosto, de que adianta a mentira do olhar, da palavra, se de dentro não há nada que respire e atravesse o nosso olhar? Para quê? Para que expor tanta beldade? Meninas lindas, e por dentro o sino soa vazio. Mas se essa beleza passa e ela é cheia de vida, de conteúdo, cheia de esperança, cheia de amor, de construção, cheia de compromisso social, de engajamento, de transformação da sociedade, aí valerá a pena existir.

Todas essas descrições de Jesus não são geográficas, não são históricas – são existenciais. São torres que não caem por fora, mas caem por dentro. As de fora, os americanos podem construir de novo (*), mas as de dentro, só nós podemos construir. Amém. (18.11.01)

(*) referência ao atentado às Torres Gêmeas em Nova York, em 11.09.01.

A ORIGINALIDADE DA REALEZA DE JESUS (Lc 23, 35-43)

A festa de hoje, para a história da Igreja, de dois mil anos, é relativamente recente. É do pontificado de Pio XI. Não faz tanto tempo. Pio XI foi papa antes da Segunda Guerra Mundial, guerra de 1939-1945. Portanto, é da década de 30. E numa história de dois mil anos, é uma festa muito recente. E por que se criou esta festa?

Nós podemos dizer que rei não é uma função, rei não é um cargo como o que existe na Suécia, na Inglaterra. Rei é um arquétipo. O que queremos dizer com arquétipo? Arquétipo são essas leis profundas que são gestadas, são geradas, são produzidas na cultura humana. Vão de geração em geração, como grandes símbolos que ficam à nossa frente, como a dignidade de um poder, de um respeito, de uma distância. Por isso, os palácios são grandes, têm grades na frente. Se alguém quer entrar, não consegue, porque também há guardas. Isso foi criando em nossa fantasia todo o significado de rei. Quando se criou a festa de Cristo Rei, o grande perigo era transportarmos este imaginário, este arquétipo para Jesus. A liturgia quis nos defender deste risco. Não escolheu nenhuma cena, por exemplo, de Jesus entrando triunfante em Jerusalém. Escolheu a cena da cruz. Assim parece que a liturgia quebra a festa. A festa é de glória, de beleza, de esplendor e, de repente, ela nos apresenta Cristo pregado na cruz, os soldados e judeus caçoando, o próprio crucificado ao lado também zombando e interpelando Jesus. Que reinado é esse então? Essa é a grande metáfora.

Certamente não é o reinado que imaginávamos. Nem no céu Ele quer ser rei desta maneira. Ele não quer fazer maravilhas, não quer transformar nossa realidade. Nada disso. Em tal contexto, escolheu-se esta festa que quer dizer que o reinado de Jesus é o da proximidade no sofrimento, por meio do sofrimento. Nas horas menos alegres de nossa vida é que aparece o verdadeiro reinado do Senhor. Para as glórias, para os momentos de festa, não precisamos de Deus. Bastam-nos as festas. Mas é nas horas em que estivermos desprezados, que o reinado de Jesus se manifesta – essa é a idéia da proximidade de Cristo.

Isto para nós parece algo tão comum, tão banal, mas é algo realmente fantástico. Algo que quebrou totalmente a cultura humana, de tal maneira que foi a originalidade mais original de Jesus. Se alguém perguntasse sobre o que Jesus disse de original, de mais original, é simplesmente que Deus está próximo. Por isso o abalo. Foi tão original que quebrou aquele grande horizonte religioso do povo judeu que imaginava muito mais Deus no Sinai, entre trovões e tempestades, um Deus poderoso. E Jesus diz que Deus está presente nas horas mais tristes da nossa vida. Nesse cotidiano anódino, sem sabor, sem sal como comida de

hospital. Exatamente nesta hora Deus aparece em sua proximidade.

Para que a liturgia não nos leve ou induza a equívocos, a cena é essa da proximidade. Deus nunca foi tão humano como na cruz. Nunca foi tão humano! Sofreu a solidão mais solitária, o silêncio mais silencioso. Naquele momento, Ele mergulhou no mais profundo da nossa humanidade. Nós mesmos não conseguimos ser tão humanos quanto Jesus. Quando queremos entrar na nossa humanidade, parece que sentimos medo de sermos humanos. Às vezes preferimos a nossa animalidade, ou mesmo a nossa pura espiritualidade. Mas da humanidade, temos medo. O que é essa humanidade? É a nossa capacidade de estarmos próximos, de sofrer, de amar, de pensar, de aproximar, de olhar, de aceitar, de acolher-nos. Isso é que é humanidade. Olhar para uma criança tão linda mergulhada num Mistério que só ela sabe, ver aqueles jovens juntos, no seu amor, na sua ternura, olhando um para o outro. Todas essas coisas são o nosso lado humano, como uma mãe envolvendo a criança. Quando queremos entrar na nossa humanidade, parece que temos medo.

Deus quis dizer que Jesus não teve medo de entrar na nossa humanidade, por isso se aproximou tanto de nós. Tanto, que quis estar ao lado de dois criminosos, de duas pessoas que a sociedade rejeitava, de dois crucificados, numa situação sangrenta e dolorosa. Essa é uma realeza diferente, original, que só Deus tem e só Jesus pode manifestar. Amém. (20.11.04)

CONSCIÊNCIA E LIBERDADE (Mc 13,33-37)

Esta imagem, a metáfora do Senhor que viaja, é mais profunda do que parece à primeira vista. Nós temos certa dificuldade de entrar na escura parábola. É um gênero literário muito próprio. Vamos comparar nossa religião, por exemplo, com a religião grega. Quanto mais uma religião tinha os seus deuses próximos das pessoas para conviver no cotidiano, menos livres elas se sentiam. Daí aquela idéia do destino, que é ainda um pouco o que a gente tem na cabeça. Como se as coisas já estivessem decididas pelos deuses, e nós estaríamos aqui simplesmente para controlar a execução de uma trajetória, já anteriormente preparada, organizada, planejada.

O Deus que Jesus revela é diferente. Ele se retira. É como se Deus viajasse para longe e dissesse: “Agora a casa, a história é vossa. Podeis fazer o que quiserdes. Eu só voltarei depois”. Ao retirar-se, Deus não quer ficar longe de nós. Ele quer que sejamos nós mesmos. Sem isso nunca teria surgido a idéia de liberdade. Nunca saberíamos que somos livres, se Deus, de certa maneira, não tivesse se retirado para bem longe, como diz a parábola. Claro que é imagem, metáfora, para que saibamos que a história está em nossas mãos. Daí liberdade, daí responsabilidade.

Dizer que Ele voltará no último dia para pedir contas é metáfora também. Não é necessário Deus para cobrar de cada um de nós. Quem nos pede contas, em primeiro lugar, é nossa consciência. Ela está continuamente dizendo: o que fazes, o que fizestes, o que farás? Estes verbos, em seus três tempos – presente, passado e futuro – representam a consciência continuamente, como um grande relógio, acordando-nos. Ela é o Espírito. Ela é liberdade. Ela é presença do Criador em cada um de nós. Como aquele belíssimo poeta mulçumano diz: “Deus veio visitar-nos e não quis ir embora”. Ele não foi embora, no sentido de que não está longe de nós. Está longe e está perto. Está longe para que sejamos livres, está perto porque nos deu a consciência.

Esta proximidade de Deus não é uma proximidade que nos tolhe, nos limita, que nos prende, que nos agarra, que nos faz ficar atados ao destino, ao fato. Não. É uma presença que faz com que sejamos cada vez mais nós mesmos. Por isso, várias vezes o Evangelho diz que Ele viajou para longe. Está longe e está perto. Longe para a nossa liberdade, perto para que nossa consciência não durma, fique sempre vigilante. Vigiai! O que é este vigiai? É a liberdade, é a consciência, é o nosso interior. Nós também temos que atuar.

Deus é muito sábio. Deu-nos pais, mães, irmãos, colegas, amigos, pessoas que estão continuamente provocando-nos, acordando-nos, para que nunca percamos de vista que a história nos é dada como instrumento humano. Em sua liberdade, em sua responsabilidade. Amém. (30.11.02)

ANTES DA TERNURA DE BELÉM, A ASPEREZA DE JOÃO BATISTA (Is 11, 1-10/Mt 3, 1-12)

A primeira leitura de hoje é bonita demais para que eu a deixe de lado. Toda ela é uma grande utopia. Utopia é uma categoria das ciências políticas para entender os sonhos de todos os povos, de todas as culturas. Não é possível um povo viver sem utopia. A questão é saber qual é a utopia. Por exemplo, se vocês estudaram a história do Brasil, viram aquele mito dos índios – a terra sem males. Se olharmos o mapa do Brasil, vamos saber que muitas tribos indígenas foram caminhando para o interior. Um sociólogo materialista vai dizer que eles buscavam comida, caça. Talvez esta leitura não seja correta. Eles imaginavam que havia no interior do Brasil, naquelas regiões verdes, uma terra sem males. Eles viam muitos males acontecendo na sua terra: fome, doenças, pestes. Sonhavam chegar a um lugar onde não houvesse doença, peste, mosquito, serpente, onde não seriam devorados pelas feras. Seria a terra da paz. Assim os índios caminhavam até que vieram os portugueses e acabaram com eles. Outras culturas também estão cheias de mitos e mitos bonitos, como os gregos, em que os deuses pacificam e os homens entram em harmonia no Olimpo.

Esse autor de hoje, chamado Isaías, teve um grande sonho e é uma imagem bonita. Ele vê o tronco seco verdejar. Isso é muito comum na agricultura. Nos países nórdicos, onde o inverno é forte, seca tudo. Entra-se num bosque alemão no inverno, não se vê nada verde, apenas troncos secos. E, de repente, a primeira lufada quente faz o verde borbulhar por todos os lados. Isso sempre fascinou o ser humano – do seco nascer o verde. O jovem Isaías olha para o tronco seco, que era o povo de Israel. Era um povo seco, já frio, sem esperança, ameaçados pelos assírios, depois pelos babilônios, portanto, sempre massacrado. Era como aquele tronco seco. Isaías olha para eles e vê que vai nascer daí um movimento de esperança. Alguém virá salvar.

Olhando para o Brasil, nós somos um tronco seco. Estamos ainda esperando que brote o verde no meio de tantas doenças, crimes, mortes, drogas, assassinatos, miséria, má distribuição de renda, tanta omissão. O jovem Isaías diz: “Não, vai brotar também o verde!” Quando quer descrever, ele busca a grande imagem da rola. Olhem que jogo bonito que ele faz. Ele pega os animais ferozes e coloca ao lado dos animais suaves. Coloca o leão perto do cabrito, o urso perto da ovelha. E o mais lindo ainda: uma criancinha que vai conduzindo as feras. Não é de circo não. É uma criancinha qualquer. É um Haimon (*) que vai pegar o leão e vai conduzi-lo pela corda. Imaginem vocês, um leão selvagem ser conduzido por uma criancinha. Foi esse o sonho desse homem. Os cristãos, depois que viram Jesus anunciando as bem-aventuranças, pregando, perdando, acolhendo,

disseram: “É esse o Cordeiro que agora apareceu. É Ele que vai pacificar!”.

Mas antes de Jesus, o Evangelho coloca um personagem diferente. Mais rude, mais cru, chamado João Batista. Ele vem do deserto, vestido com peles de camelo. Vem cingido, vem com barba hirsuta, comendo gafanhotos com mel silvestre. Portanto, é alguém que vem do mundo mais rude e é rude no falar. Ameaça, coloca o machado junto à raiz. Imagina que o Messias vai joeirar a palha e o trigo, para queimar a palha. Ele conversa forte, questionando, chamando de hipócritas, raça de víboras. Mas é só João Batista que faz isso? Não haverá João Batista hoje? Há, e esse é o problema: nós não queremos ter João Batista, mas os há em nossa cultura.

Quem são os João Batista na nossa vida? São as pessoas que muitas vezes têm coragem de dizer-nos os nossos defeitos, os nossos limites, as nossas fraquezas. Por isso não queremos João Batista. Queremos devolvê-lo para o deserto. Gostaríamos de ter Jesus, manso e humilde de coração, que só perdoa, só acolhe, que recebe a prostituta, que expulsa os perseguidores. Mas o Evangelho conjuga os dois personagens. Antes de Jesus, há João Batista. Antes de chegarmos à misericórdia e à bondade, temos que passar também pela conversão, precisamos ser doutrinados pela história, pelo sofrimento, pela dor, pela falta. Temos tanto medo dessa palavra - falta - que os psicanalistas vivem debruçados *lacanianamente*(**) sobre ela, pensando e repensando. Diante da falta parece que nosso coração se rompe. Nós ficamos mais tristes por uma coisa que perdemos do que alegres por uma coisa boa que ganhamos. Vejam se não é verdade? Ganhamos um presente muito bom e perdemos uma coisinha de nada e ficamos mais tristes pelo que perdemos do que felizes pelo presente grande que ganhamos. Olhem para a vida de vocês, quando perdem alguma coisa, quando lhes roubam alguma coisa. É como se esquecêssemos tudo que ganhamos em nossa vida. Às vezes, uma pessoa vive quarenta anos, agraciada de bênçãos. Há um acidente, perde-se uma coisinha e rompe-se a vida, como se quarenta anos de vida perdessem o sentido.

Não queremos João Batista. Temos pavor de João Batista. Ele nos incomoda. Preferiríamos que não existisse. Mas o Evangelho começa a preparação do Natal colocando este personagem. Para chegarmos à beleza de Belém, à ternura do Menino, precisamos da palavra dura que nos diga: “Convertei-vos, mudai de vida, olhai os vossos limites, aceitai a vossa pequenez, sofri as vossas faltas!” Amém. (05.12.04)

(*) referência a uma criança presente na celebração.

(**) referência a Jacques Lacan, psicanalista francês.

A FORÇA DA MULHER NA TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO (Mt 1, 18-24)

Esta cena tão linda, tão vestida de poesia, de metáforas, de imagens, tanto por Mateus como por Lucas, é muito mais profunda do que podemos imaginar, inclusive olhando a história da cultura. Estava lendo recentemente um livro de uma filósofa e psicóloga alemã, e ela dizia que, até o segundo milênio antes de Cristo - portanto lá se vão quatro mil anos – reinava a cultura em que a personagem mais importante era uma mulher. Ela fala de *high sacerdotisa*. Essa cultura anterior era marcada pela presença feminina, pela ternura, pela convivência humana, até que, no segundo milênio antes de Cristo, os homens – masculinos – tomaram a rédea do poder. Aí nascem todas as regras de Hamurabi e começa o domínio machista, que vai durar pelo menos quatro mil anos. A humanidade perdeu muito de beleza e poesia.

O Evangelho, de uma maneira misteriosa, nasce incrustado numa das culturas mais machistas que existem, que é a cultura judaica, cultura semita. Nessa cultura o homem domina a mulher, que muitas vezes nem ouvir uma conversa pode. As salas têm cortinas, véus, para que os homens possam conversar livremente. Pois bem - sobretudo em Lucas, mais que em Mateus – esse Evangelho da Anunciação, ou mesmo do Nascimento, coloca duas mulheres como protagonistas e os homens na sombra. Lucas faz Zacarias ficar mudo, enquanto Isabel proclama o hino maravilhoso do *Magnificat*. Ela, a estéril, se torna fértil. Dela vem a vida de João Batista.

No Evangelho que acabamos de proclamar, Maria guarda o segredo que José não sabia. José é sombra, é secundário. O homem fica ao lado, e a mulher ocupa o centro. Maria está no centro. Ela guarda dentro de si a coisa mais linda que lhe aconteceu. O Mistério inefável que até hoje não conseguimos penetrar: como uma mulher entra numa presença de Deus tão grande que se faz mãe do seu próprio Filho? E o homem à parte, secundário, calado, sem entender, querendo abandoná-la, querendo deixá-la. Olhem que personagem secundário! Precisou de um anjo socorrê-lo na sua depressão, no seu abandono, enquanto Maria gozava da intimidade, da beleza, da ternura de Deus.

Se nós, homens, olhássemos e aprendêssemos essa lição, talvez tivéssemos uma civilização, uma cultura muito mais humana. E não pensem as mulheres que, para serem alguma coisa, devem se fazer masculinas. Algumas, ao assumirem o poder, ficam mais tiranas, mais masculinas que os próprios homens. É com sua feminilidade que criarão uma cultura diferente, uma sociedade nova, onde esperamos não tenha tanta violência. Nos crimes, a grande predominância é de homens, que assaltam, matam e violentam. Algumas mulheres se vêem

arrastadas por essa mesma violência e para isso têm que, também elas, ficarem masculinizadas.

Deus as fez para serem o que Maria foi – essa presença transformadora. Não secundária, não passiva, mas transformadora da realidade. É que antes pensávamos, ignorantes que éramos, que transformaríamos a natureza, modificando, estragando e quebrando as coisas. Nós transformamos o mundo é pela cultura e a cultura nasce da liberdade, nasce da pessoa. A cultura nasce daquilo que temos de mais profundo e de mais misterioso, muito mais da mulher do que do homem. A mulher é muito mais culta que o homem. Reparem bem que a palavra cultura é tirada exatamente da planta que nasce do campo. A experiência matriz da palavra cultura é feminina, é geração. Não é masculina. É a semente que nasce do seio da terra. É essa a raiz da palavra cultura e a mulher é muito mais cultura. Nós pensamos que dominamos com a cabeça, que somos capazes de raciocinar, estruturar, pensar mais organizadamente, que isso é o que vale mais. O que vale mais é a intuição, é a criação, é a fantasia, é o amor.

Maria não estudou, era provavelmente analfabeta. E, apesar disso, com sua grandeza de mãe, acolheu seu Filho Jesus e foi corajosa de estar ali ao lado da cruz do Senhor. Os apóstolos, aqueles *homões*, fugiram e se afastaram de medo diante da morte do Senhor. João diz *stabat*, que é um verbo muito latino. Não é o verbo estar, do português. *Stabat*, em latim, é estar em pé, é estar com coragem, é estar firme. *Stabat autem juxta crucem Jesu Mater eius*: Maria, a mãe de Jesus, de pé, firme, estava ali, ao lado do Senhor Jesus, mostrando a força que a mulher tem de transformar o mundo.

Quando Michelangelo quis deixar para toda a história da humanidade alguma coisa que nos marcasse até hoje, fez a *Pietà*. Qualquer pessoa que entra na Basílica de São Pedro, logo à direita, pára diante daquela estátua que não apresenta uma Maria velha, mas uma jovencinha, com aquele rosto belíssimo carregando em seus braços o Cristo morto. Só a coragem de uma mulher, que não se dobra diante do sofrimento da morte, é que pode redimir o mundo.

Natal é para nós, homens, a grande lição. O mundo se transformará pela intuição, pela criação, pelo amor, pela afetividade e nunca pela transformação material, tecnológica. Este mundo tecnológico fez armas nucleares, câmaras de gás, campos de concentração, essas bombas “maravilhosas” que os americanos usam para matar, no Iraque. Eles ainda têm o cinismo de chamá-las de bombas-mãe, porque elas explodem em milhares de bombinhas para acabar com mais vidas. Isso constroem os cientistas homens, enquanto o seio da mulher gera vida e não morte. Amém. (19.12.04)

UMA FÉ ABERTA PARA A HISTÓRIA

(Mt 1, 18-25)

O mais intrigante neste Evangelho não é o que ele diz, mas o fato de ser uma narração. Não estamos habituados a que religiões falem de narrações. Por exemplo, o budismo fala de uma iluminação que ajuda a pessoa a encontrar seu caminho. Outras religiões, como os muçulmanos, pensam que Deus ditou para o profeta Maomé todo o conteúdo do Corão. Maomé escreveu uma palavra que veio direta de Deus. As religiões sempre nascem de uma revelação direta de Deus a algum profeta. A religião cristã é diferente.

Começa a contar uma história: “o nascimento de Jesus foi assim”. A gente lê e leva um susto. É uma história e como vamos fundar a nossa vida em história? A nossa fé é fundada na história, nos fatos, nos acontecimentos. Ora, toda fé fundada na história tem, dentro de si, o germe do caminhar, porque a história é caminho. Ela tem o germe da interpretação. Uma fé histórica não pode parar. Uma fé doutrinal é congelada, pois uma vez dita uma verdade, ela é verdade para sempre. Uma história é sempre aberta, porque não sabemos o que pode acontecer. Quem sabe quando vão cair outras torres, se vão cair aviões sobre nós?

O Cristianismo acolhe a revelação de Deus, não como doutrina, mas como história que vai se desenvolvendo e nós vamos conhecendo Jesus ao longo de todo o tempo. Não sabemos corretamente quem é Jesus. Só saberemos no fim. As religiões sabem tudo desde o início. Elas partem de um início fundante, fundamental e repetem sempre este início. O Cristianismo é um contínuo caminhar. Por isso é mais difícil ser cristão. Porque não temos certezas claras das coisas que virão. Não sabemos como vamos entender e seguir Jesus amanhã. O que Ele vai nos pedir? Quem sabe? Se fosse doutrina, saberíamos. Quando pegamos um livro de matemática, sabemos. Aprendemos os teoremas e eles não mudam. Mas a maneira como vamos entender e falar de Jesus muda, como a Teologia, quase todos os dias. Para que possamos perceber que a nossa fé não é algo congelado. Este o grande equívoco dos católicos, que acham que, uma vez que aprenderam o catecismo, já têm a fé. A nossa fé não vem do catecismo, vem de um acontecimento.

“A história de Jesus foi assim...” E começa com uma mulher comum, normal – Maria de Nazaré. Poderia ser de outra cidade. Uma mulher que ninguém conhecia, ninguém sabia quem era. De uma família simples, provavelmente analfabeta. Assim começa a história. Isso é impressionante. Não nos damos conta. Estamos habituados a colocar estátuas de Nossa Senhora, sem lembrarmos que a história começou lá embaixo, numa cidade pequena, subúrbio do subúrbio. Ali perto estava a capital – Séforis. Nazaré era o interior do interior do Império

Romano. Pois bem, no que há de menor, começava a história maior das histórias. É alguma coisa que nos deixa perplexos.

Se acontecesse em Roma, entenderíamos. Era a sede do Império Romano. Se acontecesse em Atenas, entenderíamos. Era a sede do saber daquela época. Se fosse em Jerusalém, pelo menos, seria a capital, perto do maravilhoso Templo. Mas, Nazaré?! Por isso que, quando aquele discípulo fala que Jesus vem de Nazaré, o fariseu retruca: “Pode vir algo que preste de Nazaré? Pode ter alguém importante em Nazaré?” Um *suburbiozinho*, uma *biboca*. Pois bem, é de uma *biboquinha* que nasce a história. Maria fica grávida do Espírito Santo. José entra em crise, o anjo aparece para lhe dar uma *ajudazinha*. Parece história de criança. Mas é a história das histórias e é sobre ela que criamos, construímos os fundamentos de nossa fé. Esta história que, no dia vinte e cinco, vamos reler, refazer, recolher para que possamos compreender cada vez melhor um fato tão simples, que é o início da nossa religião. Amém. (22.12.01)

NATAL É MERGULHAR NO MISTÉRIO DE DEUS (Lc 2, 1-14)

Se repararmos no que as pessoas fazem, perceberemos o que elas querem, e me lembro de perguntar para vocês: o que vocês vieram fazer aqui nesta igreja? Aí eu penso: talvez tenham vindo comprar bolos de Natal. Não, teriam ido à padaria, pois aqui não se encontram bolos. Talvez tenham vindo comprar brinquedos para as crianças. Não, teriam ido ao *shopping-center*. Talvez tenham vindo encontrar uma comadre que não viam há muito tempo. Não, teriam ido à casa dela, o que seria mais fácil. O que vocês vieram fazer nesta celebração? Eu continuo pensando: vieram para rezar. Rezar em Deus, dirigir-se a Ele, colocar o coração diante de Deus. Não precisam vir à igreja para isso. Poderiam ter ficado em casa, pois Deus está em todas as partes. Não encontro resposta. Começo a imaginá-los entrando na igreja. Entraram carregados de problemas, perguntas, dúvidas, angústia, pois vivemos todos os dias carregando alegrias, esperanças e vamos entrando. Mas para quê? Para apresentar tudo isso a Deus. Mas não sozinhos. Vocês vieram para estar em comunidade, como comunidade.

Andei também perguntando: que dia é hoje? Hoje é 24 de dezembro, noite de Natal. Vocês vieram ouvir alguma coisa sobre essa noite de Natal. Há um profeta que disse que estava tudo escuro. Vocês começam a imaginar que há muita violência, a nossa cidade está muito escura, muito largada. Ficaram acobardados com a fala do profeta. Mas ele continuou e disse: “Nasceu uma criança”. E vocês pensaram: “Nasceu uma criança. Pode ser que tudo isso mude. Quem tem coragem de cometer uma violência contra uma criança? As crianças é que vão mudar nossa cidade”.

Mas vocês queriam mais. Queriam voltar ao início da história, há dois mil anos atrás, para conhecer aquela Criança que mudou o mundo. Mas disseram para vocês que não podemos voltar há dois mil anos atrás. O tempo sempre avança, ele nunca recua. Nós nunca seremos ontem. É sempre hoje, amanhã. Os dias vão escapando de nossas mãos como água que escorre, cai no chão e desaparece. Mas, mesmo sem voltar no tempo, podemos estar presentes ao nascimento de Jesus. De que maneira podemos estar presentes, se Ele já nasceu? Sabemos que só aqui podemos estar presentes. Nem em televisões, nem em *shoppings*, nem em outra festa podemos estar presentes ao nascimento de Jesus. É na celebração da Eucaristia que toda a vida de Jesus se torna presente e, portanto, também o seu nascimento. Quando tomarmos pão e vinho e pronunciarmos sobre esse pão e esse vinho as palavras de Jesus, é Ele que se fará presente a nós, na totalidade de sua história, desde o Mistério inicial da encarnação. Digo mais, desde toda a eternidade, porque Ele é o Verbo que se encarnou no seio da Virgem Maria. Os

anos verdes da gestação e o nascimento maravilhoso que ouvimos na narração.

Reparamos que a narrativa é cheia de símbolos. Belém plantada numa região cercada de deserto. Ali, naquele pequenino espaço verde, nasce a Vida para a humanidade. Se sairmos desse lugar, vamos encontrar um imenso deserto. É por isso que vocês vieram. Porque há muito deserto em volta de nós, e vocês quiseram encontrar uma beleza inteira – Belém, a casa do pão. Não o pão da mesa, mas o pão que alimenta o nosso espírito. Quantas vezes eu já disse essa frase: “o corpo se alimenta de comida, e o espírito de símbolos”? E esse Natal de Jesus é vestido de símbolos: pastores, os mais desprezados de todos; anjos cantando, criança nascendo, virgem dando à luz, José ao lado. Quantos símbolos, quanta beleza para cercar o nascimento dessa Criança! E aqui, nesta celebração, nos fazemos presentes a esse Mistério, e esse Mistério se faz presente a nós. Para quê? Para que, ao sairmos dessa igreja, não sejamos os mesmos que entramos. Para entrar e sair igual, é melhor não entrar. Para vir à celebração e sair pior, é melhor não vir. Se vieram, é para sair melhor, tocados pelo Mistério que ouviram, pelo Mistério que celebraram, pelo Mistério do qual participaram.

Saibam que, em algum lugar, nós imergimos dentro do Mistério de Deus. É como se fôssemos um grande nadador que se jogasse na profundidade do mar e mergulhasse no mais profundo do oceano. Esse oceano sem fundo é Deus, é o Mistério. Celebrando o Natal de Jesus é que alcançamos esse Mistério. Envolvidos pelo Mistério, seremos outros, pois só Deus transforma nosso interior. Podemos modificar-nos externamente, cortando o cabelo e, se tivermos dinheiro, até fazendo uma plástica. Mas só modificamos o externo. Por dentro só Deus pode agir e é aqui que podemos abrir o coração. Amém. (24.12.02)

CORAGEM PARA BUSCAR LIBERTAÇÃO **(Mt 2, 13-15, 19-23)**

Este Evangelho parece uma história de criança, se a gente o entende ao pé da letra. E mais ainda, deixa a imagem de Deus Pai muito ruim. Senão, vejamos. Como é que Deus só cuidou de Jesus e deixou que todas as outras crianças morressem? Isso não fica bem para Deus, não é verdade? Acho que nenhum de vocês faria isso. Eu acho que nenhum de vocês deixaria, no meio de uma dificuldade muito grande, que todas as crianças fossem assassinadas e agarrariam só o seu filhinho, deixando todos os outros morrerem. Acho que nenhuma mãe faria isso. Será que Deus é pior que vocês? Então não pode ser isso. Portanto, o que este Evangelho quer nos contar? É algo muito profundo!

O que é o Egito? O lugar da escravidão. Olhem que genialidade de Mateus! Ele pensa: Jesus só poderá realmente ser o Messias se Ele for lá embaixo, lá na origem e beber do sofrimento e da escravidão do seu povo. Depois, sim, Ele poderá libertar-se dessa escravidão e ser o grande Messias.

Qualquer psicanalista, ouvindo este Evangelho, vai logo dizer: “Mas que intuição generosa e maravilhosa!” Só nos libertamos quando mergulhamos nos egitos de nossa vida. Quando, na profundidade de nós mesmos, tivermos a coragem de enfrentar aquele momento duro para nos libertar. Quem vive na superfície de si mesmo nunca visitou o seu egito. Aqueles momentos de frustração, aquelas nódoas dolorosas que ficaram lá atrás, nos primeiros anos de nossa infância, que fazem tantos homens barbados chorarem nos divãs dos psicanalistas, quando começam a repassar as dores, as escravidões, as amarras da sua primeira infância. Jesus vai ao egito de sua história. Mas não é só ao egito de nossa individualidade, mas também da nossa coletividade, do nosso povo.

Por que nós ainda não nos libertamos, povo brasileiro? Porque ainda não enfrentamos o nosso *egito*. Ainda não chegamos até ao fundo para conseguir nos libertar. Não visitamos ainda uma colonização dominadora, espoliadora. Não visitamos a escravidão dos negros durante séculos. Não visitamos ainda a destruição das tribos indígenas. Não visitamos o racismo, o machismo. Nós temos que entrar neste *egito* para, de lá, sim, arrancar tudo isso do nosso mundo. Ainda não visitamos o nosso complexo de inferioridade, que quer imitar os Estados Unidos, que quer imitar a Europa, como se só eles fossem a beleza e nós, a feiúra. Nós ainda não visitamos, na radicalidade, tudo aquilo que nos amarra. Aqueles porões da repressão militar, a dominação do regime de 64. Ainda não nos purificamos das torturas, dos assassinatos, dessas mortes violentas, das nossas favelas. Ainda não fomos a esse *egito*. Nós temos que ir lá, para depois, sim, nos arrancar desse *egito* e aí ouvir a voz do anjo: “Vem para Israel, a Terra

Prometida, onde corre, de onde emanam leite e mel!”. Mas antes de emanar leite e mel para o povo brasileiro nós temos que passar pelo *egito* da purificação e da libertação.

Temos que passar, nós católicos, pelo *egito* dos crimes que nós, cristãos e católicos, cometemos. Não se escandalizem, porque quem fez essa viagem foi o próprio papa João Paulo II. No início do milênio, numa cena que talvez poucos souberam, mas de uma beleza maravilhosa, ele reuniu lá no Vaticano, na Basílica de São Pedro, os principais cardeais e pediu, mais que pediu, fê-los pedir perdão à humanidade pela Inquisição, pelas bruxas que queimamos, pela Reforma, pela divisão da Igreja, pelos crimes que a Igreja cometeu. Narram uma cena belíssima, quando ele abraçou o crucifixo e fixou o seu olhar no olhar de Jesus crucificado e pediu perdão por todos os pecados que a Igreja, que o Cristianismo, nestes vinte séculos, cometeu. Saibam que naquela época das Cruzadas – contam os historiadores – chegava-se a ver correr pelas ruas o sangue dos mártires que os soldados matavam, torturavam, pensando que assim defendiam o lugar de Jesus. Como é que se pode defender o local onde o Príncipe da Paz nasceu, com a violência, com o assassinato, com os crimes, com torturas? De maneira nenhuma. Nós temos que visitar também esse *egito* e depois, sim, livres, com a túnica branca, voltar para Israel – Israel da Eucaristia, da Comunidade. Que Evangelho lindo!

Jesus, Maria e José caminharam para o *egito* simbólico do passado do seu povo, para serem de lá arrancados. Por isso temos que passar também pelos *egitos* de nossas famílias. Qual família não tem as suas manchas, as suas máculas, seus lugares sombrios que não quer visitar e esconder? Teremos que entrar nesse *egito* para depois, sim, sairmos para Israel da pureza e da transparência. O Menino Jesus fez este percurso simbólico e carregou todos os males do seu povo. Se lermos a dinastia de Jesus, que o próprio Mateus nos descreve, lá há assassinos, criminosos, pessoas de má vida. Tudo isso existe na estirpe de Jesus: reis violentos, perversos. Jesus mergulhou em todo o seu povo para que bebesse tudo isso e pudesse, de certa maneira, purificar essas águas pútridas de sua história. Seria como um grande reservatório, onde mergulharíamos todos os nossos males até ouvirmos do anjo: “Vem para Israel, a terra de onde emana leite e mel!” Aí sim, poderemos construir primeiro a nossa pessoa, depois uma família refeita, os nossos amores reconquistados, reconstruídos. Se olharmos quantos amores errados tivemos, tantas vezes que machucamos as pessoas, tantas vezes que homens e mulheres se exploraram mutuamente como se fossem coisas, objetos, bonequinhos... Quantos namorados tratam suas namoradas como se fossem bonequinhos da Xuxa?! É hora de mergulharmos nesse *egito* e ouvir a palavra do anjo: “Vem para Israel! Vem para a Terra Prometida!” Por que de lá sim, teremos a beleza em plenitude. Amém. (26.12.04)

A FAMÍLIA PRECISA DE RITOS ***(Eclo 3, 3-7, 14-17a)***

O texto do Eclesiástico fala da família. Claro, é um texto antigo. Fala daquela família tradicional que era patriarcal. Aquela família que nós conhecemos dos tempos idos, dos interiores do nosso país. Uma família que tinha criado uma série de ritos, que ajudavam os relacionamentos.

A família moderna destruiu a maioria desses ritos. Isso dificulta um pouco suas relações internas. Já disse várias vezes algo que li e me impressionou muito: a maioria dos crimes violentos se comete dentro de uma família, entre paredes. Pais, esposos, filhos. A grande maioria dos crimes não são esses assaltos que se cometem por aí, mas acontecem dentro das famílias e ninguém fala, porque tem vergonha. Só através de estudos muito detalhados se pode descobrir isso. Por que a família moderna se transformou num lugar propício à violência?

Para mim a primeira razão, mais importante, é que a família rompeu com os ritos da reconciliação. O ser humano sempre teve uma tendência violenta. Viemos para o mal e não podemos nos esquecer disso. Antigamente aquela leitura bonita da Bíblia nos dava a ilusão de que Deus fez o homem diretamente do barro. Esse homem era limpo porque saía das mãos de Deus, como naquela belíssima pintura de Michelangelo que existe em Roma, na Capela Sixtina. Saído do dedo de Deus – isso é poesia. É uma maneira teológica de ver a criação. Mas nós realmente viemos do mal. Temos uma violência latente, a violência do animal que, provocado, ataca. Esse lado animal a humanidade foi organizando, domando através de ritos. Os animais não têm ritos, por isso continuam animais sempre, nunca perderão a violência. Pode-se domesticá-los à força. Mas no convívio entre eles, isso não é possível, porque não criam ritos.

E que ritos nós criamos? Rezar juntos. Como isso serena uma família! À noite, mãe, pai, filhos se encontram, rezam. Aqueles esforços do dia, as dificuldades, aqueles rancores interiores – a oração sopra sobre eles. Mas não há mais esse rito. Os rancores voltam para dentro, vão para a cama, para os sonhos, atrapalham as noites, agitam as pessoas. Acorda-se com a cara amarrada porque o ódio, o rancor, o mal-estar vão sendo acumulados. Não há rito para fazer sair.

Outro rito que tínhamos, e a família tradicional conhecia era a refeição em comum. Os pais assentados, os filhos em torno, conversando. Agora mal se acaba de comer, dispara-se para as *internets*, as televisões. Eu não sou contra a *internet*, mas sou contra a destruição do rito, porque se paga caro. É que não nos damos conta, não pensamos. Agimos sem refletir. Não pensamos nem refletimos como a destruição dos ritos familiares custa caríssimo às famílias. É sempre um preço alto. Porque as relações humanas precisam ser mediadas. O ser humano

não pode encontrar-se com o outro diretamente, porque ele é agressivo. Já está mais que provado por psicólogos, começando por aquela experiência com os ratinhos numa gaiola. Se estão apenas dois, eles ficam tranquilos, mas se são quarenta, ficam agressivos. Olhem as torcidas que saem em bandos quebrando tudo, porque a multidão – os ratinhos juntos – os transforma em animais.

Nós precisamos de ritos para mediar, melhorar as relações. É a palavra, é a conversa, é o corpo, é a fala, o estar junto, é o olhar. Todos os ritos que estão desaparecendo. Pai não olha para filho, filho não olha para pai. Pai não beija filho, filho não beija pai. O pai esbraveja e sai o garotinho correndo para o quarto. Como pode haver harmonia se os ritos que nós, durante milhares e milhares de anos cultivamos, agora jogamos pela janela? Nós esquecemos que a humanidade foi construída com muita dor, com sofrimentos. E foi através da dor e do sofrimento que fomos descobrindo os ritos. Não caíram do céu, não foram ensinados por anjos. Foi um duro aprendizado de seres humanos. E quando a gente aprende tudo, joga para um canto. A palavra, o encontro, a refeição, o estar junto, passar uma tarde conversando - tudo fica para trás.

Lembro-me da minha infância. Meus pais colocavam as cadeiras em frente da casa, e nós, crianças, brincávamos nos passeios. Havia antigamente até canteiros nas avenidas. As crianças brincavam sob os olhares dos pais. É um rito maravilhoso. Nós não podemos sequer imaginar como isso pacifica interiormente. No dia dos pais, numa escola, pediram que os filhos escrevessem alguma coisa sobre o seu pai. Uma criança escreveu assim: “Meu pai é grande quando brinca comigo!” Olhem que frase bonita! Na sua inocência, tudo que a criança quer é a presença. Mas o pai não quer. Como essa criança pode ser normal, como ela pode crescer numa família se esses ritos todos foram extintos? E a gente fica rezando a Deus, como se Ele pudesse suprir os ritos. Os ritos, nós criamos e temos que renová-los, recriá-los. Não digo que precisem ser os mesmos de ontem. Não se trata de voltar ao saudosismo. A história caminha. Se os ritos do passado não servem mais, criemos novos. Não tem outro jeito. Há de se criar novos. Se não somos capazes de criar novos ritos de encontro, nos animalizamos cada vez mais. Aí sim, haverá violência e violência, destruição e destruição, morte e morte.

Vamos criar ritos para que as famílias sejam salvas e assim possam ser alguma coisa do que foi a família de Jesus. Amém. (29.12.01)

UM DIA DIFERENTE (Lc 2, 16-21)

Na aritmética dos dias, o dia primeiro se segue ao dia trinta e um. Portanto, não há nenhuma novidade. Mas no simbolismo, o dia 31 de dezembro adquire um significado diferente. Não é como um 31 de agosto, 31 de julho. Parece um dia que recebe uma cor diferente. Como um primeiro de janeiro não é um primeiro de fevereiro, um primeiro de março. É um primeiro diferente. E por quê? Porque nós, seres humanos, vivemos criando símbolos. Nós precisamos de símbolos. As coisas são iguais, na sua materialidade, mas nós as transformamos e damos-lhes significados diferentes para que a nossa vida possa encontrar sentido. Essa é a palavra: sentido!

Olhando para o 31, cada um vai achar o sentido que já tem em seu coração. Talvez para a maioria das pessoas dessa sociedade consumista, é um dia de beber, de comer, de passar cantando e dançando, em festas. É como um dia de carnaval. Não há muita diferença. Quando a nossa vida é muito materialista, a diferença entre os dias é muito pequena. Quem pode muito, é muito rico, come bem todos os dias. Não faz diferença. O pobre passa uma semana assim, mais ou menos, no domingo a comida melhora um pouquinho. Então, faz diferença. Imaginem se para um Bill Gates (*) há diferença entre qualquer dia do ano?! Pode comer o que quiser, quanto quiser, quando quiser. A vida material destrói a beleza, o significado, a grandeza.

Nós temos uma grande chave para abrir este 31, que é a nossa fé e, sobretudo, a maneira como compreendemos Deus. Deus nos criou – acho bonita essa imagem – com duas asas. A asa da memória, que olha para o passado e a asa do desejo, que olha para o futuro. O dia 31 de dezembro nós estamos acolhendo com as duas asas abertas. Nós temos um ano inteiro nas mãos. E pedimos à nossa memória que recolha este ano. Recolha o quê? Recolha tudo o que fizemos de bem. Depois de recolhido tudo isso, o que vamos fazer? Vamos jogar tudo isso para dentro da infinita memória de Deus e nada disso se perderá. Nem uma *gotazinha* de amor que praticamos se perderá, porque a memória de Deus é infinita. Ele é capaz de reter todos nós, todas as ações boas, todos os esforços. Tudo isso será para nós eternidade.

31 de dezembro é um dia muito bonito. É o dia da grande memória de Deus. Essa memória de misericórdia, de bondade. É bom saber que nada de bem se perde. Que não fiquemos tristes: amamos nossos irmãos, perdemos pessoas queridas, mas nada passará. Para o materialista, tudo passa, porque a matéria passa. Mas o espírito não passa, o amor não passa. Já dizia o Cardeal Ratzinger (*) que “o amor faz eternidade, o amor quer eternidade, o amor é eternidade”. Deus não quer que isso seja eternidade. Já o faz agora. É um dia bonito. Por isso muitas pessoas se vestem de branco, para simbolizar a beleza desse dia, que

recolhe toda a bondade que vimos, ouvimos e praticamos no ano de 2002, que está terminando. E há muita festa.

E as falhas, os nossos limites, as nossas dores, os nossos fracassos, aqueles momentos de revolta, de incompreensão, de rancor? O que vai acontecer com isso? Será que Deus vai guardar e entregar para o demônio e nos cobrar no dia do juízo? Não, nosso Deus é diferente. Isso Ele joga na imensidão de seu amor. Volatiliza num instante toda maldade. Nós não conseguimos fazer desaparecer a maldade de nosso coração, porque somos criaturas, somos pequenos. Mas Deus consegue. De 2002 só ficará o que fizemos de bom? Sim, se quisermos jogar tudo o que fizemos de bem na memória de Deus e pedir a Ele que envolva no seu grande perdão todo o mal que praticamos.

Mas temos a outra asa – a asa do desejo. Desejo que, em Teologia, chame-se esperança. Esperança é uma virtude teológica, isto é, uma virtude que toca o coração de Deus. Não temos esperanças baseadas em realidades concretas, que podemos pegar, porque aí elas poderão falhar. Mesmo as pessoas nas quais mais confiamos também podem falhar, como todos os seres humanos. Mas a nossa esperança se funda na rocha, na palavra da misericórdia e na bondade de Deus. E essa rocha não cede nunca. É uma rocha firme onde podemos plantar todo o ano de 2003. Isso não quer dizer que não teremos tristezas, dores, sofrimentos. Isso pertence à condição humana.

A vida mais infeliz seria aquela onde só houvesse felicidade. Essas pessoas que estão vendendo felicidade em pílulas de vidrinhos são as que mais semeiam infelicidade. Essa compulsão para a felicidade é a mortal infelicidade. É por isso que há a droga. A medicina cresce porque as pessoas não conseguem dormir à noite, porque não têm paz interior. Paz, para a nossa felicidade, é ter essa certeza profunda - a certeza de Deus, sabendo que nas superfícies as ondas vão para baixo ou para cima. Se fosse tudo parado, seria um marasmo terrível. Mas a nossa vida é ondulante e também vive de baixas. A onda que abaixou será a mesma que subirá. E quando subir não vai ficar sempre no alto. Ela vai descer de novo. É essa oscilação que faz a beleza de nossa vida e faz a grandeza do mar. Um mar parado é bom por dois ou três minutos, mas a beleza aparece quando ele começa a se agitar. As baixas, as correntezas continuam firmes e essa correnteza é o amor, a certeza da presença de Deus. Amém. (31.12.02)

(*) milionário americano, proprietário da empresa de computadores
Microsoft

(*) eleito papa Bento XVI, em 19.04.05

A GRANDE E TOTAL PRESENÇA (*) (1Rs 19, 9^a.11-13^a/Mt 14, 22-33)

É ou não é uma parábola da nossa vida? Não somos nós que estamos aí nesta barca? Não somos nós que olhamos para a barca e não encontramos Jesus? Ele está lá no alto da montanha, rezando sozinho. E a liturgia é muito fina. Quando Jesus estava sozinho rezando, podíamos ficar curiosos, tentando saber como Ele experimentava Deus. Parece que a liturgia, colocando este texto da primeira leitura, quer nos responder. Ele não experimentou Deus na tempestade ou no vento forte. Deus não está na confusão, no barulho, no estupor. Não está em nenhum terremoto, que sacode tudo: a nossa existência, a nossa afetividade, a nossa fé, as nossas seguranças. Não é aí que Deus está. Nem no fogo ardente da paixão. Soprou uma brisa suave, do carinho, do amor, da ternura, da presença, da solidariedade, do estar junto de quem sofre. Aí está Deus.

Muitas vezes procuramos os grandes movimentos, os grandes acontecimentos, a gritaria, a barulheira, como se Deus estivesse ali. De repente, nos calamos. Entramos no silêncio, silencioso e silenciante e encontramos aquele momento de paz. Mergulhamos no mais profundo do nosso eu e esbarramos com a raiz única do nosso ser. Lá está Ele – Deus, o Criador, que nos sustenta, que nos faz existir, que nos dá força, que não vai deixar que a solidão nos domine, que as ausências nos matem. É Ele que está aí. A eterna presença, a forte presença, a grande presença, a total presença! Está aí, ocupando todos os vazios que possam existir, porque Ele é o Criador. Foi isso que Jesus experimentou nas alturas.

Mas não foi isso que os apóstolos experimentaram. Eles, como nós, muitas vezes, estão na barca da história, na barca das nossas experiências, das noites sofridas, da dor, do silêncio, do vazio, a barca da náusea da existência. Na barca... e o mar agitado. Mares imundos, mares de lama que invadem tantos lugares. Mares de tanta corrupção, de tanta violência, de tantas seduções, de tantos enganos. A barca está aí e nós, jogados de um lado para outro.

Quando Jesus aparece, pensamos que é um fantasma. Isso é terrível! Ele está aí, mas achamos que é um fantasma. Quantas vezes, a presença do Senhor nos parece fantasma?! Não acreditamos. Achamos que Ele não existe. Não é possível que Ele exista! Como pode estar presente neste momento de dor, de sofrimento? Ele não pode estar aí! Ele não existe! É um fantasma! Mas no silêncio do fantasma, brota uma voz que diz: “não tenhais medo! Sou eu!” Aí os *pedros*, as *marias*, as *martas*, que somos, reconhecemos a voz do Senhor. Reconhecemos que é Ele quando diz: “não tenhais medo!”. Se é Ele, de que vamos ter medo?

Pedro o desafia: “manda que eu ande sobre as águas!” Somos como Pedro, que não acredita que é Ele. Ele chama: “Venha, Pedro!” E Pedro vai, mas vai

com medo, com angústia, com perguntas, com dúvidas. E por isso, afunda. Mas Deus lhe estende a mão. O fantasma que fala, que anda, é o Senhor que nos estende as mãos e nos traz para a barca, que já está num mar sereno, que Ele, o Senhor, serenou. Não serenou na materialidade, porque a história continuará exatamente a mesma, com as mesmas ausências, com aquele mesmo lugar que agora está vazio. A vida não vai mudar, na sua fisicidade, na materialidade, nos acontecimentos. O mar continuará agitado, mas a presença do Senhor está dentro de nós. O mar serenou, porque o Senhor está na brisa leve, e não no terremoto, nem no vento forte, nem no fogo. Amém. (06.08.05)

(*) homilia proferida por ocasião da missa de 5º. dia de falecimento de Elza Martins de Aguiar, celebrada em Vespasiano.

DEUS É, DEUS AMA (Jo 11, 1-45) (*)

Eu prefiro considerar este milagre como uma grande parábola ou, se quiserem, uma grande metáfora da própria vida e existência humana. Jesus não veio ressuscitar os mortos, no sentido físico da palavra, mas veio, através deste sinal, revelar alguma coisa muito maior, que está sempre ressuscitando em nós e nas pessoas que morreram.

Lázaro hoje se chama Elza. Jesus será sempre Jesus. *As martas e as marias* são as pessoas que estão ligadas em amor, em família, em amizade. O Senhor chega lá e vê as pessoas desfeitas, em lágrimas, em prantos. “Se Tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido!” Mas Ele está. Este é o grande equívoco de Marta e de Maria. Ele estava lá. Mesmo que as pessoas morram, Ele está lá. Essa é a grande verdade. Ele nunca se ausenta. Os nossos olhos não vêem, os nossos ouvidos não ouvem, os nossos sentidos não tocam, mas Ele está aí. Por isso eu digo que é uma grande parábola. Aqueles que acreditam em Jesus vêem a glória maravilhosa, a glória infinita. Uma glória que ultrapassa os parâmetros, os horizontes dos nossos sentidos.

Quando um teólogo tentava e tenta hoje pensar a ressurreição, não encontra categorias. Antigamente, tínhamos aquela idéia de alma imortal, que se desprendia do corpo e ficava em algum lugar. Mas essa idéia nunca satisfaz muito. Hoje a antropologia moderna tem a visão do ser humano como uma grande unidade. Portanto, a morte não pode separar nada, porque somos uma unidade radical e profunda. Então o que seria a morte? Posso responder de uma maneira muito simples. Aqui, estamos ligados a tempo e espaço. Estamos aqui e não podemos estar em outro lugar. Nenhum de vocês está alhures, nenhum de vocês está ontem, nenhum de vocês está amanhã. Só estamos neste perene e contínuo hoje, que vai sendo sempre hoje, hoje, hoje. Só conhecemos hoje. Ontem já não é, amanhã ainda não é. Cada um de nós está ligado a este tempo e este espaço.

A morte nos liberta destas duas condições. D. Elza está aqui, e nós não estamos onde ela está. Ela não está mais ligada a tempo e espaço. Ela está ontem, está hoje, está amanhã. A maneira como vê agora as coisas, como ela vê a vida da Marta, do Fernando, é diferente. Toda a vida do esposo, toda a vida da família entram no todo, e o todo em Deus. Nós só vemos em partes. Não somos capazes de ver o todo, a totalidade. E essa totalidade não é só da família, mas de toda a história. Tudo o que aconteceu, todas as ligações, todos os elos. Por isso, quando Leonardo Boff quer definir o ser humano, no nível da escatologia, ele diz que somos um nó de relações. Nós não temos relações. Você não tem uma relação de amizade. Você não tem, você é!

Quem já me ouviu muito em Vespasiano sabe que eu não gosto quando alguém diz: eu tenho um filho. Você não tem filho, você é pai. Você não tem uma

esposa, você é esposo. O verbo ter é totalmente equivocado. Você é! O verbo ser é o mais bonito, o mais rico, o mais denso, porque é o único verbo que define radicalmente Deus. Deus é!

Quando o Antigo Testamento quis definir Deus, definiu-o como Javé – o que é, o que será, o que está sendo. E se repararem no Evangelho de João, várias vezes Jesus diz: “Eu sou!” Quando ouvimos esta frase, o nosso inconsciente e o nosso imaginário não captam. Por isso, quando Jesus diz: “Eu sou!”, os judeus pensaram em apedrejá-lo, porque era uma expressão exclusiva para Javé.

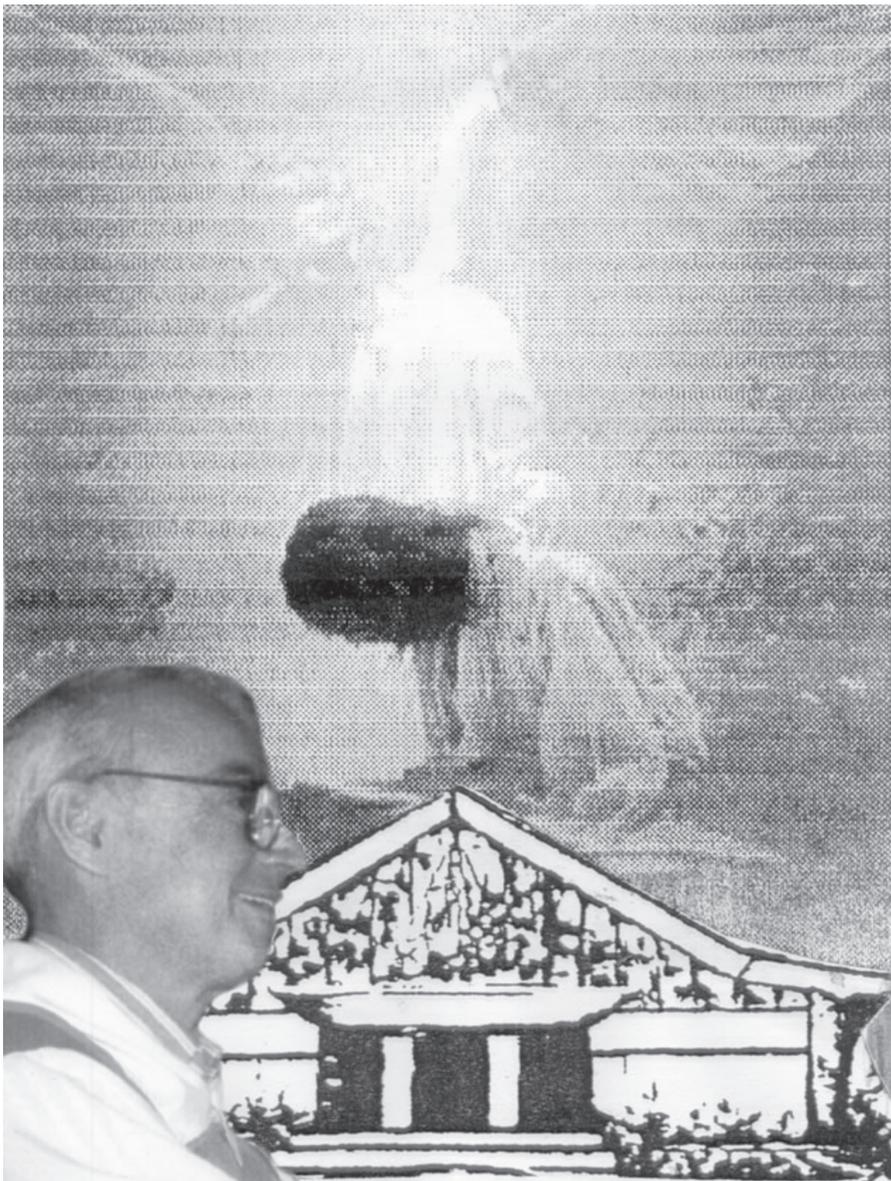
O verbo ser é o único verbo que participa da divindade. Todos os outros pertencem ao nosso mundo. Ganhar, perder, chorar, trabalhar, tudo isso pertence à nossa vida. Deus só tem um verbo na sua existência e um verbo na sua prática. O dicionário de Deus tem dois verbos: ser e amar. Não conhece castigar, punir. Isso é nosso. Isso vão fazer as CPI's, os policiais, os tribunais. O verbo ser pertence a Deus, porque Ele é. É o verbo amar, porque Ele ama.

Por isso, as pessoas que estão em Deus, são e amam. Não existe outra coisa. Quando D. Elza estava aqui na Terra, era como nós. Tinha suas limitações, seus ciúmes, suas mágoas. Tinha, tinha – sempre o verbo ter. Nós vivemos usando o verbo ter. Eu tenho, tenho, tenho. Este é o verbo da Terra. O verbo da eternidade é o verbo ser. Hoje ela não tem nada. Ela é. É diferente. Se atinásemos com essa mudança, com a passagem do verbo ter para o verbo ser, tocaríamos a fimbria do mistério de Deus.

E do Deus que é, João diz que Ele é *ágape*. João não achou na gramática ou na semântica grega um termo para o amor de Deus. Eles só tinham duas palavras: *eros* e *filia*. E o Novo Testamento achou que Deus não é nem *eros*, nem *filia*. Era muito pouco para Deus. *Ágape* é palavra inventada pelo Novo Testamento, porque Deus não coube nos verbos que o grego conhecia. O grego conhecia o verbo amar no sentido de *eros*, de falta, de carência; ou de *filia*, de amizade, de benevolência. Pouco demais para Deus. João diz: *o Theos ágape estin* – Deus é *ágape*. Deus não tem amor para conosco. Ele é amor. Quem morre nele sabe disso.

Então, Marta, e falo também para o Fernando, a mãe de vocês é mais agora do que era antes. Antes ela tinha uma relação com vocês. Tinha uma casa, andava. Agora ela não precisa de nada disso. Atravessa todos os verbos, para guardar um único, que a fará e a faz. Ela é em Deus, ela ama em Deus. Amém. (08.08.05)

(*) homilia proferida por ocasião da missa de 7º. dia de falecimento de Elza Martins de Aguiar, em Belo Horizonte.



“Não é o fato que é milagre de Deus e sim a percepção da presença de Deus no fato.”

Pe. Libânio

Vespasiano - 2005

